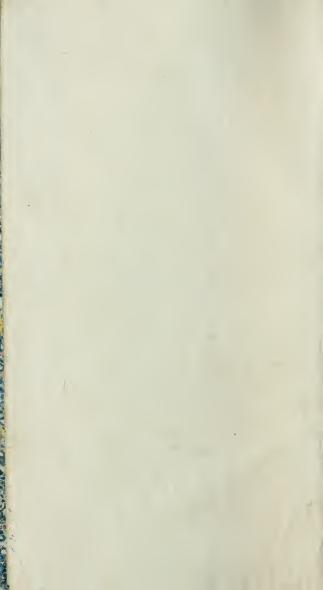




110.

Digitized by the Internet Archive in 2010 with funding from University of Toronto



# REFUTAÇÃO

DOS

PRINCIPIOS METHAFYSICOS, E MORAES
Dos

PEDREIROS LIVRES ILLUMINADOS,

A U T H O R
JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.

Sit fas audita logai.

Virg.



### LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA

ANNO 1816.

Com Licença.



### [ 111 ]

## PREFAÇÃO.

Onheço que, para me deliberar a escrever ainda, he preciso que o amor da verdade em mim prevaleça a todas as affeições. Pelo que tenho observado, vejo que os inimigos honrão; e como eu temo mais a consciencia, que a fama, ainda que esta tenha sido tão injustamente abocanhada, como todos sabem, pelos infames impressos dentro, e fóra de Portugal, entre os seus freneticos clamores, falla mais alto a minha consciencia, e eu cedo a seu imperioso mandamento; por isso escrevo, e escreverei. Sei donde se me dispárão os tiros, e com evidencia sei por quem seja formado o laço da pública, e occulta conspiração. Eu não a temo, por isso mesmo que a conheço. Hum dos seus primeiros, e principaes Canones he este: ataque-se calumniosamente este homem, e com a calúmnia destrua-se o tal ou qual conceito, que possa ter adquirido na parte litteraria; escolha-se hum mentecapto que o enchovalhe com insulsos dicterios, e com os mais repugnantes despropositos, que se não to-

A 2

lerarião na mais absoluta liberdade da imprensa; apadrinhem-se estes despropositos para se não conhecerem como outros tantos crimes civis; grite-se que quanto tem composto não mostra em si o mais ligeiro vidumbre de siso commum; diga se que são trivialidades os dois gravissimos Tratados — A Verdade, e o Homem; que os tres Poemas Oriente, Meditação, e Newton não o tição da classe dos desleixados versificadores; diga-se finalmente que he nada como Orador: diga-se isto, ainda que seja impossivel provallo; porque, como os mais livres ditos sempre fazem algunia ainda que ligeira impressão, sempre conseguimos infamallo, e com a infamia sempre se destróe o conceito público. Ora, sem que eu appelle para o juizo da Posteridade, bastame a voz da interna consciencia, basta-me o amor da verdade para não deixar de escrever, nem de procurar em meus escritos a pública utilidade.

Ainda que muitos, e gravissimos escriptores o não houverão dito, a experiencia commum o diria, que os males todos de que ainda não deixou de ser victima a Europa, vem das mãos ímpias, sacrilegas, e homicidas do *U*-

luminismo. As desgraças politicas dos Thronos, e das Nações daqui vierão: estas estão em parte reparadas com a força das armas dos mesmos Soberanos, contra quem se havião conjurado os Illuminados, e cuja ruina tinhão jurado, e hião promovendo. Mas a ruina dos Thronos não se buscava senão pela ruina dos costurces; e a ruina dos costumes não se promovia senão pelos absurdos principios methafycos, e moraes da incredulidade: negão isto os Illuminados; porém huma verdade, ainda que seja teimosamente negada, não deixa de ser verdade. Neguem o que qui-zerem, cu sei que o *Illuminismo* não he mais que o *Epicureismo* mal entendi-do: com este se pertende dissolver o laço da Religião, allucinar os incautos, e procurar converter os erros do entendimento na corrupção do coração. Pede-me o amor da verdade que ataque, e ataque devéras: eu não os temo; os que eu conheço, são outros tantos ignorantes. Ha annos apparecêrão nesta Ca-pital huns folhetos mal escritos, intitulados: — O Segredo revelado: só tem de meu este título, pedirão-me para elles o meu nome; como a intenção, e a causa erão justas, não duvidei dar o meu

nome; tudo aquillo não he mais do que huma rigorosa traducção da compilação de Barruel. Amotinei contra mim os Pedreiros Livres; e as cartas anonymas que recebi, e conservo, em que se me ameaçava a morte, só me fizerão rir. A Pedreiral conspiração tinha por motivo o que disse Barruel, e que hum curioso entendedor de Francez traduzio: eu não necessito de Barruel para combater os Pedreiros, nem de outras armas mais que as da razão para fazer desapparecer o Illuminismo, ao menos do entendimento, ainda que o não arranque do coração; porque nestes Se-nhores o erro he hum capricho, e huma teima, seguida, e sustentada com ma teima, seguida, e sustentada com tanto affinco que ainda hoje, depois de verem abatido, e pulverizado o grande Cóllosso que tinha os pés de barro, nutrem fantasticas esperanças de huma quimerica regeneração pela dissolução de todos os principios sociaes, e religiosos. Ainda se embalão com o embelêco, e ridicula imagem de huma dominação de que elles fossem, primeiro os agentes, depois os arbitros. Querem e buscão estes Demagogos pertinacissimos, que o jugo da consciencia se arremece, que até a mesma voz da lei natural se soffoque, para que á li-berdade de pensar se siga a liberdade de obrar. Ainda que a materia seja gra-vissima, como se verá do presente Tratado, não me posso abster de huma expressão fortemente irrisoria: tenho observado, e conhecido nos Illuminados hum Quichotismo methafyco, querendo vingar a humanidade (dizem elles) dos aggravos que lhe fez a Religião; mas nesta vingança dos aggravos consiste, e tem consistido a desgraça da humanidade. Tire-se aos homens a Religião, tudo será Anarquia politica, Anarquia moral, Anarquia social. De-vo pois arrostar-me com estes ho-mens. Se eu perguntar a hum *Illumi-*nado quem seja? Creio que me respon-derá o que respondeo Pythagoras a Cleonte: Sou Filosofo ; mas não Filosofo no simples, e natural sentido em que o entendeo Pythagoras, isto he, amante, ou estudioso da sapiencia: dir-me-ha que le Filosofo em sentido mais levantado, e sublime, \_\_ Possuidor da mesma sabedoria — Este mesmo Illuminado, modestissimo, o diz muitas vezes transportado, e cheio da persua-são do proprio mérito. Sim, soffra-o em paz a vergonha, ou o ciume dos

outros Filosofantes; seja este Illuminado o sabio, o homem superior ás preoccupações; seja finalmente aquelle gran-de genio, que entre as trévas communs descobrio o modo de combinar entre si as duas coisas, que parecião mais alhêas, e estranhas, isto he, tudo quanto de mais doce e suave podia gostar a humanidade, com tudo aquillo que de mais augusto, e santo tinhão a Religião, e a Virtude: ajunte, e ligue Virtude, e Religião perfeita com a mais exquisita sensualidade do Mundo; combinação na verdade maravilhosa!!! Mas combinação que deve ser maduramente examinada. Este exame, em que farei consistir esta refutação, se reduz a tres partes. Examinarei na pri-meira se esta Filosofia he coisa tão rara, e nova, como dizem os Illumina. dos. Examinarei na segunda, se os Dogmas desta Filosofia concordem com a verdadeira Religião, e verdadeira virtude. Examinarei na terceira, se destes Dogmas venha aos homens a que se promette tão extraordinaria, e nun-ca sentida felicidade. Destes exames deve resultar a idéa justa, e clara do Il-luminismo. He por ventura a Filosofia dos Illuminados huma obra prima? He

acaso huma invenção de nova sapiencia, e huma refutação da antiga? He hum systema de mais sábia Religião, e virtule, ou huma máquina de iniquidade, e de impiedade? He hum segredo que encaminha para a vida feliz, ou huma illusão que comsigo traz a miseria, e vituperio? He acaso huma obra digna da admiração, do apreço, e do amor do Mundo o mais culto, on obra digna do aborrecimento, e desprezo do Mundo inteiro? Eisaqui as grandes coisas, que he preciso conhecer. Não me tacharáo estes Scnhores de acrimonia, e nem por isto os Jornaes Portuguezes em Inglaterra deixarão de vir, como costumão, enfeitados de descomposturas, a que fazem éco alguns mentecaptos em Portugal. Neste escrito fallará a núa, e purissima verdade, e ver-se-ha, que se nos raciocinios humanos se descobre evidencia, nestes se encontra. Acceitem este trabalho os homens de bem; a sua approvação he a minha recompensa, á qual eu ajunto o testemunho interior da consciencia que me bráda, que posso dizer com mais razão que o Sofista de Genébra:

Vitamque impendere vero.

#### CAPITULO I.

A Filosofia dos Illuminados não he Original, he Cópia.

Ao he a antiguidade que nos desagrada; he a antiguidade que quer parecer novidade, e nenhuma outra coisa he hum Illuminado, hum antigo, que quer parecer novo. Se o escutarmos de perto, dirá que he hum genio que pensa criginalmente, que deve a si tudo o que he, que não tens outra guia mais que sua intelligencia, que penetra com a propria luz todas as partes do Mundo intelligivel mais incógnitas aos outros. Isto que de si assoalha o Illuminado o obriga a desprezar os outros homens, e a considerallos como rebanhos, que vão, sem saber porque, onde os leva o silvo do pastor. A' vista disto, ou eu me engano, ou o Illuminado não he isto que diz. Considero de hum cabo a outra toda a sua grande obra, seus principios, seus dogmas, suas razões, e

aquelle ár de orgulho, e de altivez com que nos trata como ignorantes e pequenos: quando observo suas maliciosas ironîas, sua affectação de humanidade, a pompa que faz de virtude, a ambiguidade de suas estudadas expressões, e cem mil artificios a todas as luzes ridiculos; eu não vejo mais do que cópias, e cópias de hum mui o mão original. Epicuro, (eis-aqui o Original continuamente incensado, e não plenamente conhecido), Epicuro, o famoso Epicuro, que eu farei mil vezes apparecer em scena para ser confrontado com as suas cópias. Esta necessaria confrontação não desagradará aos espectadores, porque com ella conheceião o o valor dos pensadores, e o mérito dos pensamentos. Vamos aos principios fundamentaes do Illuminismo, que são Deos, e o Homem; e para se não aggravarem, descubrão-nos estes senhores seus pensamentos. Considerão acaso hum Deos providente, que de Leis ao homem, e que o dirija? Considerão acaso o homem sujeito á justiça, e á providencia de Deos? Se desta arte o considerão, acabou-se desde já a nossa questão, e nada tem o Illuminismo com o Epicurismo; mas se isto

não lie assim, quaes são os principios fundamentaes do Illuminismo? Que Deos não cura, nem cuida do homem; que o homem he todo materia, que todo acaba na morte quando na morte se dissolve seu corpo. Estes principios, são os mesmos de Epicuro, e já ha mais de dois mil annos que Epicuro negou a Divina Providencia, e fez a nossa alma material e mortal para a tornar impenetravel, diz elle, ao temor da morte, e segura contra o pavor que lhe causavão os Ceos. Este mesmo agora reproduzido Epicuro não foi original, e assim como copiou Demócrito nos principios da Fysica, tambem foi cópia de Aristippo nos princi-pios da Moral; coisa tão sabida nos mesmos dias de Epicuro, que era pública fama ter-se appropiado, e dado por seus alguns escritos daquelles Filosofos. Avancemos com tudo o passo por mais remóta antiguidade. Acaso os principios daquelles voluptuosos, e impios de que falla a Escritura, não são os mesmos principios de Epicuro? Vejamos. Huns dizião : \_\_\_ Non videbit Dominus. Isto he o mesmo que negar a Providencia. Os outros assirmavão ... Spiritus diffundetur tanquam mellis

aer. Isto quer dizer, que tanto a alina, como o corpo do homem se desvanecem e acabão. A Filosofia dos Illuminados he tão velha em seus principios, como velha a impiedade; e a despeito desta decrepitude atreve-se a dizer que he nova, e mui de fresco imaginada! Só se he nova a capa da simulação e hypocrisia com que se cobre: mas nem esta mesma capa he nova; com ella se emb çou Lucrecio nos primeiros ver-sos de seu Poema, mostrando-se muito reccoso de ser tido por mestre de impiedade. Muito mais havia feito Epicuro, chegando com a audacia a se inculcar por mestre exemplarissimo de Religião, e de virtude; mas Reli-gião, e virtude fundada nos manifestos principies da impiedade.

### CAPITULO II.

Paralello da Religião de Epicuro com a dos Illuminados.

Or moda no seculo das revoluções: espalhar nomes em lugar de coisas, e inculcar pessimas coisas com especiosos nomes. Falla em Religião Epicuro, falla em Religião o Illuminado, e Re-ligião pura, e perfeita. Mas que entende hum, e outro, que tóma pela palavra Religião? Acaso o que entendêrão os outros Filosofos, Principes, Magistrados, e Póvos do Mundo? Não por certo! Tal he em qualquer individuo a Religião, qual he a idéa que fórma da Divindade, e da humanidade. O homem, ainda depois da morte corporal, sujeito ao Imperio de Deos; Deos, Legislador Supremo, e distribuidor da felicidade, e da miseria do homem ; eis-aqui as bases em que se estabelece, e levanta a importancia, e magestade da Religião. Ritos differentes, differentes sacrificios, e tambem

differentes fórmas, e caracteres da Divindade, ou supposta, ou suspeitada, ou fingida, segundo o capricho dos homens, (ainda que todas as nações existão concordes nisto, que vem a ser, no conhecimento de alguma Divindade dominante, dispensadora dos bens, e dos males), dão a conhecer que o homem naturalmente quer respeitar, e obedecer a hum supremo Nume. Nem outra coisa querião dizer os raios de Jove, as fréchas de Apollo, as espigas de Ceres, o Tartaro, e o Elysio. Que Deos indolente, e nullo se julgou digno de Templos, e de Altares?

Nós vamos ver qual eja a idéa do homem na Filosofia de Epicuro, e do Illuminado. O homem dizem hum e outro, não he mais que hum composto de simples materia, que todo se esvaéce, e acaba na morte, e por isto izento, e livre de qualquer Religião, porque só vive circunscripto, e limitado só á vida presente. Nada resta depois disto á Religião; porque tanto Epicuro, como o Illuminado, fazem tambem a vida actual independente da Religião pela estranha idéa que nos dão da Divindade. Hum Dos de quem se não póde temer, nem esperar coisa al-

guma, nem em quanto dura a vida, nem depois de finalizar a vida: eis-aqui o grande objecto da Religião de Epi-

curo, e do Illuminado.

Em quanto à idéa de Deos, deve observar-se entre Epicuro, e o Illuminado a maior diversidade, e ao mesmo tempo a mais exacta similhança. Os Deoses de Athenas, não erão os Deoses de Epicuro; exteriormente os honrava, mas dentro de seu coração os escarnecia; caracter que em Seneca reprehendeo Santo Agostinho: colebat, quod reprehendebat. Quaes erão pois os Deoses que Epicuro reconhecia? Hu-ma feira de Entes, sonhades por elle - Monogramos, que quer dizer Lineares, figurados, mas não visiveis, que tinhão, não corpo, mas quasi corpo, não sangue, mas quasi sangue, dester-rados para sempre entre mundo e mundo nos espaços imaginarios. Hum Aristófanes não podia pôr em scena mais rediculamente as Divindades da Grecia, nem Luciano os podia mais claramente expôr ao escarneo, e ludibrio dos homens! E Epicuro, o Filosofo Epicuro, profere, e dogmatiza taes des-propositos? Parece que, senão delirava, por certo zombava des Deoses, e dos homens!

Confesso que o Illuminado vai mui longe destas extravagancias, incompativeis por certo com o decóro filosofco da nossa idade. Ainda os de mais ardimento, e os que não fazem pública profissão de Athêos, fallão do Ente Supremo com aquella dignidade, que lhes prescreve, não só a mais sábia Filosofia, mas a mesma Profetica, e Evangelica Sapiencia. Ente Soberano, e unico, eterno, immenso, infinito, perfeitissimo em si mesmo, de tudo abundantissimo, e em si mesmo bemaventurado; tal he o quadro, ou idéa de hum Deos, que quasi todos os Illuminados nos apresentão, e nisto ha entre elles, e Epicuro huma palmar diversidade.

Passemos á similhança: Que fazem os Deoses de Epicuro a respeito dos homens? Nada. O seu primeiro principio he este: Eximirem-se de todos os cuidados em huma perfeita, e absoluta indolencia. Encerrão-se em sua habitação, quietos, tranquillos, hemaventurados no seio de hum ocio sempiterno. Occupação na verdede extravagante, mas muito digna de taes Divindades!

Ora perguntemos aos Illuminados,

que faça, e em que se occupe a nosso respeito esse Deos, que elles conhecem tão grande, e tão perfeito? Dicta algumas Leis? Promette algum bem a quem o honra, e lhe obedece? Ameaça algum castigo a quem lhe for refractario, e rebelde? Não me digão que a mesma dignidade Divina he Lei para todos, e que a razão, e a consciencia do homem remunéra o homem com a sua approvação, e o castiga com seus remorsos. Vãos subterfugios! Não, meus Senhores, não he isto o que eu aqui pergunto. Pergunto vos se o vosso Deos vos intíme expressamente algum preceito, e vos prometta algum premio, que possa galardoar vossas acções virtuosas? « Ah! exclamais vos enfaticamente, não convêm ao Supremo Ente abaixar tanto os olhos a coisas tão vís, como são as acções humanas! Por ventura he coisa propria de hum grande Monarca attender aos movimentos de hum pequeno insecto? He coisa indigna de Deos o homem, e quanto diz respeito, e se refere ao homem.» Entendo o que se me quer dizer: Deos, conforme a opinião de Epicuro, nem tem, nem emprega huma providencia individual. He grande,

he eterno, mas tão ocioso a respeito do homem, como os Deoses rid cu'os de Epicuro; com esta differença, que os Deoses de Epicuro nada fazem por motivo de sua ociosidade, o vosso nada faz, por motivo de sua grandeza; mas em nada fazerem são perfei amente similhantes. E, se tal he a Divindade dos Illaminados, qual será a Religião? Por ventura huma coisa grave, e séria que os obrigue, e que os interés-se? Nada disto. Se desta illuminada Religião se désse ao vulgo huma idéa clara, diria o vulgo que era huma coisa que o não fazia, nem quente, nem frio, porque a Religião he toda para Deos, e de Deos tira, e tem toda a sua força, e authoridade. Ora, se Deos nada faz, e nada exige de mim, que tem comigo, ou que tenho eu com a Religião? — Não, diz Epicuro, e com elle os Illuminados, huma coisa que por si he excellente obriga á veneração. E que coisa mais excellente que Deos? Ora toda a Religião consiste na vencração, e no culto que lhe he inseparavel. \_\_ Mas tudo isto he hum equivoco, e hum miseravel equivoco. Este d to dos Illuminados está bem na boca de quem tem de Deos hu-

ma bem d'sferente idés; porém a que se reduz esta veneração, e este culto nos Illuminados? A huma esteril, ainda que necessaria admiração, ou quando muito a huma homenagem inteira-mente arbitraria, qual se consagra á grande alma de Socrates, ou de Epami ondas; homenagem tão inutil a quem a consagra, como innocente a quem a nega; porque, torno a dizer, de quem se exige este culto? Que proveito, ou que damno causa a quem o cá, ou a quem o nega? Respondão, meus Senhores; eu honro esta Divina excellencia, resulta me disto algum bem? Nenhum. Logo, eu a venéro, e acato em vão. E se eu a offendo, resulta-me disto algum mal? Ne hum. Logo impunemente a offendo. Deste principio, tão visto pelos factos em o Illuminismo, tirou Tertuliano esta justa, e assizada consequencia: Negant Deum timendum, itaque libera sunt illis omnia, et soluta. Oh! Que condescendente Divindade! Oh! Que Religião tão cómmoda!

Tornemos a considerar a coisa de seu principio: huma humanidade, que he toda material, e que está fóra do alcance de todos os tiros do Ceo; hu-

ma Divindade, que por cómmodo seu, ou por decó:o não dá o mais pequeno sinal de vida; que, se te volveres a el-la, não te olha, se lhe pedires alguma coisa, não te escuta, se a adorares, não to agradece, se a offenderes, não se resente; que, se fôres todo probidade, não te premeia; se fores todo iniquidade, não se offende, nem te cas. tiga; tão indifferente para tudo, como seria huma estátua; venerar esta Divindade, e veneralla a teu sabor, e de tal maneira, que a podes francamente offender sem lei, sem dependencia, sem utilidade, sem esperança, sem temor: e he esta a coisa mais importante, mais tremenda, mais augusta, e sacrosanta que tem havido, e ha entre os homens, a Religião? Mas digão-me os Illuminados, he isto illusão, ou Religião? Ella nem vos obriga, nem vos toca, he como senão fosse, e para o dizer melhor, he hum equivalente da irreligião. Seja juiz aquelle mesmo que procurou lavar-se da mancha de impiedade, o Epicureo Lucrecio Poeta, sempre em contradicção comsigo mesmo, porém mais sincero que hum Illuminado. Louva encarecidamente o seu Epicuro; e porque? Porque ousou

primeiro levantar os olhos contra o Ceo:

Primus Graius homo mortales tolere contra

Est occulos ausus, etc.

O que em sua linguagem nada mais quer dizer, que ser destruidor da Religião; e Cicero com filosofica gravidade, e franqueza, melhor nos acclarou este mysterio. « Xerxes com os braços da sua soldadesca, (diz Cicero, comparando o Conquistador com o Filosofo), Xerxes com os braços da sua soldadesca, e Epicuro com as máquinas da sua doutrina, conspirárão para a ruina da Religião; só com esta differença, Xerxes com a cára descoberta, atacou o corpo da Religião, isto he, o culto exterior, e Epicuro, com o rebuço da Filosofia, atacou o espirito da mesma Religião, destruindo seus principios, tirando todo o freio á humanidade, e tornando ociosa e impróvida a Divindade.,,

E vossas máquinas, ó Illuminados, não são as mesmas de que se servio Epicuro? Os vossos principios não são os mesmos? Mas entre vós, e Epicuro ha huma estranha, e notavel differença. Epicuro deixou ao menos in-

tactos, e sus entou, o culto ex erno, os Templos, os altares, adorações, oblações, sacrificios.... Vós, pelo contrario, unicamente vos limitais ao culto interior, isto he, hum culto de que Deos não cura, e que nada importa so homem. E á vista disto, que nome vos darei? Chamar-vos-hei Epicuros, ou Xerxes? Sereis huma, e outra coisa, já que com vossos dogmas, e principios haveis destruido, ou atacado o corpo, e o espirito da Religião; e se presistis em querer o nome da Religlão, seja assim, mas confessai que a vossa Religião he a coisa mais vã que tem o Mundo: confessai que huma similhame Religião se compadece maravilhosamente com a impiedade, e que nada mais he, que huma especie de Átheismo, e Atheismo dissimulado,; ou mitigado; faz ressoar altamente o santo nome de Deos, mas he Atheismo; porque o Deos, cujo nome proferîs, he para vós como se não fosse, porque de nada cura, e a nada estende a sua providencia: e quão pequena he a differença entre o fazer nada, e o não ser! É tal he a differença que passa entre o vosso Deismo e o Atheismo; porque tem, e góza de todos os seus

privilegios. Ou não exista hum Deos, ou nada faça, he para vós o mesmo, igual liberdade, e igual soltura i Negant Deum timendum, libera sunt omnia, et soluta: esta era a intenção daquilles imp os de que vos disse fallára a Escritura - Dissolver-se ha, acabará nossa alma como se dissipa o fumo, e o Ente Supremo não attenderá por isto: Spiritus diffundetur; non videbit Dominus: e tão seguros como os Athêos que dizião: \_ Non est Deus. E atrevem-se os Pedreiros-livres a dizer: \_ Somos religiosos, somos até Christãos. - E gritão estrepitosamen. te: \_ Impostura, inveja, e fanatismo são os nossos perseguidores. — Assim brádão, se se lhes diz que seus abominandos principios são anti-Christãos. Ensinou acaso Jesu Christo o que elles ensinão? He por ventura o Evangelho conforme á sua doutrina? Creio que os Illuminadissimos Pedreiros são do jaez; e estôfa daquelles de quem falla Santo Agostinho, que se envergonhavão de se chamarem Christãos, para lhes não chamarem Platonicos, e Zenonistas: Cujus superbia nominis erubescunt esse Christiani. Neste affectado Christianismo, nem Zeno, nem Platão

descobririão seus mais ligeiros liniamentos, e feições. A Divindade, que estes Filosofos crião, não existia tão descuidada das coisas humanas, nem ideárão jámais a humanidade a hum mesmo tempo tão livre, e tão abjecta. Como podem ser Christãos os que não conservão, nem os primeiros elementos da Religião natural, e filosofica? Querem dizer-se Christãos para desfigurarem o Christianismo á sombra deste nome, e cravarem-lhe mais profundamente o punhal que escondem.

and the second second

### CAPITULO III.

São illusorias as desculpas dos II-

l Os argumentos que não tem réplica, me respondêrão já os Pedreiros Livres: \_\_ Nós não somos Theologos, não somos Theologos. E com effeito as enormes coisas, que dizem, são provas desta asserção, huma vez, contra sua vontade, ingenuos: porém como Thes observava o ar, conheci que inculcavão hum desprezo absoluto da Theología: esta era por certo sua intenção, e não o sentimento de sua ignorancia, e não observei no que dizem mais do que temeridade, e sacrilegio. Ponhamos de parte certa Theología de huma Dialectica Arabe, verbosa, vã, e sofistica, parto de engenhos, que se evaporavão em subtilezas, aresto subsistente de Arabica barbaria, de que ainda se aggravão certos homens, que mal se conhecem : he verdade com tudo, que, se nestes mesmos escritos

obscuros da escóla Arabe, fundamentada na Filosofia de Averroes, se descobre huma parte de Theología, frivola pela materia, e pela fórma, ou pelo objecto, e pelo modo, tambem se devisa huma Theología sólida, e solidissima, que se emprega toda em dogmas divinos, e sobre principios consequentes, sustentados, não com o conhecimento da antiguidade, e linguas eruditas, mas sobre a mais acre Dialectica, sobre a Crítica mais sensata, sobre a Methafyca mais profunda, e sobre a mais bem considerada Filosofia moral. E poderáő os Pedreiros escarnecer esta Theología? Não o farião, se elles fossem, não Filosofos em o nome e presumpção, mas Filosofos de penetração, e de sciencia. Não he ser Theólogo ter na ponta da lingoa hum vocabulario mal intelligivel, peor entendido; isto não he ser Theologo; ser Theologo lie saber amplamente e a fundo as coisas divinas, e as suas razões, he saber quanto Deos quiz revelar , e he licito ao entendimento humano comprehender. E quem de tudo isto não tem mais que huma leve tintura como se pode-rá entranhar nos mais reconditos, e profundos mysterios? Sapaterio, dizia Apel-

les, não te adiantes além dos sapatos. Louca presumpção, da qual nem os majores nomes vão izentos! \_\_ Eu sou grande Fysico, grande Geómetra, grande Politico, grande Orador, grande Poeta; logo como sou isto, tambem sou grande Theologo. — E porque não dizem tambem grande musico, e grande pintor, e para concluir ainda melhor, grande ridiculo? Com effeito, este grande Theologo me dirá, o que já me disserão os Pedreiros, que as controversias entre Cyrillo, e Nestorio, entre Athanasio, e Ario, erão controversias, ou questões de puro nome. Invenção aguda, e nova! Logo, he huma questão de nome, ou huma inepcia, deixar, ou tirar a ambiguidade, debaixo de cujos véos se esconde o crro!

Oh! Não he de Homem, nem de Politico, nem de Filosofo subir, e avançar-se até ao throno da Dividade! E porque não, se a isto nos leva como a primeiro, e universal principio a mesma humanidade, a Politica, e a Filosofia? Não caminhárão até este principio Thales, Pythagoras, e Sócrates? E não erão homens, não erão Politicos, não erão Filosofos? Os Illuminados tambem sobem aos Ceos; mas

sobem como intentárão subir os Gigantes, se não para abater a Divindade, ao menos para a adormecer sobre seu throno. — Nós fallamos, nós nos communicâmos, dizem outros, com todos os homens de qualquer seita, de quaes: quer opinides que elles sejão. - E que inferem disto os Senhores Illuminados? que Ilie devem fallar de maneira que lhes sustentem, e não reformem suas depravadas idéas? Isto não ensina o sizo commum. Quantos são os que não reconhecem nem Providencia, nem remuneração Divina? — He preciso ρεnetrar no angulo mais selvatico, e remoto do Mundo para encontrar estes Povos, não Povos, sem cultural, semlei, e sem humanidade, E esta he a genie, o Illuminados, a quem vos faliais? Os Hottentotes, os Caraíbas, os Topinambas são os vossos escolares, ou Mecenas? Ainda que assim fosse, eu deixo á vossa consideração se he licito fazer-se mestre do que se condemna, e espathar dogmas contrarios á propria Religião. Mas vós não vos lembrais dos Bachás da Turquia, nem dos Sátrapas da Persia. A flor, a flor do Christianismo mais culto, he o alvo das vossas miras, e para que fim? Por ventura, para fazer florecer nos jardins da Europa a selvatica barbarie Americana? Eu não vos crimino porque não prégais o Christianismo, mas porque espalhais Dogmas contrarios ao Christianismo. Não vos crimino porque fallais como homens, como Politicos, como Filosofos, crimino-vos porque fallais peor que os Pagãos; crimino-vos finalmente porque em som de livres pensadores procurais subverter toda a Religião, e quereis ser tidos por sequazes, e observadores da mais santa Religião, duplicado crime, bem como se notou em Epicuro, impiedade, e dobrez.

— Mas não se devem passar em silencio dois avisos dados por hum grande homem aos pequenos, e pouco illustrados mortaes; o primeiro he a muita facilidade de taxar os Filosofos de irreligião, e de Atheismo, facilidade erronea, e injuriosa de que até se queixou o grande Socrates em sua apología: o segundo, que ainda que os Filosofos fossem em seu pensar hum pouco livres, he do dever da Religião dissimular para conservar, por homa sua, amigos aquelles que são considerados, e tidos pelos primeiros dos ho-

mens. — Eu lhes agradeço de todo o coração estas benignas advertencias, e respondo ao primeiro, que a culpa não he sempre da gente que entende mal, mas que muitas vezes he do Filosofo, que pensa, e falla/mal: se hum Socrates foi accusado, e condemnado injustamente, não se segue que todos os Filosofos sejão Socrates, nem que á som-bra de hum Socrates devão andar seguros muitos Diagoras, e Theodoros. He de admirar, e espantar, que se queixe da facilidade de julgar quem he tão licencioso em fallar. Seja como for, eu creio que estou assaz premunido contra huma similhante querella, referindo. ine, não ás pessoas, mas ás opiniões: se estas não merecem a taxa de impias, convenho em ter taxado de igno:ante, e indiscreto.

A' segunda advertencia respondo, que os Filosofos, os sabios, e verdadeiros Filosofos, servem de escudo á Religião; por isso sempre a Religião os prezou, e os amou; a estes mais importa a Religião, do que elles importão á Religião. A Religião de que fallo nasceo sem os soccorros de Filosofo algum, e cresceo maravilhosamente, e triunfou de todo o Mun-

do contra os esforços de innumeraveis Filosofos; e não forão pequena parte de seu triunfo os mesmos Filosofos, sugeitos, e doceis ao seu jugo, ou revoltosos, e rebeldes. Mas como pode a Religião prezar, e amar Filosofos dissimulados, fingidos, inimigos domesticos, que debaixo de mão conspirão em sua ruina, e acabamento!

Alguns não se podem conter, e deixão quasi cahir a máscara dizendo: \_ É se a Religião que nos domina fosse frivola, e nociva? Não seria digno de grande louvor, e até de grande premio quem se votasse a reformalla, ou a extinguilla de todo? Nenhum louvor mereceria nem o da sinceridade; porque fingir sustentar aquillo mesmo que se quer atterrar, não he ser sincero. Que esperavão? Que a Religião se abolisse? Devião declarar-se com mais franqueza, sem vizagens, sem aventaes, sem mitras, e sem luvas. Ah! Sim, Epicuro não se atreveo a tanto por te-mor, e respeito humano. Pois esse homem que levantou intrepido os olhos contra o Ceo, intimidou-se, e esmoreceo á vista da terra! Adimiro a

filosofica magnanimidade! Mas tenhão agora comigo mais animo os *Pecreiros*, digão-me , julgão acaso damnosa, e va a Religião? Estes são pontualmente os dois sinetes que Epicuro lhe procurou imprimir, se damos crédito a seu infiel interpetre Lucrecio. Elle a taxa de va, arrogandose por isto o timbre da Sapiencia, como se houvesse rasgado o véo das mais veneradas preoccupações; taxa-a de nociva, arrogando-se rambem o timbre de humanidade, como se, qual outro Aristogiton, houvesse, sacodido do pescoço o jugo da mais cruel tyrannia. He este o major excitamento da escóla moderna do Illuminismo. Tudo nos Pedreiros he Sapiencia, e humanidade, com o que após se lhe segue, que vem a ser, izenção da lei suprema, nenhum temor da vida futura, todas as docuras da vida presente, em huma palavra toda a felicidade humana. Digão os Senhores Illuminados se não são estes os seus sentimentos? Assentão que a felicidade humana está excluida da Religião, e que só se encontra na sua filosofia, isto he., na irreligião se não se atrevem a dizer isto á cara descoberta, o dizem, e insinuão em suas tenebrosas vizagens, em seus ridiculos symbolos, e em suas abominaveis assembléas. Não podem ter sentimentos diversos dos de Epicuro, porque tem os mesmos principios.

- - - Inguishmenne raz-il

THE RESIDENCE OF THE PARTY OF T

the weather the second

AND ARTHUR SECTION AND AND

HARL MARKET / SELECT

## CAPITULO IV.

A Religião conduz mais para a felicidade humana que a Filosofia dos Illuminados.

S Pedreiros, segundo elles dizem, são os unicos depositarios da verdadeira, e sólida felicidade, e brádão que ninguem a póde encontrar fóra da sua escola. Eu me alegro muito com elles por tão ditosa sorte! Mas he preciso que me digão, se estão bem seguros que felicidade seja esta, onde, e como exista? Sobre este objecto, eu descubro como envoltos em sombras os mais famosos Filosofos, incertos sempre, e sempre discordantes. Epicuro decide tudo, e com elle os Pedreiros tudo decidem, limitando, e circunscrevendo esta felicidade á presente existencia; e parecendo-lhe que esta vida só se póde tornar agradavel debaixo dos auspicios da sua Filosofia, inferem que para a felicidade he propicia a mesma Filosofia, e que lhe he contraria a

Religião. Mas que discorrer he este? Quem sabe, exclama o Filosofo, e Poeta Eurip des, se esta vida lie morte, e se a morte he huma verdadeira vida? Fallemos mais claro. E se existir para nos huma outra vida, e hum outro Mundo, onde hum Supremo Senhor potentissimo, que se chama Deos, encher os que o amão, e temem de bens de outra natureza que não são estes que aqui se sentem, e cumular seus ultra-jadores, e inimigos, de penas gravissimas; como, não só Jesu Chri-to, mas Thales, Pythagoras, Socrates, e Plarão, e outros Filosofos gravissimos imaginárão, e julgárão; onde hiria topar aquelle raciccinio? Onde terminaria, limitando tudo ao tempo presente, onde a felicidade he tão breve, incerta, e precaria, como nos mostra não só a Filosofia, mas a quotidiana experiencia. Não seria nosso proceder mais imprudente que o dos meis imprudentes meninos dados todos a pueris divertimentimentos, para cahirem depois na idade madura na deslronra, e na miseria? He possivel que vós tão illuminados e tão sabios, vos entregueis de todo o coração a estas ninherias, sem curar de coisas tão sérias que ainda devem existir?

-Mas a Religião he pezada, e incómmoda! \_ Grande razão, grande coartada! Tambem para o menino he pezado e incómmodo o estudo das boas artes, e lhe são mais agradaveis seus brincos e pueris occupações; e por ventura são para elle felicidade estes brincos, e passatempos? Muito má seria a escolha de rir alguns dias, para chorar depois por muitos mezes, e annos. E quem vos diz, o Illuminados, que esta sorte não seja a vossa? Deixemos esta grande questão, e pois quereis com Epicuro, que nos façamos de alguma maneira meninos, restringindo-nos á felicidade do tempo, e lugar presente, consideremos as pinturas que nos fazeis tanto de nossa Keligião, como da vossa Filosofia. A nossa Religião, como já disse, legisladora, e remuneradora das acções humanas, he para vós huma tyrannia imperiosa, que perturba o espirito, agita a fantasia, inquieta o coração, enche-o de terrores, e o impelle e move a accões furiosas, e inhumanas, e vós, muito melhor que Epicuro, e que Lucrecio, correis a terra, e os mares para fazer huma colheita de quantas extravagancias, maldades, e attentados se executárão por motivo de

Religião, e concluís com o nobre epifonema de Lucrecio: \_ Tantum Religio potuit suadere malorum! E entre tantos males poderá haver felicidade? - Logo (continuão os Illuminados), sacodido o jugo desta tyrannia, tudo será suavidade, e repouso; que ditosa sorte he não ter que pensar mais que nesta terra, e nesta vida! Nós podemos metter debaixo dos pés tudo quanto se nos diz existente alem da vida como outros tantos sonhos de enfermos, ou loucse ficcões de romances. Peguemo-nos só a este terreno que se nos deo para habitação, e façamos que nelle domine a illuminada, e illuminadora Filosofia; ver-se-ha á sua sombra renascer a idade de ouro, a idade da alegria, e da tranquilla paz, sem censor, sem leis, sem temores.

Eis-aqui os medos com que muitos se apartão da Religião; e eis-aqui os atractivos com que tantos se deixão enredar nos laços desta Filosofia, como os companheiros de Ulysses com o canto das Serêas; mas só a chusma incauta se deixa fascinar destes sons lisonjeiros; os Ulysses, e os verdadeiros Filosofos não são de tão bom paladar; escute-se por todos, escute-se não hum.

Padre, hum Pastor, hum Doutor da Igreja, mas hum Politico, hum Orador, hum Filosofo do Paganismo, hum Pai, e conservador da Patria, hum Luminar clarissimo da maior Republica que existio, hum Marco Tullio Cicero, que levanta a douta, e livre voz contra as fascinições Epicureas: -« Que Filosofia he esta que se nos apresenta com tantos atractivos? Promette fazer me em hum instante bemaventurado ; porém que traz ella cóinsigo que seja feliz, e glorioso? Quid habet ista res aut letabile aut gloriosum? " Palavras de grande, e profundo sentido, e que expendidas darão hum decisivo golpe na tão preconisada Pilosofia. E o terrivel aspecto em que se representa a Religião, não he huma caricatura enorme, ou huma horrivel submersão? Considerem os Pedreiros o que dizem, e verão que nos insinuão, que o homem deixado, a si só he felicissimo, mas que perderá repentinamente esta felicidade, huma vez que fizer entrevir a Divindade nas coisas humanas. E não vos liorro: isa esta proposição? Como! Pois a Providencia de Deos he a infelicidade do homem? O homem não poderá ser feliz, se Deos não for

ecioso? O Ente que he por essencia optimo, e perfeitissimo, he hum pessimo Regedor do que elle mesmo creou? Podeis chegar a bla-semallo tanto, que indirectamente lhe chameis cruelissimo Tyranno, chamando tyranna a Religião que de hum Deos tira sua norma, e existencia? Idéa horrivel da Divina natureza, ou mais depréssa estranha idéa da humana felicidade! He preciso que tão grave materia se exponha em maior luz, e ja que he de dois modos a felicidade que se nega á Religião, e se attribue á Filososa, quero dizer, a felicidade pública, e a felicidade particular, comecemos o exame, e confrontação da primeira para abrirmos passagem á segunda. Como, e porque meios seja o homem feliz, ou desgraçado, são coisas que cumpre muito saber, e he muito nocivo ignorar. Day States and ending of the last

tend to the first of the second of the secon

at the way of the same at

## CAPITULO V.

Se á pública felicidade contribua mais a Filosofia dos Illuminados, se a Religião?

S Pedreiros produzem sobre isto o sentimento, o facto, e a-razão. Ora soffrão em paz que eu contraponha sentimento a sentimento, facto a facto, e razão a razão. O vosso primeiro sentimento, a vossa primeira persuasão he esta, que a Religião se ajusta pouco á felicidade pública. Eu respeito como devo a vossa authoridade, mas observai, eu vos rogo, huma coisa estupenda. Os Minos, os Lycurgos, os Pythagoras, os Socrates, os Platões, e tantos outros deste caracter, que não erão por certo nem Clerigos, nem Monges, nem Frades, mas que erão Politicos, erão Filosofos, erão Principes, erão Legisladores, todos elles erão de sentimento oppos o, e contrario ao vosso, e de tantos homens prudentissimos, e sempre desejosos do bem público,

não houve hum só que introduzisse em sua Republica a irreligião, ou descoberta, e patente, como fazem os Atheos, ou coberta, e embuçada como vós o praticais. Não houve hum só de tantos homens famosos, que não constituisse por primeira base de hum bom governo aquella mesma Religião, que vós teimosamente regeitais, quero dizer, Religião fundada sobre a divina remuneração e Providencia. Tocava pois a hum Epicuro, homem novo no Mundo, e tão alheio dos publicos negocios, como os seus Deoses, e tocava a seus Secrarios, com elle tão cabalmente parecidos, illuminar sobre hum objecto tão essencial os primeiros homens de Estado, os primeiros sabios, os primeiros legisladores! Grande e estranhissimo paradoxo! E vos, Illuminados, que tanto procurais engrossar, e reforçar o Exercito Epicureo, quem sois? - Homens illuminados, e illuminadores. \_\_Sim, isso sabia eu; mas nunca julguei que vos podesseis medir com as personagens que vos acabo de nomear, exemplos de experiencia, de sabedoria, e honrada humanidade. Vós não quereis a Religião como huma coisa prejudicial ao bem público, aquelles pelo contrario, querião a Religião eomo huma coisa utilissima ao bem público. Qual destes sentimentos seja o mais digno de fé, e de apreço, nós o podemos julgar pelo caracter dos individuos, huns Legisladores dos Póvos, outros Subvertedores das Sociedades.

Não nos esqueçamos desta primeira parte de parallelo, e avancemos o passo para a segunda muito mais sólida, porque se trata de facto. Em coisa nenhuma são os Illuminados tão eloquentes como em expôr os males occasionados pela Religião. Dirão, com huma erudição espantosa, o que se tem passado no mais recondito gabinete do Imperador do Mogol, o que se acha dito no conselho privado do Kan da Tartaria: nem os obrigue ninguem a lhe produzir os documentos authenticos; tudo he certo, porque só elles o sabem : conservão hum copioso deposito de historietas nunca vistas, que se chamão, ha pouco tempo, anecdotas; sabem mui bem servir-se dellas, fazendo com taes noticias, não imagens, mas grotescos da Religião. Não devo perder tempo, combatendo, em taes factos, o muito que nelles tem que combater a crítica discreta, e luminosa;

nem quero examinar se os verdadeiros males hajão nascido da Religião, ou de algum erro accidental, e particular em materia de Religião; se hajão nascido da Religião, ou de alguma paixão debaixo do pretexto de Religião; nem quero, outro sim, queixar-me da torpe injustiça de atribuir à Religião em geral, o que he vicio de alguma Religião particular, e, o que he ainda moito peor, de atribuir o vicio de huma Religião que o approva, a outra Religião, que o condemna: esqueçamo-nos de tado isto, e considere-se em si mesma a Religião. São acaso muitos, grandes, e horriveis os males, que rella occasionou? Sejão; eu não contesto hum só; mas digão-me os Il-·luminadissimos Pedreiros, são mais os males que a Religião causou, ou os que ella impedio? São maiores os males que ella trouxe, ou os bens? He preciso que insistamos nisto para decidir com prudencia, se a coisa he util, ou nociva. Se consideramos os males que acontecem, sem mais nada, que coisa póde haver que se não possa reputar nociva? Quantos estragos tem causado o ferro, e quantos incendios devoradores o fogo? Este mesmo Ceo visivel,

e material, se nos lembramos unicamente dos tufões, dos diluvios, dos temporaes desfeitos; este Ceo, que he a honra, e a salvação da Terra, nos parecerá por certo o luto, e o exterminio da mesma Terra. Logo, para julgar das coisas direitamente, se devem balançar os males com os bens, e se se compárão os males com os bens causados pela Religião, que juizo devemos fazer da mes-

ma Religião?

Eis-aqui sobre esta materia dois factos innegaveis, segundo entendo, e por si mesmos decisivos: o primeiro, que a despeito de todos estes males, ou verdadeiros, ou imaginarios, em todos os estados a Religião se tem conservado immovel, estavel, inconcussa, e permanente. Ficão leis abolidas, abolidas as modas, abolidos os costumes; e se alguma vez variou a Religião, nunca foi inteiramente abolida. Os mesmos Politicos mais irreligiosos quizerão sempre em público alguma Religião, te-mendo que sem ella se subvertesse a sociedade humana. He preciso concluir que a Religião, até politicamente considerada, he hum grande sustentaculo dos Estados.

O segundo facto ainda he mais

decisivo, pois se observou não só huma vez, mas innumeraveis vezes, quero dizer, a Religião esplendidamente ligada com a felicidade pública. Fallarei do antigo Egypto, tão celebrado por sua gloria, e riqueza, como por sua Religião? Quem não conhece a antiga Creta, e a antiga Sparta, ambas conhecidas por sua diulurna felicidade? E quando lhes começou esta felicidade? Quando ambas forão consagradas pela Religião! E quemo disse? Hum Filosofo, e talvez o maior que existira entre os Gregos, Socrates: assim o vemos no Dialogo de Platão intitulado Minos. Essaqui suas palavras convertidas em latim pelo grande Marcilio Ficino: — Creta per omne tempus est felix, acetiam Lacedemon, ex quo iis legibus, utpote divinis uti capit. E qual foi o tempo em que mais floreceo a Persia, Athenas, e Roma? Não foi a primeira no tempo do grande Cyro, a segunda no de Aristides, e a ultima no de Fabricio até ao Menór Africano? Forão verdadeiramente aquellas as idades de oiro, não, quaes vós a imaginais, sem censor, sem leis, sem temores, mas idades cheias daquella Religião a quem vós chamais tyranna, a

qual senhoreava não só o espirito dos póvos, mas o dos mesmos Soberanos. Appéllo para a fé da mais authorisada Historia: Heródoro, Xenofonte, Polybio, Tito Livio, C. Nepote andão pelas mãos de todos. Se acabou a felicidade e se extinguio a fé pública, e particular, se as dignidades se tornárão venaes, e se transfomárão em publicas officinas de latrocinios; se os Tutores do Estado se fizerão traidores, se, alterada a ordem, perturbado o repouso, quebrada a paz, os Cidadãos voltárão o ferro contra as entranhas da mái commum, qual foi o motivo? Ouvi, Illuminados, hum Epicureo illustre, tantas vezes escarnecedor satyrico da sua Religião, e depois accusador acerbo da irreligião que conheceo tão funesta á sua Patria, Horacio, o qual, confundido, e magoado á vista de tantas desgraças que opprimião a sua Patria, exclama: « Para que nos admiramos da aluvião; que nos inunda, se, despedaçado o dique, já não ha medo, nem respeito aos Deoses? E de que maneira poderemos reparar os damnos que nos flagellão? Em vão o esperas, ó Roma, (continúa o convertido Poeta) em vão o esperas, se primeiro não espiares os ultrajes feitos aos Numes. » Que mais? O grande Lyrico, com força, e sublimidade digna do argumento, não duvída atribuir á Religião toda a passada prosperidade, e de inculcar, e criminar a irreligião das presentes desventuras. Epicureos, e Illuminados que respondeis a este Epicureo, a este Romano illuminado?

Chama-me agora aquelle interprete, General, e Censor, o grande Bayle, o qual tem a ousadia de affirmar, que em quanto ao externo viviria huma Communidade de Athêos do mesmo modo que vive huma Communidade de homens que professão Religião. Se isto fosse verdade, ó Illuminados, seria falso o que afrirma's, que a pública felicidade não se póde concordar com a Religião. Se a vida he a mesma, porque não será a ventura tambem a mesma? Mas Bayle diz, que seria o mesmo viver; e como o prova? Onde estão os factos, e factos dignos, conspicuos, e authorisados? Eu tenho produzido a favor-da Religião, os Egypcios, os Cretenses, os Spartanos, os Persas, os Athenienses, os Romanos; citei os legitimos testemunhos, e posso produzir factos, e testemunhos ainda

mais solemnes. Onde guarda Bayle seus factos, e seus testemunhos? Decahirão acaso os Romanos do tempo de Horacio juntamente com a Religião? On-de estão os Hottentotes, os Caraíbas, os Topinambas, ou outra qualquer raça de gente, conhecida apenas quanto baste para excitar a nossa compaixão? Dir-se-ha que Bayle para prova do seu dito, tem da sua parte a razão? Mas eu respondo, que se exigem fa-ctos, e não razões; os factos, cuja linguagem he mais sensivel, e mais conveniente; e accrescento, factos de grandes populações inteiras, quaes são os que eu allego, e produzo. Que pouces homens escolhidos, conformes de genio, concordes em idéas possão por algum tempo viver civilmente sem Religião, isto não he o ponto aqui controverso; mas hum povo sem Religião, se se acha, só poderá ser no meio da mais bestial barbaridade, qual não vio, ou não fingio Fernão Mendes Pinto. Ahi se achará então a idade de oiro, ali a preconisada felicidade, e quem por ella tanto suspira, vá tranquillamente habitar no meio deste povo. Mas já que me provocão ao campo da razão; de bom grado entro neste campo, pois

## [ 41 ]

he confirmadora do facto; e juiza do sentimento. E que grandes objectos devemos tratar! O principio, a essencia; os meios, e os modos da pública felicidade.

## CAPITULO VI.

De qual das partes esteja a razão a respeito da proposta felicidade?

ARA julgar segundo a razão, se a Religião, ou Filosofia dos Illuminados contribua mais para a pública felicidade, comvém saber, qual das duas dirija melhor os animos dos homens para este esfeito? Quaes forão debaixo destes Ceos os artifices, e os arquitectos principaes da felicidade, ou miseria dos homens? Os mesmos homens. Verdade tão conhecida, que não necessita de prova. Não a salubridade do clima, não a benignidade das estações, não a felicidade da terra, não a oportunidade das aguas, e a commedidade dos animaes, concorrem tanto para o bem de huma Republica, quanto o recto procedimento, e ajustadas acções de seus Cidadãos; assim como não ha intemperie de estações, nom esterilidade, nem inundação, nem pestilencia, que tanto

damno faça a hum povo, quanto a má conducta de quem o compõe, o rege, ou delle vive confinante. Mais propicio foi a Roma hum unico Tito, que muitas rizonhas primaveras, e mais funesto hum só Nero que as mais furiosas tempestades. A mesma natureza cede de algum modo á acrividade humana. Nas fertilissimas, e deliciosas planicies da Thessalia se vio muitas vezes dominar a carestia, e a miseria; e nos despidos, e escalvados rochedos de Ithaca se vio florecer a abundancia, e

a prosperidade.

As fontes principaes de nossos bens, e males existem em nosso animo, alli se alvergão as inclinações, humas beneficas, ou maleficas, que põe em acção a firça, e o engenho, cra parastazer bem, ora para fazer male Para que criminamos a Religião, e lhe atribuimos as nossas desgraças? Ah! Filosofos! que não conheceis, não digo eu o amago, mas nem superficie da Natureza humana! Não vedes ao menos, não sentis as funestas paixões? A cobiça de ter, o desejo de dominar, o pendor aos prazeres, o odio, a lascivia, a ira, a inveja; eis-aqui as Divindades crueis a quem todos os dias se fazem

os mais crueis sacrificios; estes são os Tyrannos implacaveis, que opprimirão sempre o Mundo com intoleravel jugo, e infinitos males. Pelo contrario, onde existe a ordem, a paz, a segurança, o mutuo soccorro, que he o motivo, e fim principal da sociedade humana? O homem, por si só debil, e necessitado, busca nos outros seus similhantes aquillo que em si mesmo não acha, e se lhes une para receber bem, assim como lho tem feito. Nisto conspirão muitos, e disto resulta aquella união de forças capazes de sustentar a fraqueza, e de prover as necessidades de cada hum, e de promover todas as vantagens da vida pre ente. Mas donde nascem, torno a dizer, donde provem estas ventagens, senão daquellas inclinações beneficas applicadas á conservação do vinculo social que formárão? Fallemos mais claramente; as paixões malignas, ou mais depréssa, os vicios que dellas brotão, são a causa principal das miserias humanas : as inclinações benignas, ou para o dizer melhor, as virtudes que lhes dão actividade, e constancia, são a causa principal da felicidade humana. Se as virtudes se oppoem ao mal, e o vedão, tambem

inspirão, e ordenão o bem. «Porque são os Spartanos mais filizes? Porque são os mais virtuosos», respondeo o

sabio Agesiláo.

He preciso rectificar a idéa avêssa, que alguns formão da felicidade pública. Cuidão, que hum Estado he feliz quando superabunda o oiro, quando se edificão magnificos Palacios, e resplandecem amplissimos theatros, onde os Histrides, e Pantomimos luxuríão e fazem ressoar harmoniosos concertos; quando com mão de mestre respirão os bronzes, e fallão as tapessarias; quando por toda a parte soão jogos, bai-les, espectaculos; quando apparecem os Grandes com maior pompa, vestidos, e novas galas, que os seus antigos Reis. Oh! bemaventurado o povo que possue, e góza tão grandes coisas! Excessivamente feliz se as leis tem perdido sua primeira severidade, e de volta com a corrupção dos costumes se tem amolecido! Assim pensa o vulgo, e assim como o vulgo tambem pensão muitos que se tem em conta de grandes pensadores!

Escutem-me com tudo os Pedreiros! A mestra da vida, e do conselho, a Historia, nos ensina, que estes não são, nem podem ser os effeitos de huma felicidade estavel, e vigorosa, mas sim os symptómas de huma felicidade caduca, e moribunda. Por ventura não era este o estado da Persia quando cahio, e submeteo o pescoço ao jugo da Macedonia? Não era este o estado da Grecia, quando cahio nas mãos da mesma Macedonia, e depois nos ferros dos Romanos? Não foi tambem este o es. tado da mesma Roma, quando foi victima, ou prêza da ambição de Sylla, depois de Cesar, e depois da aluvião da barbaria semptentiional? Que direi da Caldéa, da Assyria, e do Egypto! Sparta foi por oito seculos ditosa sem isso a que vós chamais felicidade; cessou, ou deixou de ser livre quando começou a ser venturosa ao vosso medo. A superfluidade multiplica as precisões multiplicando os desejos, e o homem se torna frivolo como são as coisas em que se occupa. As muitas delicias são hum presente funesto que se devia mandar aos inimigos; estas delicias forão os exercitos que debellárão, e desbaratárão Annibal em Cápua Aquelle mesmo Péricles, que tão esplendida, e deliciosa tornou Athenas, e applaudido por isto do povo como pai da

Patria, foi no juizo filosofico de Platão digno do extremo castigo, ou pena capital, como mais prejudicial inimigo; e bem certo e bem claro se devisa, que felicidade de luxo, de moleza, e de pompa he falsa, e illusoria felicidade, em que costuma acabar e desvancer-se a felicidade verdadeira; esta, assim como a verdadeira saude, não consiste na morbidez da cútis, he hum estado de vigor, e não de delicadeza; de solidez, e não de apparencia; de estavel temperatura, e não de exuberante pletóra; esta, que parece tão prospera, enerva as forças, produz achaques, e acceléra a morte.

Cicero, discorrendo como politico, julgou ser bemaventurada a vida,
ou existencia de hum povo, quando
esta fosse sólida pela força e poder, rica pela abundancia, illustre pela gloria, e honesta pelo exercicio da virtude: Ut opibus firma, copiis lecuples,
gleria ampla, virtute honesta sit. Assim escreve eloquentemente a Attico,
inculcando sempre a virtude como fonte principal, e verdadeira origem de
toda a felicidade, quando considera como, de pequena, e limitada, chegára a tanta grandeza a Republica Ro-

mana. Socrates, para desengano do seu amado Alcibiades, lhe dizia desta maneira: — « Para a grandeza de huma Cidade não vale, nem a fortaleza e altura dos muros, nem o apparato das nãos, nem a opportunidade, e riqueza dos Arsenaes, nem a multidão do povo, nem a grandeza do Senhorio, sem o verdadeiro, e sólido escudo da virtude. »

E com effeito, donde podem provir todas as ventagens, senão da verdadeira, e ingenua virtude? Riqueza, abundancia, poder, gloria, são fructos ordinarios do amor, do trabalho, da industria, da parcimoria, da continencia, da vigilancia, do valor, da concordia, da equidade, da modestia, da subordinação fiel, e da nobre emulação; por isso Platão para guarda daquella Cidade, que elle queria tornar felicissima, collocon sobre todos os meios aquellas quatro viriudes principaes, mãis das outras, e suas regedoras; a prevista prudencia, a intrepida fortaleza, a medida temperança, e sobre tudo a igual justiça: porque, como bem disse Santo Agostinho (\*), (não me insultem os grandes Illuminados, por

<sup>(&</sup>quot;) Liv. 4.º de Civ. Dei Cap. 4.

citar hum Santo, pois este tambem era Filosofo, ou hum dos maiores Filosofos) se falta a justiça, que outra coisa são os Reinos, mais que huns solemnes e gloriosos latrocinios? Nem os mesmos salteadores, nem outros quaesquer facinorosos podem concordar entre si sem alguma particula de justiça, de outra maneira existirão em perpétua dissensão, e desordem. De tudo isto posso concluir que para a pública felicidade tão opposto he o vicio, como propria, conducente, e necessaria a virtude. Resta examinar, qual das duas coisas mais contraste o vicio, e mais contribúa para a virtude, se a Filosofia de que trato, ou a Religião, para inferir depois qual das duas conduza mais, e mais encaminhe o homem para a pública felicidade; mas para isto, cumpre ter sempre presentes as duas idéas, Homem, e Deos. Ora attendão, meus Senhores, a esta confrontação, da qual pende a resolução do grande problema.

A idéa que a Religião nos dá do homem, não póde ser mais vantajosa; porque, que coisa he o homem, conforme os principios da Religião? Hum Ente superior ás outras coisas sensiveis,

feito por Deos, e destinado para a mais alta sorte immortal; e tudo quanto conduz a inspirar-lhe sentimentos de moderação para comsigo, de respeito para com seus kimilhantes, sentimentos que, se não são virtudes, são muito proximos á virtude: pelo contrario, não podeis negar em vossa Filosofia, que o homem seja coisa muito abjecta, apenas apta a despertar as paixões animaes, e a excitar hum desprezo funesto de toda a humanidade. A idéa de Deos em si he pouco menos que a mesma de huma, e de outra parte; mas a respeito de nós, quão grande differença! Aquelle Ser soberano, segundo a illuminada Filosofia, he em relação a nós, como se não fosse, em nôs não cuida; pelo contrario, segundo a Religião, vigia de continuo sobre nós, e com toda a sua grandeza emprega-se em nossa conservação, e em nossa guarda.

Eu sei donde os Illuminados tirão-os motivos de suas querellas contra a Religião, taxando-a de promotora de delictos, e damnos gravissimos; mas tambem sei que se fez, e se deo mais injusta querella, porque a Religião he interprete de Deos, e não promoye senão aquillo que apraz a Deos.

E he por ventura Deos hum Ente vicioso, maligno, inimigo do homem, a quem agradem os delictos, e os males humanos? Por certo que não. Excepto alguma seita brutal que sobre isso teve algum brutal sentimento, o conceito que geralmente se fórma de Deos he em tudo pelo contrario. Aquelles que fizerão a Divindade viciosa em si mesma, a fizerão sempre opposta aos vicios alheios, principalmente a Divindade suprema. E com esseito, debaixo do Imperio das Leis Divinas, viverão, como acima disse, mais felizes e virtuosos os Cretenses, os Persas, os Giegos, e os Romanos. Mas ainda sôa muito peor a referida querella na boca de hum Epicureo; porque os Deoses de Epicuro ainda que ex:ravagantes, são, segundo elle diz, sapientissimos, e virtuosos; e que outra coisa podem elles querer mais que sapiencia, e virtude? Mas a idéa que vos dais de Deos, ó Illuminados, he a idéa de hum Ente maximo, optimo, e perfeitissimo; e assim como se não póde imaginar coi-sa melhor que Deos, tambem se não póde imaginar coisa melhor do que aquillo que á vontade do mesmo Deos se conforma: logo, não ha coisa que

mais conduza á virtude, e por isso mesmo que mais conduza á commum fe-licidade. Onde estão pois os males, e os delictos? Dizei-me, não tenho eu antes justos motivos de me queixar de vós, porque negais a Deos huma von-tade, e huma providencia, que deveria ser tão proficua ao genero humano? E se vós proseguis dizendo, que sem embargo de tudo isto, da mesma Religião provêm muitos males, eu vos poderia responder que não menos se po-dem suppôr provindos do Principado humano, e nem por isto se Ihe pretende tirar hum só ponto da sua força; tal he a condição das coisas mais uteis que se conhecem no Mundo; dellas se abusa para graves damnos, ou por erro, ou por malicia, mas isto não tolhe que as mesmas coisas de que se abusa não sejão utilissimas pela virtude que em si tem de produzir bens, e vedar males incomparavelmente maiores; e taes são sem dúvida alguma o Imperio, e a Religião. Deixai que vos diga, o Illuminados, que me parece huma grande simplicidade subir aos Ceos, para alli buscar a origem dos nossos males. O' homens admiraveis, vós fallais a todo o instante da gente

dada á Religião, como estimulada por ella a mal fazer. Que he isto? Tem o Loho necessidade de estranhos, ou externos estimulos para devorar cordeiros, ou tem necessidade o Tigre dos mesmos estimulos, para despedaçar novilhos? He mais que bastante motivo a natural fereza, e voracidade. Precisa a virtude de aguilhão, e de conforto; são doces os seus fructos, mas a sua estrada he ingreme, e escabrosa. Ao vicio, para o qual nos leva, nos inclina, e nos impelle para o pendor do appetite, ao vicio se deve lançar hum freio, e não applicar hum estimulo; não póde pensar de outra maneira quem não ignora o Mundo, nem a si se ignora. Onde estão pois, meus Senhores, estes freios dos vicios, e estes estimulos da virmde?

Elucidemos esta materia com duas imagens sensiveis, que são Anarquia, e Principado, e constituamos entre a Religião, e o Principado a confrontação, que deve dar á proposta verdade nova luz, e sustentáculo. Chamão os Gregos Anarquia a total negação do Principado, e todos os sabios julgão esta a peor sorte de hum Estado. E com effeito, finja-se huma Cidade onde nee

nhuma Soberania exista, nem Monarquica, nem Aristocratica, nem Democratica, nem mixta como a de Inglaterra: oh Deos! Que confusão! Que desordem! Quem te quizer rouber; te rouba, quem te quizer assasinar, te assasina. Não ha recurso, não ha Tribunal, não ha poder legitimo que te pessa defender. A ferça e astucia decidem de tudo. Eis-aqui hum Estado peor que toda a barbaria Africana, e Americana; perque os barbaros ainda os mais deshumanos, longe de quererem permaneçer em lum estado rão violento formão naturalmente huma especie de Principado debaixo de cujo imperio vivão mais tranquillos, e mais segu-

Observem, meus Senheres, a Anarquia; he huma coisa nulla, assim como o he a irreligião, incapazes huma, e outra de retirar o homem do mal, ou impellillo para o bem; e que mal póde fazer o que he em si nullo? E com tudo, este simples, e innocentissimo nada, he causa dos maiores males que podem acontecer aos homens. E porque? Por isso mesmo que he hum nada: hum nada, digo, quanto á influencia sobre os actos humanos, deie

xando com tudo a qualquer a plenissima licença de obrar tudo quanto lhe dictar o seu capricho; o que he tão proprio da irreligião, que o Illuminado sonhou. Perque, não existir Deos, ou ser effectivamente impróvido, não haver Principado, ou ser effectivamente ocioso, que faz isto ao caso? Igualmente, nenhum freio ao vicio, nenhum est mulo á virtude, he isto o que afugenta todas as virtudes do Mundo, e inunda o Mundo de vicios, e de desordens. Logo menor mal, he hum pessimo Principado, que a Anarquia, ou coisa similhante à Anarquia, e menor mal he huma defeituosa Religião, que a irreligão, ou coisa que a ella seja similhante: fallo de Religião má onde ao menos se conserve a idéa de hum Deos bom, e fallo de hum máo Principado, onde ao menos não esteja apagada a idéa da natural justiça. Sempre hum menor mal se deve antepôr ao maior, a mesma Nutureza o ensina; mas he rão difficil achar hum povo sem Principado, como he difficil en-contrallo sem Religião, digo, Principado que opère, e Religião que mova poderosamente.

Se nos apraz encontrar, e desco-

brir a causa desta necessidade, bem depréssa a acharemos clara, e sensivel em os mais vivos sentimentos do nosso coração. O amor prop io, o mais assiduo, activo, e impetuoso amor que existe, nos obriga incessantemente a buscar o nosso particular interesse, sem consideração aos interesses dos outros, e os outros, igualmente levados do mesmo amor, buscão com ancia o seu interesse sem nos considerarem a nós. Eis-agui pois contrarios interesses, contrarios desejos, e movimentos contrarios. E donde nascem es contrastes, e as guerras? Destas propensões vehementes que nos impellem a buscar o particular interesse, ou para faliar mais claro, das nossas concupiscencias. E as concupiscencias não são filhas cégas, e violentas daquelle cégo, e violento amor? He pois necessario não só illuminar este amor, mas corrigillo com mão déstra, e poderosa, para que, de principio que he de infinitos males, passe a ser causa de infinitos bens. E como se poderá corrigir? Dando á virtude aquelles atractivos, que favoreção o interes-se commum, e descobrindo o terrivel aspecto daquelles vicios que sustentão o interesse privado, com detrimento do

público, e de tal maneira, que se torne desejavel, e apetecivel ao amor proprio tudo aquillo que dantes lhe era odioso, e detestavel, e se lhe torne odioso o que dantes tão aciosamente buscava. Eis-aqui todo o segredo da humana política, dirigir, e encaminhar para o bem público tudo aquillo que ao mesmo bem público era opposto, e contrerio, e tornar os homens cooperadores

da reciproca felicidade.

Mas quaes são os attractivos da virtude, e quaes podem ser as detestaveis feições do vicio? A Natureza o diz, ainda que o não tivera dito hum Filosofo e Legislador, qual foi Solon: que os dois grandes móveis dos homens são temor, e esperança, e que não póde haver bom regulamento sem castigo, e sem recompensa. E qual foi a Republica no Mundo que se acha governada com diversos principios? Houve, assim he, alguma diversidade de recompensa, e de pena; mas sempre houve recompensa, e pena, que vivamen-te tocasse o homem, e que fosse capaz de lhe desperiar no correção, forte es-perança, e forte temor. Tirai ao cobi-çoso o emolemento, e vereis se corre tão prompto ao trabalho; tirai ao avaro a força, e vereis se deixa ociosas as unhas na rapina. Ha certas paixões de sua natureza tão bestiaes, que seria grande loucura governallas com outros meios differentes daquelles com que se levão as bestas. Ha outras paixões tão estranhas, e tão diversas, que apenas sabe a humana providencia achar premios, e castigos bastantes, ora para lhe excitar a cobardia, ora para lhes suspender a furia.

Torno a vós, ó Illuminados, dizei-me, julgais acaso necessaria, e util á politica humana esta providencia remuneradora? Fallai claro, dizei-ne, sim, ou não? Se dizeis não, sois não só extravagantes, mas estupidos: logo he preciso dizer que sim, que he n'cessaria, que he util na politica huma tal providencia. Não se póde duvidar, porque a experiencia quotidiana nos confirma esta verdade. Ora cu exijo de vós unicamente a recta razão, esta vos mostrará que se não he necessaria, ao menos he util a huma Religião Divina esta providencia. Não são os homens os mesmos? Não tem as mesmas paixões? Não tem a mesma necessidade dos mesmos incentivos, e dos mesmos freios. Para que admittis providencia

na Politica, e a não quereis admittir na Religião? Eu quereria escutar alguma razão, que fosse digna de hum entendimento illustrado.

\_A razão, dizem alguns Corifeos da Seira illuminada, he a mesma providencia humana, e se basta esta, para que lie recorrer á Divina? São féras as humanas paixões, e propensas ao mal? O remedio está prompto no governo humano: afagos, e recompensas, se se sugeitão ao dever, carcere, e fome se sacodem do pescoço o jugo: assim o vagaroso boi se apressa, e o o feroz cavallo se amansa, e o tigre maligno se faz innocente. Os premios, e os castigos humanos, tanto se fazem sentir aos Athêos, como aos Religiosos, se estes, e aquelles tiverem externamente huma relativa conducta, com isto se justifica Bayle, e se provê á pública felicidade. — Não, Senhores, lhes respodo eu, não Senhores; ainda que este discurso fosse recto, e justo, que concluiria? Concluiria quando muito que se a providencia Divina não fôra necessaria, ao menos seria util. Mas esta providencia, ainda que proceda de diverso principio encaminha-se ao mesmo sim, que he a virtude, e a felicidade; e hum fim de tanta importancia poderá deixar de se promover, e de se avaliar? O vosso discurso desmente a vossa preconisada sufficiencia. Mas vejo que se alonga muito a presente reflexão, levemos esta materia tão digna a outra reflexão particular.

## CAPITULO VII.

Se para a verdadeira felicidade seja bastante a humana politica sem a Religião?

Té que ponto se estende toda a humana política, e providencia? Unicamente á exterior superficie. Vós me mos o dissestes, o Illuminados. Nem de outra sorte póde ser, porque os olhos humanos não penetrão mais. E vós podeis contentar-vos só com a superficie? Serão muito mesquinhas vossas virtudes, e não mui differentes das do boi, do cavallo, e do tigre; virtudes que procedem de motivos externos, e que só nos actos externos consistem, virtudes que se podem mui bem conciliar com todos os vicios: submissão exterior, rebellião interior; por fóra affabilidade, por dentro inveja, e rancor; por fóra innocencia, por dentro malignidade. Meus Senhores, se estas virtudes vos bastão, tambem vos concederei que basta a vossa politica providencia. Porem não. Quando o vicio está dentro, cedo ou tarde sahe fóra, como acoitece em muitas féras, que não estão su hcientemente domesticadas; e a experiencia confirma assás o dito do Evangelho, que de hum coração vicioso, não sómente sahem os máos projectos, os designios, mas os furtos, os falsos testemunhos, os homicidios, e todas as pestes do genero humano. O mesmo Platão o disse, que aquelle que, nas coisas sensiveis, não levanta os olhos á Luz da Divindade, jaz nastrevas, e só executa obras tenebrosas. Ah! Quão limitada he a providencia humana! Ecta não chega, não digo á fonte das acções humanas, que he o coração, mas nem a todos os regatos, que são as mesmas acções externas, se são encobertas, e sem testemunhas. E com effeito, quantos crimes ficão perpetuamente sepultados naquellas espessas sombras em que nascêrão? Que direi daquelles que ainda que bem descobertos, e patentes, tem a segurança na impunidade? Que direi dos outros que á vista da dezejada ventagem desprezão o ameaçado castigo? Despreza o castigo, quem despreza a vida, e que pó-de fazer toda a severidade humana mais do que dar a morte ao corpo? Por quem será contido o povo, o impetuoso, e prepotente povo? - Pela força armada, ou soldadesca, direis vós. \_ E por quem ha de ser contida essa mesma soldadesca? Fazem horror os tragicos espectaculos, que em passados seculos deo ao Mundo a soldadesca Romana, e tem dado neste seculo. a soldadesca Franceza naquellas mesmas pessoas que tinhão mais direito a serem respeitadas. A' sua vista se calarão as Leis. E ainda quando estas Leis contenhão a força armada, podem acaso conter es Ministros, e os Arbitros soberanos? Digão-no os Tiberios, os Sejanos, diga-o hum Cesar Borgia, ou Bonaparte. Oh que tramas, que opressões, que estragos! Eia pois, providencia humana, dá prompto remedio a tantos males Opporás acaso, engano a engano, violencia a violencia, iniquidade a iniquidade? Eis-aqui os homens recahindo no seio de males mais horriveis, que a Anarquia. Bem disserão certos Filosofos; que o estado dos homens entre si, era o estado de guerra, e que para os mesmos homens era mais vantajosa a ignorancia que a sciencia, a vida selvatica que a cultura, a solidão que a sociedade. Sim disserão bem, mas na hypothese que tudo está deixado e abandonado, como querem os Illuminados, á providencia dos homens. Porque a dizer a verdade de que serviria em tal estado a cultura, e a sciencia senão para tornar os homens mais sagazes em seguir, e executar o mal? De que serviria a sociedade senão para viver o homem mais exposto a maior número de offensores? Desertemos das Cidades, vamos viver entre os Ursos como João Jaques, mais coherente que os outros, a si mes-

mo se persuadia.

Exige-se huma providencia sobrenatural, para que a sociedade humana
seja feliz, e virtuosa, huma providencia, digo, mais penetrante, que chegue com os olhos, aos ultimos escondrijos do coração, e dê Leis aos pensamentos, e aos affectos: huma providencia mais universal, que tenha em
sua guarda, ou debaixo de seu imperio,
o pequeno, e o grande, o forte, e o
fraco, o vassallo, e o dominante: huma providencia mais efficaz, que tenha
em suas mãos os bens, e os males capazes de fazerem tremer até hum Cesar no meio de suas victorias, e hum

Nero sontado em seu throno: huma providencia finalmente, sempre vigilante, recta, igual, incorruptivel. È que providencia deve ser esta senão a Divina? He tão grande, tão poderosa, tão terrivel como a mesma Divindade. Assim como nenhum poder he igual ao seu, tambem nenhuma recompensa lhe he igual; nenhum motivo de esperança, e temor lhe he igual para freio, ou estimulo dos corações humanos.

Isto sentírão, e reconhecêrão todos os homens; por isso em os pactos mais sacrosantos sempre recorrêrão ao juramento, e de quanto proveito não he elle para a Republica! Confirma a pública e privada fé; assegura aos Generaes o commando, o throno aos Soberanos, e entre Monarcas, e Monarcas a paz. Que dizeis vós do novo vigor que a Divina authoridade communica a todos os deveres humanos? Não he pois de admirar, que todos os Le-gisladores com unanime consentimento estabelecessem huma providencia tão essencial, leis, costumes, penas, re-compensas, meios, remedios; e tudo melhor que soube inventar a providencia humana para felicidade de hum Estado; aquelles atiladissimos homens devisárão; mas todos os seus edificios lhe parecêrão ruinas se lhes faltasse o alicerse da Divina Providencia. Jove, Ceres, Apollo, hum Deos, em summi, lhes pareceo necessario, que fosse de tudo quanto inventavão author, approvador, e sempre vingador. Que mais? Até a Politica mais irreligiosa, se cobrio com o manto da Religião, não se juigando, com qualquer outro meio, bastantemen-

te segura, e efficaz.

Vás imaginações, dizem alguns Illuminados! Faz as mesmas desordens o que professa, e o que nega a Religião. Sim, The respondo eu, de quem professa Religião que he vaidade, ou hypocrisia. E como, e com que cara o podereis dizer de quem professa Religião sólida, e sincera, vós que a todo o instante lançais em rosto a seus professores superstição, e fanatismo? He signal que a Religião não está ociosa em seus animos, porque os transporta ainda além dos prescriptos deveres, porque, superstição, e fanatismo são hum excesso de Religião. Mas tornemos ao facto. Meus Senhores, mostrai-me, se podeis, dois povos, hum com Religião, outro sem Religião, réos das mesmas desordens? Dizei, onde estão estes po-

vos, e quem são? Se dizeis que o ignorais, não temeis a taxa de impos-tura, ou ao menos de frivolidade? Ora, eu vos d'go, e vos affirmo que povos desta natureza, nem existem no Mundo, nem podem existir, porque não he possivel que obrem de hum mesmo modo duas multidões, movida huma dellas pelos mais fortes motivos, que não tocão a outra. E que motivos mais fortes póde haver que os da Religião? O commando de hum Senhor supremo, a sua graça, ou desagrado, a propria felicidade, ou miseria, são acaso coisas a que possa ser insensivel quem não he mentecapto, e furioso? É se dizeis, que sem embargo de taes motivos os homens commet em horrendas maldades, mui bem que dizeis a verdade, mas não são tantos quantos vós quereis dar a entender. E sabeis quem são os que mais furiosamente as commettem? Aquelles que pouco, ou nada pensão, e ainda mais aquelles que vão como vós filosofando. A deminuição da Religião, he o acrescimo da maldade. Póde nascer esta maldade no seio da Religião, não volo nego; mas ao menos não póde nella repousar tranquilla, não póde reinar, e se podesse não moveria contra a Religião tão féra, e intestina guerra. Mas para que quero eu diminuir, e vos multiplicar os delictos daquelles que professão sólida, e verdadeira Religião? A mesma multiplicidade de delictos subscreve a sentença da vossa condemnação. Pois não bastão os fortissimos motivos da Religião, para refrear as paixões humanas? Logo muito desmedida deve ser a impetuosidade, e força destas mesmas paixões! E vós que fazeis? Tirando a Religião, tornais mais violenta a torrente, desbaratando os mais fortes diques, e reparos. Senhores, onde está, não digo o senso filosofico, mas o senso commum? E he a vossa Filosofia aquelle milagre de sapiencia, que sobre a destruição da Religião deve fabricar a felicidade do genero humano? Estranha felicidade para quem tira do todo o obstaculo da cubiça, e concupiscencia, se abre a si mesmo a porta a todas as desordens? Eu espero, Senhores, que tenhais alguma coisa melhor com que me repliqueis.

## CAPITULO VIII.

Sobre deixar a Religião ao povo; e deixar para os outros a Filosofia, e filosoficos motivos.

UASI todos os Illuminados confeses são com alguma ingenuidade, que a Religião he necessaria ao povo; e huma Religião não arbitraria e vã, mas cheia de observancias, sevéra em suas Leis, armada de raios, e acompanhada de recompensas; porque de nenhuma outra maneira se poderá amansar, e conter besta tão féra, e intratavel como a multidão, desprovída de idéas, instavel de genio, e sempre violenta em suas paixões. Mas para os outros que não são povo, não se requer esta Religião, nem lhe está bem abraçalla, e seguilla; porque sabem regular-se com outros motivos mais nobres, que lhe subministra em larga cópia sua sublimissima Filosofia. Assim discorrem até os Iliuminados do grande Club de Holbach. Mas pergunto, isto chama-se huma retirada, ou hum

completissimo desbarato?

A mesma proposição traz no rosto toda a sua turpitude. Como he isto? Religião para huns, e não Religião para os outros? Donde vem esta differença, ou esta distincção? Se he huma, se he a mesma a natureza de todos, para que he sazer lhe tão contraria a sorte? Nunca os outros Filosofos fizerão huma similhante distincção. Tristes Illuminados, se Platão, ou Socrates vos ouvissem, que dirião de vós? Platão, que julgou que era da essencia, ou natureza de hum Filosofo, o amor da verdade, o odio da impostura, a abominação da mentira, certamente vos riscaria do Catálogo dos Filosofos, para vos constituir apenus na classe, ou número dos Sofietas. Esqueceo-se acaso a Filosofia de seus principios, e aprendeo a ser corteză? Sim, e já do tempo de Tertuliano se dizia: aquelle que se mostra com o rosto austéro de Filosofo, e te parece o Censor do Mundo, não he mais que hum vilissimo alcoviteiro: Leno est Philosofus et Censor. Por certo fico aturdido quando escuto o Illuminado apostrofando o

povo, annunciando-lhe supremas leis, e dizendo-lhe: \_ Guarda-te de violar a mais minima, senão... Demonios, abismos, chammas devoradoras. Depois voltando-se ao que não he povo dizer-lhe \_ Olha que estas leis, estas ameaças não são para ti, obra como quizeres; que para ti não ha que t. mer; attende ao pr sente, e vive seguro, e tranquillo sobre o futuro. Homem bilingue, que he o que escuto? Leis sim, e leis não! castigos para estes, e não para aquelles! providencia para huns, e não para outros! Por ventura Deos he parcial, e lisongeiro como he o Censor, e o Filoscfo? A mais designal equidade humana não chega a tanta complacencia, a todos se intimão leis, cadêas, carceres, patibulcs, e he justo, que quem commette hum delicto indigno da sua qualidade incorra em hum castigo digno do seu delicto, se acaso não parece ao Illuminado hum dever dispensar aquelles que não são povo até das Leis, e penas humanas, a ponto de lhes. ser livre quanto quizerem, porque o querem filosoficamente. E com effeito' o Illuminado arroga-se o direito de subir ao Ceo, e de lá distribuir terror, ou segurança a quem bem lhe parecer, fazendo a seu sabor a Divindade ora

próvida, ora ociosa.

Nos não dizemos isto, replica o Illuminado, dizemos sómente que con-duz para a pública felicidade, que o grosso povo viva persuadido disto. En-tendo; tu hés hum pregoeiro espalhador de verdades, e queres encher o povo de mentiras; dizes que he bom prender ainda mais quem está prêzo, aggravar quem está aggravado, atemorizar ainda mais quem está tímido, ajuntar o rigor da Providencia Divina a quem jaz curvado a todo o pêzo da providencia humana!! Rectidão, esinceridade verdadeiramente singular! Desculpão-se alguns dizendo, que o povo rude não he capaz de entender os mysterios da sublime Filosofia, e que só he capaz de abusar della em perjuizo dos outros. Desculpa na verdade bem suspeita! Pois os dogmas cardiaes sobre que se deve reger a vida humana, são mysterios imperceptiveis, e perniciosos ao povo? Mas para quem são estes mysterios? Respondem, que para aquel-les que não são povo. — Porém di-gão-me, quem são os que não são po-yo? Este discernimento he muito dif-

ficil, já que o ser, ou não ser povo depende da qualidade, e da cultura do coração, e do entendimento, pois muitos que resplandecem por titulos, e riquezas, são mais povo que seus mes-mos domesticos, e creados. E quem he o Juiz destes que não são povo? Quem os distingue, quem os escolhe? Vós. Mas quem vos escolheo a vós? Eis aqui huma coisa que me parece muito escura, e ambigua. He preciso conhecer quem sejão estas almas escolhidas: figuro me que serão os Catões, e as Cornelias da nossa idade; homens os mais graves e rectos, e que tem consumido, ou atenuado a vida em profundos estudos, matronas irreprehensiveis, prodigios de sizo, e espelhos de honestidade. Mas ah! Enganei-me! São Donzellas vás, maucebos frivolissimos, que todo o seu estudo peem no toucador, nos naipes, e nas novellas, e que todos os dias por muitas horas contemplão outras idéas, que não são as Platonicas. Sim, estes são os Quindecemviros especialmente eleitos para a intelligencia dos novos Livros Sihyl-linos. E podia haver escolha mais acertada, e exquisita?

E quem he o guarda destes Livros

Sibyllinos? Assás se muhiplicárão, e coriem pelas mãos de todos. E quem se pode, ou siar da sua guarda, ou ta-par-lhe a boca? Quem pode vedar que transpirem seus filosoficos mysterios, até aos ouvidos do menino, do creado, e da creada? Quem tem olhos para lêr, ou ao menos ouvidos para ouvir, pode ser Filosofo Illuminado, e dentro de pouco tempo será Filosofo, seu máo grado, aquelle mesmo populacho que se queria excluido dos arcanos. E que providencia dais a tanta desgraça, e a tanto perigo? Além disto, dizei-me, não se póde temer nada daquelles que não são povo, ou não se tem nessa conta? Em pessoas as mais elevadas, não só por condição, mas por espirito, e por talento, e ainda mais por literatura, se alvergão almas maleficas, e predominadas de maleficos apetites. E quemse poderá defender de sua Filosofia? Quanto mais alta a sua esféra, mais perniciosa he a sua influencia, e se são máos conselheiros a baixeza, e a inopia, muito peores são a dignidade, e a opulencia. Os Sesostris, os Alexandres, e os Cesares, forão os que assolárão Provincias, e Reinos, e os que arruinárão os mais florescentes Imperios.

O povo he hum grande corpo; mas sem cabeça, por sua natural indole, vóa atraz, e não procede; he ministro, e não conductor dos grandes attentados; e se começa, não sabe acabar, he huma torrente que murmura, inunda, e espraia para se perder; he preciso que hum grande reja os pequenos, e os anime. Não de outra maneira se commettêrão os crimes, e acontecêrão as desgraças que acabão de assolar a Europa. Ao povo, e muito mais áquelles que não são povo, se deve impôr hum freio. Que loucura! Encadear ao ovelhas, e os cordeiros, e pôr em liberdade os Leões, e os Elefantes!

Respondem os Illaminados, que elles não tirão, porém mudão aos Leões, e aos Elefantes as suas prizões, ou cadêas, e que a estas barras de ferro substituem outras de sêda, e de ouro com as quaes se amollece, e abranda o orgulho, e se torna benefica a ferocidade: quer dizer, que elles tem motivos mais decentes, mas não menos efficazes. — Ah! Senhores, se isto he assim, porque nos não suggeris a nós estes motivos? He preciso que se declarem pois são tão preciosos; e tão grandes! E quais são? Honra,

Humanidade, Virtude. Honra, Humanidade, Virtude! Nada me dizeis que não esteja conhecido de todos, nada que se não possa conciliar com a Reli-gião; e para que he a Religião? Vejamos com tudo quanto valhão estes velhos motivos, e se de vossa Filosofia recebão nova efficacia. Começemos pela Honra, e Deos me guarde que eu procure diminuir a força de motivo tão grande, para que não seja o mais puro, e o mais elevado. Eu o dezejo reforçar ainda mais para estimulo das grandes acções, e escudo contra todos os assaltos da torpeza. Mas para que he substituir á gravidade da Religião, huma simples honra mundana? Deixo por agora de dizer que esta honra he muito equivoca como tão dependente da opinião dos homens, constituida muitas vezes em hum cego empenho, em huma pompa vã, em huma sup-posta intrepidez. Disto he testemunha o furor dos duéllos, e de outros excessos a que huma sombra de honra conduz os homens; e que será se tu viveres entre gente perversa, para quem a malda-de he gloria, e hum honesto procedimen-to vergonha? Eis-aqui huma coisa bem cheia de perigos! Mas seja embora a

idéa da honra sábia, e verdadeira; mas não he para todos, nem para todos os lances, ou recontros, nem para todo o homem; não he para todos, porque e em rodos os estados ha almas baixas mais sensiveis ao interesse, que á honra; mas nem em todo o caso as mesmas almas nobres são igualmente sensiveis á honra. A honra he hum diamente, que fóra da luz pouco, ou nada brilha, e que recebe da opinião a maior parte do seu valor. O a de que serve em huma noite escura? Que preço tem onde não haja quem o estime? Muitos amão a fama, e poucos receião a consciencia. Muito peor, se em conflicto com a honra vier huma paixão ardentissima, e atiçada de huma violenta solicitação. Duvido muito, que o respeito humano tenha poder sufficiente para a extinguir; que tanta força perde, quanta adquire a universal impudencia. E faltão acaso illustres exemplos da mais descarada perversidade? Não devo passar em silencio que a honra como potentissima exercita a sua authoridade sobre o homem exterior, e quasi nada mais, assim como se diz da po'itica humana. Quem dará pois Leis aos pensamentos, aos affectos, e aos dezejos? Poderá acontecer que o homem mais honrado do Mundo seja hum bello sepulcro dealbado, e queira o Ceo, que com o andar do tempo delle não transpire a podridão, e a pestilencia! Logo muito escasso, e debil reparo he para a malicia a honra mundana. - Mas a sublime Filosofia tem engrandecido, e reforçado este reparo, ou este escudo. \_ Assim he. Chegamos, o Illumina. des, ao cúmulo da extravagancia: aviltar o homem ao ultimo ponto, e depois clamar \_ Honra, e honra; como se do profundo do aviltamento devessem surgir os mais honrados sentimentos! Que hum Socrates, hum Platão acendessem, e avivassem no homem os estimulos de honra, isso en:endo eu. Sua Filosofia se encaminhavara espiritualizar o homem, ou differençallo dos brutos, e assimilhallo a Deos; que alteza de sentimentos não he precisa para estas idéas? E qual he, ó Illuminados, o nobilissimo assumpto da vossa Filosofia? Apartar com toda a ancia, e afinco o homem de Deos, e materializallo, se posso assim explicar-me, até lhe negar o livre arbitrio, e deprimir debaixo do imperio do apetite, como cega, e allucinada, a sua razão, escarrecer como vás as suas mais sublimes idéas, e quando está reduzido á classe dos brutos, e ainda menos que hum quadrupede, en ao dizer-lhe: — Eia pois, ó homem, levanta até ás regiões da honra os teus pensamentos, seja a honra a tua guia, e teu conforto nas mais arduas emprezas. — Escutou-se nunca coisa mais ridicula? Estou vendo que com o estimulo da honra tambem se mova o boi á obras da agricultura!

Mas se para vós he obtuzo o estimulo da honra, será mais agudo, e pungente o estimulo da Humanidade. E com effeito nenhuma coisa fazeis soar mais altamente que este dulcissimo nome. Humanidade em público, Humanidade em particular, Humanidade em proza, Humanidade em verso, Humanidade nos Livros escritos, Hunidade nos discursos familiares; qualquer affecto, qualquer projecto, qualquer movimento respira humanidade. Seja Deos louvado! Zeno, Platão, Socrates, Cleantes, Aristoteles muito honrárão a Humanidade, e a anteposerão a todas as coisas terrenas, e sensiveis; mas neste ponto podem parecer mudos a vosso respeito. Deve ser pois esta Humanidade, segundo vós dizeis, huma coisa grande, e extraordinaria. Mas quem o acreditaria! Todo este apparato vem a acabar no parto ridiculo da monta-nha! A Humanidade corresponde ao ser de howem, e que he o homem se-gundo a vossa Filosofia? Já o ouvimos muitas vezes; o homem he todo materia como os brutos, e as plantas; porém materia hum pouco mais fina, mas assim mesmo simples materia. Ea Razão? Tambem a Razão he para vós huma propriedade da materia, como o instincto, cu apetite do bruto; e ainda pondes em dúvida se o apetite seja inferior á razão; e o recommendar tanto o homem ao homem, he o mesmo que recommendar hum bruto a outro bruto, porque v. g. homem, e boi são irmãos; hum, animal de quatro pés, outro de dois. Oh que bella Humanidade! Humanidade funndada, não sobre a dignidade da natureza humana, mas sobre a unica similhança que ha entre homem, e homem, similhança que se acha igualmente entre bruto, e bruto da mesma especie; e não apparece liuma razão porque se deva ter maior ca-ridade, e respeito entre homem, e homem, que entre lobo, e lobo, leão, eleão. E esta he finalmente a tão preco-

Daqui se collige qual seja, ó Illuminados, a vossa virtude. Vós fallais a cada instante da honestidade, da probidade, da justiça, da beneficencia com fórmulas as mais sublimes. Mas nós temos já aprendido, á nossa custa, quanto valhão as vossas palavras. E na verdade, se alguem vos perguntasse em que consista a vossa virtude, donde venha, sobre que bases se funde, quem lhe dê norma, quem lhe dê preço, estima, e authoridade, vos sentirieis grande embaraço em lhe dar huma resposta clara, e decisiva. Que poderieis dizer que seja sólido querendo proceder coherentes? Que coisa pode ser a virtude conforme vossos principios? Segundo os Estoicos era a virtude huma estreitissima conveniencia de coisas. Julgavão-se por isto Principes da Terra, pequenos Deoses, parecendo-lhes divina asua origem, divina asua mente, divina a sua razão. Suppostas taes idéas, ou verdadeiras, ou falsas, porque se não trata agora disto, devião obrar como Principes, e como Deoses, não pensando em se degradar a si mesmos, preferindo o corpo ao entendimento, e o deleite dos sentidos aos dictames da razão; tanta dignidade requeria hum grandissino decóro, e neste decóro consistia a sua virtude.

Huma virtude que se funda sómente sobre a natureza humana, ainda que se queira deificar, he realmente huma virtude humana, que em si não tem mais que a humana authoridade, tão incerta, e tão voluvel como a vontade humana de quem depende, se acaso se não refere a outua Divindade surerior que a torne mais authorizada para com o homem. Tanto basta. A virtude não he bastantemente sólida, nemveneranda na Terra, se não levanta a frente até acs Ceos. Parece que os mesmos Estoicos sentírão isto, porque, não contentes da sua razão, ainda que divinisada, recorrêrão á Razão Suprema, isto he, ao Supremo Ser, como primeito principio e exemplar de todas as virtudes a que os menores Numes se devião conformar; e era maxima principal entre aquelles Filosofos, seguir sempre a Deos: Sequi Deum. Entre os mais authorisados Estoicos, o Ser Supremo, não só era fonte, e exemplar de todas as virtudes, mas espectador,

approvador, e cooperador. Quanta author dade, e preço vem com isto a Virtude!

Mas tudo isto ainda não basta, nem para estimulo, nem para fielo efficacissimo dos corações humanos, requer-se mais alguma coisa que interésse mais o amor de nós mesmos, e da nossa felicidade. Isto foi bem conhecido de Socrates, e Platão, e por isto tinha avaliado muito melhor o homem, e a virtude reconhecendo hum Ente Supremo; não sómente cooperador, e approvador, mas legislador, e remunerador, e de tal arte remunerador, que delle só devesse emanar nossa felicidade, ou miseria. Estes focão com effeito Filosofos! Zeno, com os seus Estoicos, fingio o homem a seu capricho e sabor. Socrates, e Platão conhecêrão o homem como na realidade era; aquelle fez a sua virtude mais altiva, estes a fizerão incomparavelmente mais sólida, e mais proporcionada á natureza do homem. E para dizer a verdade, a Providencia Divina he não só o maximo, mas o sólido, e unico sustentáculo da virtude, digo, a Divina Providencia remuneradora; de maneira que, onde não houver Religião que admitta a Provis

dencia, não póde haver verdadeira virtude. E sabeis vos, meus Senhores; quem assim julga, e quem assim decide? He ham Polosofo, que vos não deve parecer suspeito, e que nesta causa póde valer por muitos, hum Filosofo sincero, e franco, que confessa sobre esta materia seus antigos erros, e se desdiz, e retracta publicamente; este Filosofo he o tão celebrado João Jasques, o qual, na sua melhor obra, inserida no setimo vol. da Encyclopedia, em o artigo \_ Genebra, tem esta memoravel nota: - Já não be este o meu sentimento, já não entendo como sem Re-Iigião se possa ser virtuoso; fui por muito tempo desta falsa, e enganadora opinião, mas de que estou inteiramente desenganado. — Que dizeis a isto? Sem Religião não se póde ter, nem póde Iraver sólida, e verdadeira virtude. Huma, e outra coisa tinha já observado o perspicaz, e sapientissimo Marco Tullio, quando disse, que, tirada a Divina Providencia, estava abolida a Religião, e a piedade, e que tiradas estas, tambem ficavão proscriptas da Terra a probidade, e a justica, e consequentemen-te destruida, e abolida a sociedade humana. Mais claramente, Platão, em o

Diálogo intitulado Gorgias, depois de ter com solidos argumentos estabelecido a providencia remuneradora da virtude, e vingadora do vicio, conclue que esta persuasão he indispensavel a todos os que quizerem viver felizes, e bem aventurados.

Torno de novo a vós, e com maior força, ó Illuminados, e vos pergunto, que coisa seja a vossa Virtude? Para vós, não ha providencia, não ha remuneração, não ha lei, não ha approvação, não ha exemplo; e como vos poderia servir de exemplo hum Deos effectivamente ocioso, se não fosse como exemplar de huma bemaventurada ociosidade? Não ha cá na Terra, segundo vossos principios, nem superioridade de natureza, nem dignidade de razão, e consequentemente nem conveniencia de coisas, nem decóro. Que coisa he pois vossa virtude? Huma sombra, hum frntasma, hum castello no ár, ou mais depréssa, segundo vossas idéas, hum méro instincto, qual he o que leva o lobo após o gado, e o gado após a relva. Oh! nobre virtude! Oh! preclara humanidade! Oh! honra excelsa! Oh! grandes motivos filosoficos, desmentidos, abattdos, e anniquilados pelos principios da vossa mesma Filoso-

Eu pão ex lamarei mais com Marco Tullio: \_ Que tem lem si esta Filosofia agradavel ou glorioso? Direi pelo contrario, rudo tem funesto, e opprobrioso! Ah! acabem-se já tantos prestigios! Caia o véo que por quasi hum seculo tem envolvido a culta Eùropa, e os homens todos em tantas desgraças! Fóra da Religião, não ha honra, não ha humanidade, não ha virtude; e quem he inimigo da Religião, he inimigo da honra, inimigo da virtude, e por consequencia inimigo da commum felicidade. Não sei que me possão replicar os Illuminados, salvo se quizerem recorrer á sua privativa, e particular felicidade; com esta felicidade podem embairos incautos, e por isto julgo necessario expendella, e examinalla.

DANCE DISCO . C SEC MANY

THE PERSON NAMED IN COLUMN TWO IS NOT THE OWNER.

## CAPITULO IX.

Sobre a selicidade promettida pelo Illuminismo.

Picuro, como todos sabem, constituio a liu:nana bemaventurança no prazer, e no maior prazer que se podesse gozar na Terra; proposição que, apenas foi ouvida, se tornou o objecto da contradição, e a pedra do escandalo da Academia, Portico, e Lyceo; toda a Filosofia se amotinou; assombrou-se a mesma virtude, porque sendo filha do trabalho, e da dôr, que lugar poderia ter no Imperio do prazer? Mas nisto ha engano, exclama Epicuro, enorme, e funestissimo engano! O maior prazer não se póde alcançar, senão por meio da virtude, e que maior honra, e que maior esteio pode ter a viriude, que ser a fonte da Bemaventurança? Mas tudo isto são boas e méras palavras, que apenas tôão aos simpleces! « Não, dizia Marco Tullio, na escóla de Epicuro eu nunca ou-

vi nomear nem hum Lycurgo, nem hum Solon, nem hum Milciades, nem hum Themistocles, nem hum Epaminondas, finalmente nenhuma daquellas personagues que nascêtão para honra, e benesicio do genero humano. "O nome de Epicuro era huma especie de mancha de que sugião aquelles que aspiravão á gloria: os mesmos Epicureos se ervergonhavão de o pareter. Erão Epicureos dentro das paredes domesticas, mas não ápparecião taes no Foro, é na Curia: erão mui poucos os que fazião pública profissão de Epicurismo. Tristissimo agouro de huma doutrina, que envergonhava seus sequazes, e delles a recebia! Com tudo, façamos justiça á verdade, e elucidemos a fundo huma questão ainda dehatida, porque não está bem conhecida Alguns prcmaturamente se alvoraçárão ao nome de prazer. Que o prazer seja insepara-vel da bemaventurança he coisa que não admitte controversia; porque não se póde conceber bemaventurança sem contentamento, e como póde haver contentamento sem prazer, e sem o maior prazer que se dezeja? Isto não he pos-sivel, se acaso se não muda de natureza. Nem Pythagoras, nem Socrates,

podérão pensar de outra sorte. O mes-mo Zeno, o grave, e severo Zeno, quando constituio a bemaventurança no exercicio da virtude, elle o fez, porque lhe pareceo que a virtude era o ob ecto mais azado para tornar alegre, e satisfeito o coração. Que direi agora, ó Illuminados, do verdadeiramente Santo, ne rígido Christianismo? Não ha delicia, não ha alegria, que elle não prometta: e se quer que tudo se refi-ra á gloria do Soberano Artifice, quer ou ro sim se espere a plenitude da bemavenrurança. É o mais excellente amor para com Deos diminue acaso, ou enfraquece o prazer beatifico? Elle o augmenta com suas ardentissimas, e doces chammas. Não he simplesmente por causa do prazer que se querella de Epicuro. Quer prazer o Academico, o Estoico, o Christão; tudo o que for homem quer prazer; e se houvesse algum que não quizesse ser bemaventurado, ou que quizesse tornar-se tal sem o prazer de o ser, quereria ao mesmo tempo ser, e não ser homem. Se Epicuro não he reprehensivel por haver buscado o prazer, como o não he por haver buscado a bemaventurança indivisivel do prazer, será acaso reprehensivel, por haver collocado o maior prazer na virtude? He por isto digno de muito louvor, como homem que desmentio certos atractivos x do vicio , e expoz em muito maior luzacerras ventagens de virtude. Grande dádiva foi esta, e Seneca tambem a observou com profundo sentimento, de assómbro; grande dávida da Divina Providencia, que as coisas honestas foesem as mais vensajosas! Ut honesta magis juvarent. Verdade comprovada pela quotidiana experiencia. Sini, de ordinario o vicio he o verme funesto, que rue os animos, e consome as mais florescentes fortunas, e a virtude he a que dá a interna paz, o vigor; dá o credito, e o poder exte-no, conserva e augmentar; danto a particular como a pública felicidade, e quanto mais illustrar o sabio os bens da virtude, e os males do vicio, tanto mais benemerito da nossa humanidade deve ser reputado. E se isto he assim, porque ha de ser digno de vituperio Epicuro? O-Francez: Cochet, na sua Filosofia moral, a não só o absolve da culpa ; más o louva fundado no testemunho de Seneca, e de Diogenes Laersio, essirmando: « Que o prazer, proposto por Epicuro como fim, he o

prazer que nasce da saude corporal, conservada com a sobreidade, e temperança, elo prazer que nasce da tranquillidade do espirito, adquirido com o exercicio da virtude. » Assim ajuizarão de Epicuro outros homens famosos; mas em quanto a mim muito benignamente a respeito de hum homem que tão mal pensou de Deos, e dos homens.31 Se se considera só pela superficie a doutrina Epicurea , bem conheço coino qualquer se possa enganar com tão lisongeiras apparencias: mas se se penetra seu âmago, ai de mim! Quem secondo sentirá tocado de hum secreto horror; ou ao menos assaltado de vehementissimas suspeitas! Se Epicuro houvera mantido illeso o preço da virtude, ou tivesse circunscripto seu piazer com maior cautella, talvez que passasse izento de culpa: mas degradar, e abater profundamente aquella virtude, que elle quer tornar summamente appetecivel, recommendar hum prazer que está tão proximo do vicio, são duas enormes faltas, e por todos os lados inexcusaveis, e eu peço aos 11/12-minados que as vão comigo dignamente ponderando.

Digo em primeiro lugar, degra-

dar a virtude. Não vos deveis esquecer daquelles dois principios tão fataes á virtude: Divindade improvida, e homem meterial, e brutal. Suppostos estes dois principios, que valor resta, ou quo atractivo, á virtude? Se ellá he tão doce, tão amavel; tão veneranda, he porque se reputa optima em si, e ori-gem, ou principio de grandes bens; porque se julga huma coisa celeste, e divina a pár de quem não tem preço o oiro, e os diamantes, sendo por isto summa perfeição do homem, e o seu principal ornamento. Tem sua origem em Deos, he querida por Deos, approvada por Deos, torna o homem acceito, e similhante a Deos: só ella tem o valor perante aquelle soberano Arbitro de todas as coisas; abre ao homem o caminho para o Ceo, e a estrada para a suprema bémaventurança. A' vista de tão altas prerogativas, não nos devemos admirar que Platão exclamasse: «Oh virtude! quanto amor em nós accenderia tua formosura, se toda te descobrisses a norsos olhos!!» Mas se ella se não vê, sente-se ao menos em seus fructos dulcissimos, que são a complacencia, a paz, e a alegria, e a esperança de huma sorte inex-

timavel, com que o Grão Cyro, e hum e outro Catão, sem medida se conso-lavão. Mas tirada ao homem, como faz Epicuro, a sua dignidade, e a Deos a sua Providencia, todos estes effeitos, e prerogativas rarissimas se desvanecem: não fica a virtude amavel, e preciosa em si mesma, nem se torna appetecivel em razão de seu merito, nem pela vel em razão de seu merito, nem pela esperança de seus premios. A que se reduzem pois todos os titulos de dezejar a virtude? A? unica qualidade de instrumento, e meio de se procurar algum prazer. O prazer he o seu fim, e o seu motivo, e só por isto se busca, e se abraça a virtude, e por isto não he propriamente a virtude que se ama, mas o prazer que della provêm; de maneira que, se Epicuro, segundo seus principios, quizesse fallar sinceramenie, devia dizer: "Eu quero passar aqui a vida mais agradavel que sei, e posso, e por isso, eu abraço, eu sego a doce virtude, que só me póde go a doce virtude, que só me póde dar esta agradavel satisfação, nem a sigo por nenhum preço que nella descubra, mas só pelo dote que tem dos prazeres, que comsigo traz. " Grande honra faz este homem á virtude! A honra que Apicio fazia ao Cozinheiro

que lhe soubesse preparar inais saborosos manjares!! . . . . . . . . . . . boin

Observa-se entre Epicuro, e Zeno huma differença : ambos querem à virtude como sua bemaventurança quanas Zeno a quer por si mesma, como propria para encher de beatitude com sua dignidade hum homem que seja homem, núa ou despida de todos os outros bens. Epicuro, pelo contrario, não descobre na virtude dignidade alguma, e sómente a quer pela habilidade que nella descohre de o deleitar. He muito alrivo o primeiro, fazendo da virtude humana huma Divindade capaz de o beatificar, he muito sensual o segundo, porque da mais nobre coisa que ha no Mundo, formou huma v lissima escrava. He bem podce formosa a imagem da vinude Epicurea que o sabio Cleantes descnhou em sua celebre taboa; Cicero a retocou no segundo Livro dos Fins; e Santo Agostinho com mão de mestre a pintou de todo em o Livro quinto da Cidade de Deos:

... " "Dentro" de magnifica sala se levanta hum rico throno, mas não para a virtude. Ahi está sentada a voluptuosidade, não com magestade de Rainha, mas de Deosa. Todas as Virtudes lhe

assistem em torno, de aspecto formoso, ainda com hum ár servil, promptas aos acênos de sua delicada. Soberana. A Prudencia indagando qualiscja o deleite mais doce , e mais permanente, e quaes os modos, quaes sejão os meios mais proprios para to conseguir. A Justiça prompta la dar sa cada hum o seu direito, para que se removão pleitos que possão trazer comsigo ou infamia, ou inquietação. A Fortaleza para afrontar o temor, vencer os dissabores, para que se não reforcem, e augmentem. A Temperança para refrear a gula, ou qualquer cego appetite para que a saude se não altere com algum excesso, ou se perturbe o repouso, ou se embôte e perca o sentimento do prazer : grande damno, engrande québra sem o Reino de Voluptuosidade! » O' virtudes! O' ! n'b'issimas virtudes, vos fostes tiradas dos Geos por Epicuro, e por elle forçadas aos mais vís empregos da Terra! to mes los properties per

Que digo eu Virtudes! se quizer fallar com mais propriedade, (no juizo de Epicuro; não tem mais que o sentimento de virtudes em o simples nome, nem outra coisa são na verdade mais do que huma sagacidade, ou de-

senvoltura, em buscar e escolher o que mais pode contribuir para o defeite. E he està a virtude que os Illuminados recommendão, e defendem? Fosse ao menos esta huma virtude segura : mas nem sempre a voluptuosidade se apraz, e contenta de seus serviços. Enão poderá haver caso em que o wicio se torne mais agradavel que a virtude? Sobre este objecto eu devo fazer hum exame desapaixonado, e ácre sobre a indole do prazer de Epicuro. O proprio nome de prazer, se se não determinar bem, he por si mesmo hum pouco suspeito, e Platão, com os maiores sabios da Antiguidade, não duvida chamar ao prazer (genericamente) o maior vicio da maldade. E quanto mais suspeito" se torna este nome na boca de Epicuro! Porque já vimos que não pode ser o prazer da virtude por si mesma, porque o mesmo Epicuro escarnecia por isto os Estoicos; e tratava a sua opinião como hum engano, e vaidade. Nem tambem se pode entender o prazer da virtude; que se deriva da approvação, e remuneração de Deos; porque Ep curo não reconhecia outra Providencia mais, que a Providencia humana. Qual he pois o seu prazer?

Nenhum outro mais que o que se póde gozar nesta vida terrena, porque Epicuro não admittia ou ra. Aqui começa a sua extravagancia. Pois não ha outro prazer mais que o terrestre? A virtude já começa também a vacillar! Declare ao menos Epicuro, quaes sejão os prazeres que lhe agradem, e quaes os que he desegradem. Porque quem ignora que entre os prazeres da terra; huns são bons, outros são pessimos? Era precisa huma distincção exactissima entre prazeres, e prazeres, porque nada ha mais perigoso que recommendar geralmente hum nome que em si mistura, e confunde coisas tão contrarias.

Accrescentemos a isto: prazer dos sentidos. Disto me não deixa duvidar Epicuro. O simples nome de prazer me diz hum não sei que, que tóca, e deleita os sentidos: assim o entendem commummente os homens. Epicuro tinha por maxima fundamental, que só os sentidos são verdadeiros, que só os sentidos são justos estimadores, e juizes das coisas; logo, tambem o são do prazer. E qual he a razão com que se escuda Epicuro para constituir no prazer a bemaventurança? Acaso será

E 6

porque o prazer he o primeiro apperire da Natureza! Elle o prova com os primeiros movimentos dos meninos, e dos brutos. E isso a que tendem maquinalmente os meninos, , e, os brutes he outra coisa, que não seja o prazer dos sentidos? Alem disto huma substancia înteiramente material qual suppõe Epicuro a alma do homem, não se pôde julgar capaz de outro prazer, que não seja material, e sensivel. Que necessidade tenho eu de razões, se o mesmo Epicuro expecifica seus nobilissimos prazeres, musicas, perfumes, banquetes, viandas opiperas, bebidas escolhidas.... Não he preciso mais, exc!ama o sabio Cicero, que a querer nomear outras coisas seria preciso pedir perdão aos ouvidos honestos. Senpre me desafiou o riso certo moderno, que nega tudo isto, e pretende contradizello sem os documentos authenticos; de que por certo Marco Tullio estava bem provído. Não se diga, que de outra parte a honestidade proposta por Epicuro desmente as insinuadas torpezas, porque eu posso converter a proposição, e dizer que estas torpezas desmentem a insinuada honestidade. Só se me quizerem dizer, que Epicuro

era homem bilingue, e que assim como fallou da Religião, ora como Dia-goras, ora como Numa, tambem fallára do prazer, ora como Diogenes Cynico, ora como o frugal Pisão. Porem não são precisas estas turpitudes para condemnar Epicuro : limitandonos ao unico prazer dos sentidos: constituir nelles a bemaventurança humana, e confortar com isto os homens já muito proclives aos sentidos, e a engoltarse nos praveres dos sentidos, he coisa digna de hum Filosofo sensato? Socrates por certo julgava que não hav a coisa mais contraria á perfeição do homem, como não póde haver coisa mais contraria ao uso da razão. E que póde fazer a razão, se não se levanta sobre os sentidos? O mesmo Socrates tão contrario, tão opposto a Epicuro, nada recommenda tanto, como o separarse do poder dos sentidos, e levantar-se sobre todas as coisas corporaes, para deixar á razão mais livres seus levantados vôos. Sem isto que póde ser, não direi o grande homem, mas o homem?

Se com isto se não embaraça Epicuro, que responderá elle áquelle antigo sabio Architas Tarentino, o qual

com grande enfase declara não sómente, que o prazer do corpo he o maior inimigo do entendimento, que he a nossa melhor parte; mas que absolutamente não póde existir a virtude no imperio do prazer, e que não ha peste mais capital para os homens, porque não ha maldade a que o amor do prazer se não abalance? Estes sentimentos respirão ainda mais, e em muito mais viva luz no admiravel Livro de Marco Tullio, que se intitula Da Velbice; sentimentos, a quem Santo Agostinho dá nova força, e extensão, mostrando solidamente que de abraçar, e seguir os prazeres sensuaes provêm a Idolatria, e a perversidade, que he inseparavel companheira da Idolatria. E pru vera a Dos que esta verda e não fosse tão confirmada com os factos! De que se livra pois Epicuro em nos não prohibir expressamente o mal, se para elle nos conduz tacitamente com o excitamento do prazer dos sentidos que recommenda? Busquemos medir com maior escrupulo as nossas palavras: Epicuro não nos conduz ao mal, leva-nos sómente áquillo que nos apraz, e nos deleira. Se te apraz a sobriedade, a pudicicia, a temperança, pódes ser so-

brio, pudico, e temperante. Epicuro em lugar de te arredar deste caminho a elle te eleva, ou nelle te deixa. Mas se te agradasse, ou deleitasse, a glotoneria, e a impudicicia? Dizem os Illuminados, que Epicuro se oppõe a isto: e eu digo, que Epicuro, ou he hum grande impostor, ou hum miseravel, e simples, ou estupido. Supponde que vos convidava alguem a huma meza lauta, e cheia de exquisitas iguarias, e que vos dissesse: " Eia pois, tomai, e comei de tudo o que quizerdes, e mais vos agradar; » e que em quanto os convidados lanção mão ora de hum prato, ora de outro, o que vos convidou vos dissera com hum tom magistral: de vagar, esta comida he pouco picante, aquella tem hum sabor des gostoso, estontra vos causará hum amargo de boca daqui a tres horas; o melhor prato, e o unico que eu vos consinto, e de que permitto que comsis he aquel-le de mal temperadas, ou adubadas hervas. "Mestre ridiculo, exclamarião até as mesmas mezas, para que me exci-tas á gula com tanta, variedade, e cóp'a de manjares, para me deixares no fim em jejum? Quem te constituio Juiz, e calculador dos gostos alheios? Que res disputar delles contra o proverbio?
He acaso todo o paladar apto para todo o sabor?

Esta he pontualmente a grande bondade do grande sabio Epicuro (dizer em primeiro lugar que todo o homem siga o seu prazer, e depois dizer-lhe, que o maior prazer consiste na virtude. O primeiro Dogma de hir após o seu prazer terá muitos sequazes; mas quem abraçará o segundo que lhe manda comprazer-se da viriude sobre todas as coisas ? Se a Abelha se deleita mas flores, o Escaravelho na immundice, quer acaso Epicuro que o seu paladar seja a regra, e a norma de todos os paladares? Faça primeiro que todos sintão major prazer nas hervas que he o seu manjar predilecto, estodos de bom grado se sustentarão de Hontaliga. E será verdade que o maior prazer sensivel consista na virtude? Não o entendêrão assim alguns Filosofos; e segune do a universal opinião, caminha-se, ou sóbe-se ao Palacio ou Templouda Virtude por ágras, e ingremes varedas, e o plano, e flórido caminho do prazer he o que vai terminar no vicio. E com effeito não poderá o homem abraçar o vicio sem se deixar arrastrar do

atractivo do prazer. E pode Epicuro. propôr como incentivo da virtude, o. que he qua i sempre estimulo do vicio? A mesma virtude , a mais Socrativa, se torna muitas vezes tão pouco agradayel que se requer hum coração de tempera adamantina para a poder abracar. Bem o conhece quem se re olve á próva , e á experiencia. Ora que fará huma virtude tão miseravel como a Epicuren, cujo valor consiste em promover prazeres? Constitua-se o mesno Epicuro no caso de Régulo, e diga-s ?lhe, se acaso seja maior prazer sensi. vel ser martyrisado em Carthago, guardando a fé que tinha jurado, ou, violando-a, banquetear-se em Roma com os seus amigos. Em summa, quando o Lobo for hum seguro guardador dos Co deiros, então o prazer sensivel será hum bom guarda da virtude. \_\_\_ Ao menos, dizem os Illuminados, o amor do prazer he innocente, porque que mal te faz hum daquelles, que se costumárão chamar em França bons viventes ? Se elle goza, nenhum mal te faz : he propriedade do prazer amollecer os animos, e inclinallos mais a communicar suas docuras, que a perturbar as des outros. Quem se queixou jámais do bom

Anacreonte, e do bom Horacio? Ambos forão huns bons Epicureos, hum o amor de Teios, outro as delicias de Roma. E Epicuro não era estimado da culta, e populosa Athenas?

Respondo: que nunca foi intenção minha constituir réo qualquer prazer sensivel. Platão em o Diálogo Filebo numéra prazeres, que não são contrarios á virtude, e muitos que são consequencias, e effeitos da virtude. Mas se nem todo o prazer he nocivo, segue-se que todos os prazeres sejão innocentes? Alguns homens ha, que quando se lhes falla de prazer, nenhuma outra coisa sabem imaginar mais que comer, beber, dormir, jogar, dançar, coroar-se de rosas, etc. e que mal, dizem elles, que mal faz ao Mundo quem isto faz ? Porém que bem faz elle, senão faz mais do que is o? Mas não fallemos de innocencia moral que muito mal se compadece com os principios de Epicuro: fallemos da innocencia fysica, e digamos, que o voluptueso fiz pelo menos o mal que faz a Abelha espuria, ou o Zangão que devora os trabalhos alheios, puro aggravo, e manifesta deshonra das colmêas. De que utilidade serve ao público hum homem

deste caracter? Servirá para o governo? Nem a si mesmo se sabe governar. Será util nas artes? Elle aborrece o trabalho. Nas armas? Mas não he esta, dirá o mesmo voluptuoso Horacio, não he esta a gente que se bate com os Pyrrhos, e com os Antiocos, nem que esteja disposta a tingir de sangue o mar Africano. São estes os soldados, e estes os Capitaes que nascêrão para despovoar Imperios, e para destruir Monarquias. Preguntai-o a Babylonia, a Menfis, e a Roma; depois que o vosso innocentissimo prazer começou a enervar aquelles peitos e animos Marciaes. Se he tanta a innocencia do prazer para que se grita contra Páris, e Sardanapálo? Nenhum mal fizerão pois, nem os Gabinios, nem as Cleópatras, nem as Popéas! Empenhárão-se em dar o maior prazer ao Mundo. Ah! Huma unica inconsideração, hum só momento de somno sobre as redeas do governo, quantas vezes tem sido fataes aos Póvos! Eis aqui huma innocencia, peor que todas as mald-

E quem nos disse que o amor do prazer seja de huma indole doce, suavissima? Oh! Como os homens são

propensos a parar sobre a superficie das coisas! Aquelle ligeiro fogo qué rompe, serpea por hum ar quieto; se he apertado, e violentado por huma ess pessa nuvem, como tôa, le como fulmina! He o amor ido prazer hum furioso, e brotal Tyranno. Mais que o tigre com outro Tigre, o homem se bate com o homem, se ensanguenta, e se despedaça. Aquelle mesmo Amor, tão pequenino tão meigo, etão imbelle, a quem, como se não bastasse o seu carcaz, tantos Prozadores, e Poetas mais inflammão, e accendem, que mas les não tem causado no Mundo? Coisa horrivel! Só na Corte do Egypto, a Historia nos representa pais , mais, filhos, irmãos, mulheres, maridos, envenenados, trahidos, assassinados huns pelos outros. ... same unas E same adue

Calumnia, gritão os Illuminados; he manifesta calumnia, que Epicuro não quizesse outro prazer mais que o sensivel. Fallão seus escritos do saber; do crédito, da glaria, fallão da piedade, da justiça, da temperança, em summa, da sapiencia, que em linguagem filosofica comprehende todas as virtudes. Assim he respondo eu ... taes são as palavras de Epicuro; porém pe-

lo que pertence á sua virtude, e sapien-cia, vos bem vedes quanto seja desprovida de todo o preço reduzindo-se unicamente ao saber viver. E. a spiencia, e sciencia, e a reputação, e a gloria não são coisas insensiveis; e incorporeas? E como póde o homem deleitar-se com estas coisas, o homem digo, que, segundo a doutrina de Epicu o, nada mais ne que sentidos, e curpo? Concordai, e ajustai primeiramente Epicuro com Epicuro, e depois condemnai-me de Calumnia; ensinai-me como huma substancia que he toda materia, como suppondes o homem, possa comprazer se de huma coisa privada deimateria como he a sapiencia, ou ensinai-me que a mesma sapiencia he materia, e compativel com a material substancia. E se acaso se deve conceder a Epicaro o direito de ser contradictorio comsigo mesmo, e ao homem material a capacidade de se poder deleitar, e comprazer de coisas immateriaes; então como póde ao prazer mais nobre levantar-se o homein, as acções mais bellas, e-mais ventajosas ao público? E não vé. Epicuro, que com isto mesmo se abre huma larga estrada a immensos males, se desordens? O prazer de enriquecer, e opulentar-se, o prazer de representar a primeira figura, o prazer de formar hum numeroso partido, o prazèr de dominar sobre seus iguaes, e de ordenar as coisas a seu arbitrio, de ser celebrado em todo o Mundo será sempre hum prazer util, ou ao menos innocente? Chamo a testemunhas toda a Terra, e todas as idades pasadas. Deixo as fraudes, as perfidias, s traições. Comtudo, dizei-me, não subio por estes caminhos desde as servís cadeias ao throno de Macedonia o perfid:ssimo Archelao filho de Predícas! Que me dizeis das pessoas de mais excelso coração? Dos Grachos, dos Syllas, dos Antonios, e de outros que taes? Que flagello não foi para toda a Asia hum unico Alexandre, não menos grande, por valor; que por ambi-ção? Teria sido o flagello do Mundo inteiro, se a morte o não tivera cortado em flor! Que direi do assolador universal, que em nossos dias vimos tão espantosamente subir como vilmente acabar! Não nos lembremos mais deste mentecapto!! Eu quereria ver Epicuro de volta com Alexandre para o desviar de seu cruel attentado. Eis o joven Principe nas margens do Hellesponto à freme de seu poderoso exercito, todo ardendo em amor de Imperio, e de gloria. Que lhe dirá Epicuro, que o maior, e mais glorioso Im-perio he mandar se a si mesmo? — Não, lhe dirá Alexandre, eu quero antes commandar os outros. \_\_ Dir-lheha, que aquella gloria he vã? \_ E como pode se va , se ella he o meu maior prazer, e a minha unica bemaventurança? \_\_ Mas com quantos estragos, se deve conseguir esta gloria? - E que mal póde haver, replicará Alexandre, em destruir alguns milhões de formigas, para eu me fazer bemaventurado? Que differença ha entre formigas, e homens? Materia - B, Materia C, para Epicuro, e para os seus Illumina. dos, tudo he materia. Oppor-se hião a Alexandre os nomes venerandos de caridade, de equidade, de justiça? Nomes vãos, replicára o Heróe. Tu me ensinas que a virtude não he mais que saber-se procurar a bemaventurança, e que a minha bemaventurança não he mais que o meu prazer na Terra; ora, o meu maior prazer na terra he a dominação, e quem o póde saber melhor do que eu, que o sinto? Tudo quanto me conduzir á dominação será para

mim virtude, e por consequencia, virtude arruinar, e contrastar a minha dominação, ainda que devesse arrancar de seus eixos o Universo — Que tem depois disto Epicuro que replicar? Julgo que elle não podera aqui allegar a authoridade dos seus Deoses ociosos, que authoridade dos seus Deoses ociosos, que se não embaração com as coisas humanas. Nada mais resta que desenganar aquelle Monarca, e reduvillo ao calculo — Ah! Principe inconsiderado, que fazes? Tu deixas o que he sólido, e real, e segues huma sombra. Por huma gota de prazer perdes hum mar? Tens no teu Palacio exquisitas tapeçarias, e brandas plumas, tens festas, tens danças, tens jogos, tens divertimentos de todas as maneiras, e se te pungem o peito mais altos desejos, pódes em paz gozar dos applausos, e do amor de teus vassallos. Ora, calculando tu bem, parece-te que deves antepôr a estes praparece-te que deves antepôr a estes pra-zeres o louco fantasma de hum dominio universal? A taes palavras Alexandre (se eu o conheço bem) por certo diria a Epicuro, e com franzido sobrolho, vai cuidar na tua frugal cosinha e canta essas canções a teus escolares; isso que seria para ti huma bemaventurança, seria para mim injeo insuppor-

tavel, e tudo isto que te espanta, e a emoriza, he o mesmo que me inunda de hum deleite inexplicavel. Siga cada, hum seu genio; tu nos teus jardies calcula, os reus tranquillos ocios, eu passo á manha o procelloso Egêo para dar hum novo Senhor ao Universo. - Eis-aqui como o prazer de Epicuro, segundo os mesmos principios, ora he ocioso, ora activo, ora pacifico, ora guerreiro, ora innocente, e benefico, e as mais das vezes nocivo, e ruinoso. Em summa, o grande segredo consiste em não haver obstaculo ao vicio, nem sustentáculo para a virtude; com elle se favorece o appetite predominante, o qual de ordinario se encaminha ao peor.; e querer que este seja hum bom calculador, he manifesta loucura, e he o mesmo que querer, que a cegueira seja prevista, e muito sabia a demencia.

Para confutação deste discurso se produzem os costumes Epicureos. — Para que he tanto motim contra o bom Epicuro, ecoatra a sua doutrina? Considerem-se os factos, olhe-se para as suas acções. Na faxada de seus jardins está escrita esta grave sentença: Hospede, aqui vivirás bem; e a vida pacifica, e

innocente que aqui se passa corresponde mui bem a esta inscripção. E se tal he a vida, como póde ser prejudicial a doutrina? — Assim defendem os Illuminados a causa de Epicuro, e a sua. Logo, examine-se primeiro o facto, e depois a consequencia, e pois a presente disputa vai crescendo hum pouco mais do que eu julgava, repouse o Lei-

tor hum pouco....

Sobre os costumes de Epicuro, eu vejo contradições estranhas. Ha quem faça este Filosofo mais do que homem, e ha quem o faça peor que hum bruto. Huns chamão a seus jardins receptacu-lo, ou domicílio da innocencia, outros cloáca de improbidade. Huns o exaltão, e accusão a malignidade dos Estoicos, que denegrírão, e maculárão a virtude mais pura, outros o vituperão, e accusão a astucia dos Epicureos que procurárão doirar a mais fina iniquidade. Factos de huma parte, factos de outra, razões pró, razões contra, e este pleito, acceso ha tantos seculos, ainda arde. Que sentença se póde proferir? A dizer a verdade, eu sempre aqui presumo alguma preoccupação; preoccupação em quem o louva, e exalta a sua boa doutrina; preoccupação em quem o in ama, e deduz seus máos costumes da sua má doutrina. Ambos estes argumentos são falliveis: da doutrina deve decidir o discurso, e dos costumes, a Historia. Eu fallo só dos costumes manifestos; porque, quem póde saber o que passa no coração do homem, e se executa nas trevas? Só

Deos he Juiz da consciencia.

Ora, dos costumes de Epicuro, he muito verda le o que nos diz a Historia mais authorizada. Era homem de alto, e perspicaz engenho, moderado em seus desejos, regulado na vida, e tão laborioso, que escreveo mais que todos os Filosofos; justo, desinteressado, pacifico, desejoso do bem público, bom amigo, bom cidadão, bom subdito, e cuja principal maxima era, appetecer hum bom soberano, e tolerar o máo: esquecer-se das injurias, ser paciente na dôr, intrepido contra a morte. Esta he a imagem que a Antiguidade nos conserva de Epicuro, não a devo desfigurar. Talvez o favorecessem muito seus discipulos, que o idolatravão: mas acaso he pequena recommendação do Mestre tão grande veneração em os discipulos? Os Illuminados se revêem no seu Epicuro, e na verdade, eu não sei se serião tão devotos de seus dogmas, sen-do obrigados a imitar seus exemplos. Mas nan por isso a tão claro, e nas-cente Sol, como lhe chama Laercio, ta tárão suas manchas. Dixemos o desprêzo, que elle fez da Geometria, e das outras artes uteis, e bellas, o que nem por isso faz muita lionra a scu bom gosto, e saber. Que dizeis daquella sua portentosa vaidade, e jactancia? Veja-se Cicero, Plutarco, Diogenes Laer-cio, ainda que este ultimo seja hum grande parcial de Epicuro. Coisa estranha! Aquelle que mais baixamen e sentio, e fallou da natureza humana, mais altamente sentio, e fallou de si mesmo; e o que não ousou o sublime Pythagoras, o admiravel Socrates, e o oivino Flatão, com sua material aut o idade, Epicuro se arrogou o titulo de sapiente! E que sabio! Tudo soube por si, e sem nenhum mestre! E se toda a sua sciencia fysica era, como já disse, invenção de Demócrito, a sua moral era invenção de Aristippo; e sobre esta materia quanto tinha já dito Socrates, e escrito Platão no mencionado Dialogo Felibeo? Eo grão sabio Epicuro foi muito ingrato occultando as fontes com cujas agoas tinha regado os seus jardins. Foi hum amador ternissimo dos partos do seu engenho, e desgraçado daquelle que era de contraria opinião! Fosse embora hum Aristoteles, Epicuro não acatava nenhum sabio, nenhum Filosofo, evibrava, ou atirava ás cegas, ora motejos insipidos, ora vilanias plebéas; soffreria com mais sapiencia dez bofetadas, que huma só contradicção. Não quero aqui produzir de novo aquellas turpitudes sobre as quaes já acima estendi hum véo: isto são pequenas manchas de tão grande sabio, se acaso se não quizer dizer que elle com a sabedoria convertia em oiro tudo quanto tocava, e que á sombra da mesma sabedoria lhe era licito adornar-se de alheias plumas, ser vão, mordaz, e presumpçeso. E com efeito, os nossos Illuminados, pelo que pertence a altivez, e acerbidade, mostrão não querer ceder ao seu tão prezado mestre; he verdade que dão seus primeiros passos pelos precipicios da humildade, e se abatem ainda abaixo dos vermes; porém he preciso não os acreditar com tanta facilidade. Aristoteles nos adverte, que o muito levan-tar-se, assim como o muito abater-se, se deriva de hum mesmo principio de

arrogancia, que he hum manifesto in-dicio de singularidade. Mas findasse aqui todo o mal dos Illuminados, ou modernos Epicureos! Poder-se-hião soffrer em paz, ou licenciar-se, como fez Cicero, com alguma honra. Porém o velho Seneca se queixou, e doĉo da maior parte dos discipulos de Epicuro, que com seus costumes deshonravão seu celebrado Mestre. Eu nio saberei dizer dos Illuminados se mais se parecem com os discipulos, se com o Mestre. Que maximas encontro em certos Livros desta nova sociedade que se começou agora em Allemanha, e Italia a chamar a Sociedade da Virtude! Que insinuações, e que impudencia capaz de envergonhar o mesmo Epicuro! He preciso huma bem impudente bondade para não pensar mal delles! O vapor sepulcial que respirão dá bem a conhecer que não só tem estragadas, mas apodrecidas as entranhas. Guarde-nos Deos de aggravar nenhum delles : sejão honestos, sejão probos, sejão continentes como o seu Epiciro; justifi-car-se-ha com isto a sua doutrina? Vamos a esta consequencia, que era o objecto proposto em segundo lugar. Muitas vezes se contradizem a vida, e

a doutrina: isto exprobou Marco Tullio aos Filosofos do seu tempo. Esqueço-me aqui daquelles em quem falla o espirito de vaidade, rão de convincção; o coração desmente o que profere a lingua. São Epicureas as palavras, mas são Christãos os sentimentos, e os sentimentos são mais poderosos no homem do que as palavras, por isso não nos devemos admirar que vão discordes os sentimento das palavras. Fallo daquelles Illuminados que vivem persuadidos dos dogmas Epicureos, e digo, que muitas vezes no homem prevalece a bondade da natureza á pravidade da opinião, e hum Filosofo não trivial (Montagne) de si mesmo confessa com aquella sua nativa ingenuidade, que tinha achado para o mal menos prompta a livre concupiscencia, que a pervertida razão. Que direi da força da educação, e do habito? Além do que, nem indo o que he capaz de pensar, he capaz de obrar, e nem a todos he facil serem Sejanos, e Catilinas. Assim como a grande piedade he de poucos, da mesma maneira he a grande im-piedade. A perversidade tem seu heroismo ao qual não chega huma auda-cia, e sagacidade mediocre. São raros

como os monstros os talentos capazes de merccerem eterna infamia, e abominação de toda a Posteridade; e dos Filosofos, disse com especialidade hum Filosofo moderno, que se não devia temer, nem esperar grande mal, e disse-o confiando na prudencia filosofica. São mais animosos com a lingua e com a penna, do que com a mão; muito hem descobrem o perigo da maldade, e sabem a tempo desviar-se. Entre todos os Filosofos parece que os menos formidaveis são aquelles que tem por maxima principal passarem bem o tempo, não se inquietarem com coisa alguma, e ensinarem a todos, que se abandonem ao proprio genio, e á sua boa ventura. Deitar-se a nado no pelago da iniquidade he para elles coisa muito incommoda, e pavorosa.

Mas se he innocente a sua vida, segue-se que tambem o seja a sua doutrina? Que me importa que tu me não toques, se tu pões a espada homicida n'outras mãos? Que ventagem traz ao Estado o teu repouso, ou que lhe importa que estejas quieto, se os teus ditos excitão os outros á revolta? Sim, Illuminados, eu vo-lo repito, e nunca com mais força, os vossos dogmas são

o incentivo da mais nefanda improbidade: porque quem diz: \_ " Faze o que mais te praz » \_ diz equivalentemente, desafoga as tuas mais fogosas, e ardentes paixos. E ainda que isto não seja exhortar determinadamente ao mal, exhorta aquillo, que, ora conduz ao ben, ora ao mal, e manda seguir o proprio genio; á frugalidade o que he mo-derado, e á glotonaria o que he goloso, á cobriedade o que ama a agua, á crapula o que ama o vinho, á beneficencia, e á gloria quem tem o coração generoso, á avareza, e rapacidade, quem tem o coração vil... E isto que outra coisa he senão convidar friamente ao bem quem para elle se encaminha por si mesmo, e abrir a toda a qualidade de crimes, e vicios huma livre, e muito espaçosa estrada?

Torno ás minhas primeiras interrogações, ás quaes não se deo, nem
se dará huma cabal resposta. Dizei-me,
que conforto dais, á virtude principalmente offerecida ás mais dolorosas provas? Que freio pondes ao vicio quando for de mais suaves atractivos provocado? Já fiz conhecer a vaidade, e a
fraqueza dos outros motivos filosoficos,
especialmente no coração de hum Epi-

cureo; o vosso melhor motivo he o calculo dos prazeres, e desgostos, porque vós intimais ao vicioso : \_ " Guardate de cometter tal, ou tal attentado, porque as consequencias serão mais ama:gas do que he a privação do presente prazer. » \_\_ Mas além de não querer tantos calculos a paixão, ainda os quer menos quando he mais ardente, e ininflammada, e se a paixão neste estado admitte calculos, sempre os admitte a seu favor, e muito principalmente se pode encobrir-se, ou distarçar-se com a má cara da virtude. Todos os Illuminados, doutorados em huma similhante Arithmetica, dizem, mais com os factos que com as palavras, que huma improbidade feliz dá maior prazer que huma virtude desgraçadada. Assim, segundo as vossas razões, e em bom rigor Arithmetico, e Algebrico poderá o homem a seu sabor ser avaro, ladrão, incestuoso, homicida, traidor, rebelde, e tudo quanto quizer. E he innocente a Filosofia dos Illuminados? He humana? He gloriosa? He favoravel á virtude? He bem acommodada á pública felicidade? Aterrase com ella a Religião, e he repugnante á pública ventura. Eu appello para

o vosso testemunho, e para a vossa decisão, Mathematicos, Filosofos, e quantos homens ha no Mundo, que não sejão hospedes nas Sciencias, e nas Artes. Ainda mais, a Religião de que aqui se trata, he differente, e bem differente daquella que acabámos de combater acima, e merece huma particular reflexão, que deixe em completo desbarato a Filosofia do Illuminismo, e seus abominaveis principios.

## CAPITULO X.

Sobre a Religião Natural, e Christã.

A Té agora fallei em geral da Religião, qualquer que ella fosse, com tanto que reconhecesse a Divina bondade, etivesse huma idéa de Providencie remuneradora. Mas a Religião de que devo tratar, he por ventura esta Religião generica? He acaso em especie a antiga Egypcia, Grega, Celtica, ou Britana? He por ventura a actual Mahometana, Chineza, ou Japonica? Em todas estas, eu o sei, ha dogmas, ritos, festas, e sacrificios que fazem gemer a Natureza, e envergonhar a razão: mas sustento, e immovelmente sus. rento, que peor que todas est: s he a irreligião, como o peor de todos os máos Governos he a Anarquia; e o sustento sobre este principio inexpugnavel : que são menos ruinosas as paixões mal reguladas, que as entregues sem freio algum ao seu cego furor. As peores extravagancias de Religião, (qualquer que

seja), se bem se considera, não procedem de outra origem mais, que do frenesim das paixões; e de que outra maneira podia vir á cabeça do homem, que hum Ente optimo, qual he Deos, por universal sentimento he authorisador, e mandador de coisas pessimas? Isto não podia proceder senão de hum amor louco, ou de hum vil temor, ou de adulação ainda mais vil, que chegou a divinizar os homens com seus mesmos vicios, ou de algum erro latal que fez parecer boas, coisas de sua natureza pessimas, e as julgou mandadas por alguna Divindade optima; mas esta qualidade de erros sempre nasce da desordem das paixões. Ainda que, se de algum modo se quizesse imaginar huma Religião peor que a irreligião, esta Religião devia emendar-se, e não abolir-se. Por mais vicioso que possa ser hum Principado civil, nenhum sabio aconselhará em taes circunstancias a Anarquia.

Mas aonde me derijo? He esta a Religião que entre nós se controverte? Illuminados, deixai me que eu revele aqui a vossa malicia. Vós não tomais Religião alguma particular para alvo dos vossos tiros, mas hides maliciosas

mente tirando desta, e daquella as porções imperfeitas, e com estas, como outros tantos Prometheos, compondes o mais repugnante, hediondo, e abominavel monstro, que jámais se vira; e eis-aqui, dizeis vós, que coisa he a Religião! E eis-aqui que coisa he, vos respondo eu, a mais torpe impostura. E aonde achais vós esta Religião, senão em vossa preoccupada fantasia? E se achais alguma parte desta Reli-gião em Mensis, ou em Pekim, para que nos deitais em rosto aquellas extravagancias que nós detestamos? Ainda não vi hum bando de Missionarios tirados da caterva illuminada navegar para a China, e para o Japão a tira-rem aquellas infelizes gentes do abys-mo de seus erros! Contra o Christianismo unicamente assestão as suas baterias. Eia pois, voltem os canhões contra a Religião natural, que foi a Re-ligião dos mais sabios Filosofos antigos, e que fórma agora huma grande parte da nossa Religião. Dizei-me, se vos parece muito, ou pouco prejudicial aos homens? Que he isto, meus Sc-nhores! Vós, fóra de proposito sois tão eloquentes e facundos, e quando se chega ao ponto, emmudeceis? He pre-

ciro ter coragem, e produzir todos es capitulos de queixa... Mas vos ja tendes conhecido que seria huma contradição manifesta, dizer que he prejudicial á natureza humana huma Religião dictada pelo lume mais puro da mesma humana Natureze. A Religião natural nada mais he, que o culto, e a submis-são, que, segundo os principios da ra-zão, se deve prestar ao Supremo Arbi-tro de todas as coisas: nesta submis ão se comprehende toda a Lei natural, isto he, tudo quanto se conhece dictado, e prescripto pelo Author da Natureza. E que ou ra coisa podia prescrever este Arbitro, que he todo bondade, senão o que he universalmente necessario, e vantajoso á mesma Natureza? Não foi por certo outra a opinião, outro o sen-timento dos mais eminentes Filosofos. E póde ter-se em conta de prejudicial huma Religião que taes coisas prescreve? Póde ser que alguma coisa appa-reça boa á debil luz do nosso entendimento, e que por isto a julguemos preserita, e approvada por Deos; mas isto he hum mal accidental, que se desvanece, huma vez que se conheça o erro, porque he huma mesma coisa conhecer, que tal e tal acto he nocivo á natureza,

e comprehender que elle he vedado pelo optimo author da mesma Natureza. Podeiá tambem acontecer que tal e tal coisa nos pareça util em algum caso, e que a julguemos não prohibida por Decs. Porém que coisa mais justa que dever ceder o interesse particular ao interesse commum? Se isto não fosse, então authorisar-se-hião alguns para buscarem o proprio cómmodo com preju.-20 dos outros, o que seria a verdadeira peste da sociedade humana: mas eu disse que o Author da Natureza prescreve aquillo que he proficuo á mesma Natureza considerada geralmente. Com isto se conhece o duplicado vicio da bemaventurança dos Illuminados: de huma parte persuade a cada hum o seu particular interesse, e de outra parte tira ao interesse universal o sustentaculo da Divina suthoridade, e providencia: daqui se segue que nada ha mais util que a Religião natural, nada mais nocivo que o systema dos Illuminados.

Mas he outra a Religião, que estes Illuminados tingem com as cores da infamia de nociva: he a Religião... Oh vergonha deste seculo! He a Religião que elles mesmos professão, ou

fingem professar, a Religião Christã. Sim, elles perdoão ás loucas, e perjudiciaes Religiões de hum Osiris, e de hum Mafoma, perdoão ás mais sordidas suprestições da barbaridade Americana. Que digo perdoão? Elles as defendem, elles as louvão! Mas contra a Religião Christã vomitão o seu mais fino, e poderoso veneno. E donde nasce isto? Que motivo ha para isto? Poderemos alguma vez saber a verdade? Será porque se ju gue a Religião Christa mais perniciosa ao genero humano, ou porque he a mais contraria ás paixões, e aos vicios do genero humano? Examinemos se he devida a taxa de nociva á Religião Christá, ou se he devida a taxa de perversidade a quem a impugna.

E será a Religião Christá nociva ao genero humano? Como póde isto ser se a primeira baze, e o principal constitutivo desta Religião, he a Religião natural, que não póde ser nociva ao genero humano? Ora a Lei, e Religião natural he de sua essencia utilissima aos homens con o acabimos de ver. E he possivel então, que seja prejudicial aos homens a Religião Christá? He preciso, ó Illuminados, que

vos desembaraceis desta contradicção. Direis talvez que he nocivo tudo quan-to a Religião Christá ajuntou á Religião natural; porém isto não he assim, porque sempre fica intacto o mesmo fundamento, sempre fica mandado aquillo que a Religião natural manda, senpre fica vedado o que a Religião Christa tem accrescentado? Emendar os erros que a malicia humana havia introduzido na Religião natural, reduzilla á sua primeira integridade, enchella, aperfeiçoalla como em seu lugar veremos. Aquillo que os primeiros, e maiores Filosofos procurárão fazer com seus profundos estudos, mas não podérão, ou não fizerão senão em parte, Jesu Christo o fez com facilidade maravilhosa, e o fez tão perfeitamente que excedeo todos os desejos. Fizerão muito mal, e erradamente os antigos Romanos quando accusárão o Christianismo, e o impugnárão como contrario á felicidade do seu Imperio. Contrario!! E porque? Porque condemnava as tor-pezas da sua Scena, e a barbaridade de seus Anficheatros, ou a inconstancia de seus consorcios, ou a oppressão de seus vassallos, ou o direito iniquo das suas guerras, ou o outro direito ainda mais

iniquo sobre a pudicicia, sobre a vida de seus escravos, de suas mulheres, e de seus filhos? Não me persuado que lhes cahisse na cabeça tanta loueura. Considerem-se pelo contrario os grandes nétos de Ronsulo, se per ventura Christo lhes dissuadisse, ou a fraglidade dos seus Curios, ou o desinteresse dos seus Fabricios, ou a lealdade dos Régulos, ou a magnanimidade dos Camillos, ou a fortaleza dos Décios, ou a continencia dos Africanos, ou a moderação dos Marcellos, ou a gravidade dos Catões, virtudes, que sem dúvida fundárão e ampliárão gloriosamente seu Imperio. Pergunto agora; a doutrina de Christo repugnava a humas similhantes virtudes, ou era capaz de as promover com maior força, e maior energia? Se tivessem mais são o entendimento, terião conhecido aquelles orgulhosos senhores do Mundo, que o Christianismo era a unica medicina de tantas enfermidades pertiferas que por tão longo espaço de tempo havião serpeádo no vasto corpo de seu Imperio; isto he, o luxo, a molleza, a presumpção, a perfidia, e injustiça, a impiedade, contagios de que havião já expirado os Imperios Assyrio, Persa,

Médo, e Grego. Só o Christianismo podia curar, e cicatrizar tão profundas chagas, chamar, e reproduzir a primitiva virtude. Que digo eu reproduzilla? Eu devo dizer accrescentalla e milhoralla; porque, que parallelo, que comparação ha entre a injusta rapacida le de Romulo, e a moderação divina de Jesu Christo? E se consideramos a Religião pelo lado da innocencia, que Legislador Romano vedou e prohibio em suas leis fazer mal aos outros, querer-Thes mal , pensar delles mal ? Jesu Christo o proh bio, e Tertuliano o lança em rosto a todos os Gentios: veja-se a sua Apología no Cap. 36. E que devemos dizer daquella sincera, operosa, e universal caridade que Jesu Christo prescreve, e que foi incógnita a todos os Gentios? Justiça, Innocencia, e Caridade, Virtudes as mais humanas, e sociaveis, devisas, ou brazões proprios, e privativos do Christianismo. A isto se ajunta a estreita obrigação imposta a todos de desempenhar os multiplicados deveres de cada estado, de que resulta a boa ordem do Universo. He rematada loucura, dizia Santo Agostinho, attribuir ao Christianismo a pública infelicidade. \_ Dai me, exclama-

va elle, dai me Cidadãos taes quaes os requer a Religião Christa, taes maridos, taes mullieres, taes senhores, taes serves, taes soldados, taes magistrados, taes Juizos, e taes Reis, e dizeime depois se pode ser infeliz huma similhante Republica! A verdade te obrigara a confessar que será entre todas a mais bemaventurada; esta Religião que he tão illustrada em ordenar, he igualmente efficussissima em mover. \_ Dáme, bradava o eloquentissimo Lactancio Firmiano, di-me hum homem iracundo, mal dizente, desenfreado, e com puecas palavras, eu to tornarei dócil, e manso, como hum cordeiro. Dá-me hun homem cubiçoso, avarento, propenso à rapacidade, e eu to tornarei liberal, e até o farei pródigo no soccorro dos miseraveis : dá-me hum homem injusto, soberbo, ambicioso, eu o farei hum exemplo de modestia, de moderação, e de rectidão. E como não aconteceria isto, se pela mesma instituição de Jesu Christo, muito melhor, que pela instituição de Platão, quantos existimos no Mundo, nos reconhecemos membros de huma mesma Republica: Unam omnes, admiraveis palayras de Tertuliano, Unam omnes Rempublicam agnoscimus Mundum. Nós semos niembros de huma mesma, e immensa familia, já que todos somos irmãos, todos oriundos de hum mesmo pai terreno, todos regenerados por hum mesmo pai Celestial, todos destinados para huma mesma excelsa sorte, e bemaventurada Patria. E poderá haver huma união similhante a esta? Ainda ha mais: a vinculos tão santos preside o mesmo Supremo Imperador do Universo, a hum mesmo tempo pai, e legislador, juiz, e remunerador. Cumpres tu fielmente com sua soberana vontade? Espera hum premio amplissimo. Desprezas a sua soberana Lei, e não duvidas violar seus eternos direitos? Hum mui sevéro castigo te espera. E póde haver motivos para obrar bem, mais doces, e ao mesmo tempo mais poderosos? Estes são os motivos Christãos, E poder se-ha louvar outra Religião, ou poder-se-ha propôr a mesma irreligião como mais util aos homens que o Christianismo?

Ah! cedão os Illuminados aos factos mais incontrastaveis. Cuido que lhes não parecerei hum homem tão novo no Mundo, que não saiba quaes forão os antigos Gallos, Britannos, Gue

dos, Longobardos, Hunos, e outros Póvos Septentrionaes. Ursos, Tigres, Leos, rompendo de seus covis para despedaçar, e devorar quanto se lhe ponha dante, são imagens debeis, e mortas de sua ferocidade. A França o sabe, a Alemanha, a Hungria, a Hespanha, e muito mais a Italia, que muias vezes sentio o seio despedaçado, e consumido pelo ferro, e pelo fogo. Ora pergunto, quem domesticou, e amansou estes Ursos? Quem adoçou estes Tigres? Quem fez estes Leőes Co deiros? Não foi o Christianismo? Não sou eu o que o digo, fundandome em anecdotas reconditas; a mais solemne historia não só sagrada, mas profana o diz, e nos mostra, que onde entrára o Christianismo, fugíra logo a barbaridade, e que aquillo que não pôde, nem a polidez Grega, nem a sapiencia Romana, o alcançára a simplicidade Christa. Mas que digo eu sapiencia, e polidez? Os Gregos, e os Romanos precisárão da simplicidade Christa para depôrem os barbaros restos da antiga ferocidade. Mas póde ser que estes exemplos sejão nimiamente antigos: póde servir de exemplo moderno o novo Mundo, que deixou de ser barbaro, quando começou a ser Chris-tão. Não appello para as anecdotas, appello para o que he conhecido, e sabido no novo e antigo Mundo: de maneira que a propagação do Christia-nismo naquellas remotas partes se tornou o objecto não só da politica hu-mana, porém da caridade divina. Di-ga-se ainda por moda, ou por conve-niencia mal dos Jesuitas, seja como for, eu me quero servir de hum exem-plo não muito antigo. Huma nação immensa, desconhecida a si mesma, inimiga de si, quando se começou a conhecer, sempre em guerra com seus vizinhos, e em guerra tão brutal, que os vencidos não só erão prêza, mas pasto dos vencedores, abre o seu seio á Religião Christã, une-se em povoações, fazem se nella os homens escudo huns dos outros, conhecem a necessidade, e a doçura do mutuo soccorio, amão-se como irmãos com tanto extremo, que assombrados os barbaros circumvezinhos, assim como os antigos Idólatras, conforme o testemunho de Tertuliano, á vista dos primeiros Christãos, vede, dizião, como estes reciprocamente se querem bem, e como estão promptos a dar a vida huns pelos ou-

tros. Donde se segue que hum povo convertido a Jesu Christo atrahe a si outro povo, e de muitas sociedades disparatadas, fórma huma só de coração, e de espirito, que he o espirito da paz, da innocencia, da caridade; de maneira que, de innumeraveis covis de féras insociaveis, e antropófagas, se compõe huma Republica de melhores costumes, e de mais ditoso estado que a imaginada Republica de Platão. Talvez que me entendão que eu fallo da Christandade, que tanto floreceo no Paraguay. Talvez tambem, que algum Illuminado, ouvindo este nome, páre, e o acompanhe com algum dos seus desdenhosos motejos. Grandes Personagens quizerão ver com os olhos e tocar com as mãos a verdade deste facto, e ha delle monumentos authenticos de hum, e outro poder, civil, e sagrado: de maneira que os Escriptores menos cré-dulos o acreditárão, não sómente Muratori, mas Montesquieu, Buffon, e Haller, bem conhecidos no Mundo; nem teve animo de o negar o mesmo Raynal entre as suas indirectas invecti-vas contra o Christianismo; e para se destruirem tantos testemunhos parece que se deve pedir aos Illuminados mais

alguma coisa, que hum sarcasmo, ou

que hum surriso.

Mas se este nobre Ser, se este Illuminado se prezasse de certa pertinacia duvidadora que fosse por elle reputada hum rasgo de sapiencia, eisaqui hum novo argumento que não tem replica. Dizem com as acções os Illuminados, que a irreligião, ou ou ra qualquer Religião que não for a Christă he mais azada, e propria para a humana felicidade. Ora quem obriga e.tes senhores a existirem em França, en Alemanha, em Italia ou aqui em Portugal? Vão para a Arabia, para o Congo, para o Pegú, para a Cafaria, vão para lá ser mais felizes. Calão-se, e não se embarcão? Eu os entendo, amão a boa ordêm, o discreto governo, a gentil cultura, que são coisas proprias do Christianismo; mas tambem querem certas licenças proprias de outras Religiões, e muito mais da irre-ligião, porém detestadas do Christia-nismo; por isso no seio do Christia-nismo se falla mal do Christianismo. O que inspira sos Illuminados as suas declamações não são os males que elle causa, são os freios que elle põe aos vicios que não authoriza, nem tolera.

## [ I37 ]

Se o Christianismo fosse mais indulgente, os *Illuminados* se reconciliarião com elle. Mas como se podem conciliar coisas tão repugnantes? Os dogmas Christãos, e as torpezas do Paganismo? Huma de duas coisas, meus Senhores, ou ratractar o que haveis dito contra o Christianismo, ou hir viver com os Cafres mais licenciosos, e gozar alli tão desejada ventura. Porém escutemos primeiro o que a isto opponha a apaixonada razão.

- - -

of Circumstable Local Land

Month wines (Month )

solve at a solve

## CAPITULO XI.

Jacobs a new months

Sobre as opposições dos Illuminados contra a Religião.

Ao intento expôr aqui tudo aquillo que a impiedade imaginou contra a Religião: limito-me ás principaes razões que se referem á felicidade públion, e são, credulidade, timidez, intolerancia, e divisão. Dizem que a credulidade he tyranna da razão, e inimiga da sciencia. Logo, concluo eu, os Christãos serão os mais grosseiros, rudes, e ignorantes homens do Mundo. He possivel que os Illuminados sejão tão cegos, e tão loucos? Digãome qual he a sciencia que repugne ao Christianismo? A Rhetorica? A Logica? A Fysica? A Mathematica? Onde florece mais, e melhor que no seio do Christianismo a sciencia, e a verdadeira sciencia? Se na carreira de tantos seculos a literatura se não afogou no pégo da dominante barbaridade, a quem se deve esta gloria? Os melho-

res Oradores, Historicos, Poetas, e Filosofos não forão Christãos, e o que mais he, Padres, e Pontifices da mesma Igreja? Cegue-se quanto quizer o engenho dos Illuminados, não, fóra do Christianismo, não acharáo naquellas idades homens, que contraponhão aos Clementes de Alexandria, aos Basilios, Eusebios, Nazianzenos, Lactancios, Jeronymos, e Agostinhos. Fazer esta objecção aos nossos tempos he huma simplicidade sem igual, para não dizer huma patente injúria a tantos homens, e a tantas Universidades Christas tao celebradas pelas sciencias, e pelas artes. E vos, Illuminados, que sabeis tanro, onde o aprendestes, entre os Hottentotes, ou entre os Carai. bas?

Nem eu posso entender que tyrannía seja esta da razão, que vós atrbuis á Religião, se acaso não chamais
tyrannia prohibir á razão, que entenda aquillo que se não póde entender;
porque entender aquillo que nós podemos entender, nunca foi prohibido. He
verdade que o Christianismo quer que
se acredite aquillo, que não he intelligivel á razão, mas não se crê senão o
que á mesma razão se mostra sabia-

mente crivel. Christo não he Masoma, que prescreva a ignorancia, para remover toda a crença irracionavel. Quem he crédulo sóra de razão, culpe a sua insipida doçura, não o imperio da Religião. Se he mais razoavel a credulidade Religiosa, e Christá, ou a incredulidade silososica, eu já o mostrei em hum Discurso.

A segunda objecção, isto he, a timidez, parece que he tomada do Li-vro terceiro da Republica de Platão, onde este grande homem regeita os terrores internaes como infestos á genérosidade que se requer nos Magistrados de huma Cidade, e nos animos guerreiros: porém o mesmo Platão affirma no Dialogo Cratila, que o temos he o major, e o mais forte vinculo da alma, porque com elle foge de todos os excessos, e se contém em seus deveres. He o mesmo Plato o que em mil lugares de suas obras intíma a todos a justiça divina, e as penas de huma outra vida, a que elle chama gravissimas. E póde ser tão grande Filosofo contradictorio em objecto tão essencial? Era Filosofo, mas reconhecia huma Providencia remuneradora que elle julgou tão necessaria ao bem pú-

blico, que a confirma com indestructiveis razões em o ultimo Livro da Republici. Que pertendeo elle em o lu-gar allegado e tantas veze: rebatido pe-los Illuminados? Quiz regeitar as in-decentes, e estranhas fantasias de Homeio, e a triste figura que este Poeta faz representar no Inferno a seus Heroes, e até a seus Deoses; figura tal, que inspira aos animos não fortaleza generosa, porém vil pusilanimidade. Isto não he imaginação minha, he sentimento do Filosofo naquelle Livro, que he huma censura perpetur de Homero, e dos outros Poetas que delle tirárão a materia, e a fórma de suas extravagantes loucuras. Mas eu não me devo lembrar aqui do que persou hum Filosofo, em quanto por nim fallão a mesma Filosofia, e a Verdade. He claro como o Sol, que as penas com que hum Deos ameaça podem tornarme tímido, e froxo para o delicto; mas não me tornaráo tímido, e indeciso para executar huma acção honesta: o mesmo temor me fará para isto mais generoso, bem como o temor da pena comminada por Pedro o Grande fez os Russos tímidos á fuga, e constantes á frente do inimigo. Ha hum temor de fraqueza, e de cobardia, mas tambem ha lium temor de fortaleza, e de generosidade, e foi este o temor que fez tantos Martyres generosissimos des-prezadores de quanto havia de mais terrivel na Terra; e se ha algum que ame a intrepidez mil tar, interrogue Tertu-liano, e elle lhe dirá em seu Apologetico, não ao ouvido, mas com voz tão alta, que o oiça o Mundo inteiro, sem medo de ser desmentido, que nos exercitos Romanos não havia soldados tão fieis, e tão intrepidos como os Christãos, Passemos á terceira objec-

Nada parece tão intoleravel aos Illuminados como a intolerancia, a qual, para a tornarem mais odiosa fazem nascida dos Hebreos, e transmittida aos Christãos, e aos Musulmanos, sempre ciosa com excesso, sempre armada, e sempre disposta para a vingança. Observando o motim que so-bre isto fazem os Illuminados crer-sehia que todos os carceres estão cheios, que por toda a parte se erguem cadafalços, e aidem fogueiras; e desgraça-dos Christãos, se algum Filosofo for victima; solta-se o Mundo de seus eixos, despedaça-se, arruina-se. A prizão justa, ou injusta de hum Filosofo péza na balança filosofica toda a perseguição Neroniana. Até o bom Seneca perdoa a Alexandre Magno a oppressão de hum Mundo inteiro, e a destruição de alguns milhões de homens, porém não lhe perdoa a morte do Filosofo Calisthenes. Acaso será sacrosanto o caracter filosofal? Eu o venerei sempre, e ainda o venero; porém devo por ventura crer que elle seja impeceavel, ou inaccessivel á pena em seus peccados? Mas que me quer dizer com todas as suas declamações o intolerantissimo perseguidor da intolerancia? Que a qualquer deve ser licito o apostaçar; e ser mestre da apostasia? Tu dizes que o teu particular sentimento só te prejudica a ti, e não aos outros, se he erroneo; e que he preciso corrigir o erro com a persuasão, e não com o castigo. Ao que respondo, que o particu'ar sentimento não prejudica aos outros, se se conserva sepultado em o peito, e em quanto assim permanece não ha tribunal algum na terra que o precesse crimina'mente. Mas diga-me hum Illuminado a verdade, conservase realmente fechado no peito este sentimento particular? Patentea se ao me-

nos áquelle a quem se deseja illuminar! Não se vai elle propagando e espaihando entre gente apra a receber trevas? Pois a espada da justiça vinga com rigor toda a palavra que he contra o Governo, e contra o Principe, e serão tolerados com indifferença todos os ditos, todos os escritos, todos os facros contra a Religião, e contra Deos? He isto humanidade, ou he cegueira, insensibilidade, e estupidez? Bem se conhece qual seja a Religião d'aquelles que assim pensão. Porém se os não move respeito algum devido a Deos, ao menos devem commover-se com o mal que do estrago da Religião provêm ao Estado. A experiencia de vinte e cinco annos já devia ter aberto de todo os olhos aos mortaes. Pois ninguem se deve ressentir, vendo todos os dias espalhar, e estabelecer dogmas perniciosos? Consentii-se-ha que a pestilencia lavre aqui e alli, e que os apestados se misturem livremente com os sãos? E será toleravel quem persuade huma simi-Ihante tolerancia?

O Christianismo foi, e he sempre de sua natureza intolerante, como he de sua natureza a luz intolerante das trevas, a verdade do erro, a santidade da malicia, a virtude do vicio; e qu m disto argue, e crimina, dá bem a conhecer que intelligencia tenha das coisas divinas. Desta intoler neia não se deve inferir, que elle assalte, que elle despoje, que elle mate a qualquer sem distincção. Esta foi a maxima de Mafoma, e he hum grosseiro impostor quem confunde o Evangelho com o Alcorão, como se o pacientissimo Jesu Christo houvesse vindo á similhança de Mafoma com o alfanje na mão buscar, e fazer sequazes da sua lei. Se alguns Christãos fizerão o mesmo que os Mahometanos, não foi Jesu Christo o que lhes inspirou estes sentimentos, foi a sua ambição, a sua avareza, a sua hypocrisia, e tambem hum mal entendido, e falso zelo, reprovado por aquelles mesmos principios estabelecidos pelo Divino Legislador de que elles se dicião os Campiões. Além disto he preciso fazer a distincção dos tempos, tempos de paz, tempos de guerra, nos quaes nenhum rigor parece excessivo, acontecendo mil vezes que quem faz a guerra á Religião tambem a faz ao Principado, e tanto se respeita então a Magestade Divina, como a Magestade humana; e não admira que recahisssem pezados golpes sobre os réos.

Deixemos longos discursos, e com huma palavra terminemos a controversia. O Christianismo não he aquillo que fizerão os homens, he aquillo que prescreveo Jesu Christo. Logo, ó Illuminados, ou me mostrai em o Evangelho a intolerancia excessiva de que vos queixais, ou deixai por huma vez de accusar, e criminar o Christianismo. Seria na verdade grande tolerancia, se tão importuna calumnia fosse sempre tolerada!! Ainda ha coisa peor: ao escutar os lamentos dos Illuminados contra a intolerancia, eu julguei algum tempo antes de os conhecer de perto, e antes de me convidarem para a sua virtuosa companhia, que esão as vozes piedosas de innocentissimos Cordeiros: mas que assombro foi depois o meu! O Ceo nos guarde de taes Cordeiros! Eu nunca vi huma intolerancia tão acerba, e tão cruel como a sua. Desgraçados Ministros da Religião, se aquelles Cordeirinhos tivessem hum poder igual á sua boa vontade.! São os Marcos Antonios armados, que se queixão de que a Patria se arme para se defender delles.

A tolerancia, dizem os Illuminades, enriqueceo o commercio, e faz florecer o Estado. Estão enganados, thes respondo eu, e estupidamente enganados. O que por meio do commercio enriquece o Estado, são as próvidas ordenações, a sagaz pericia, a industria laboriosa, e a economia prudente, a bo i fé incorrupte, a abundancia dos generos, e das manufacturas: eis-aqui o que faz florecer o Estado pelo commercio, e não a rolerancia de ioda a Religião, e irreligião. Virão-se Estados colerantes sem commercio, e Estados intolerantes, de grande commercio, e rique. zas; baste Portugal para exemplo, e houve Estados em que a tolerancia contribuio para empobrecer os domesticos, e enriquecer os estranhos. Se para ocommercio mais florecente he precisa alguma tolerancia, he a tolerancia de outra Religião, e não a tolerancia da irreligião, e a gente util para o com-mercio não são os Doutores do Epicurismo, e do Atheismo, são homens a quem basta a tranquillidade na crença em que forão educados, porque elles em seus tráficos tambem se não embaração com a crença dos outros. Aqui podia ter lugar a questão sobre o ne. gocio dos Livros, que tão recommendado rem sido pelos Illuminados. Direi a este respeito huma palavra só: os Livros são para a alma o que são os alimentos para o corpo; hejusto que haja abundancia, ou fartura de huns, e de outros. Vigia-se com cem olhos para que sejão sãos os alimentos que sustentão o corpo, parece que tambem deve haver algum cuidado que não sejão pestilentes os alimentos da alma. Não são os Illuminados os que devem dar Leis a este respeito; isto toca a huma prudente, e religiosa politica; esta deve ordenar as coisas de tal maneira, que o commercio approveite sem que o Christianismo padeça; nem se estraguem os bons costumes, que são mais proveitosos á Republica, que todos os traficos.

A quarta, e ultima objecção posta á Religião, isto he, a divisão, temparecido aos Filosofos mais forte, e invencivel, que todas as outras. Hum Reino dividido, segundo o testemunho da mesma verdade, não póde subsistir, nem entre os mesmos Demonios; porque todos estão animados de hum mesmo espírito de facção. Ora, Religião, e Política, Poder sagrado, e profano,

Sacerdocio, e Imperio, são dois principios de divisão, e por isso mesmo destruição... Muito bem, escale-se de novo o Ceo, não se deixe Deos, nem por si, nem por seus ministros, governar o Mundo que lie seu; pertencemnos a nos, digão os Illuminados, exclusivamente todas as rédeas do governo. Deos governe o Ceo, nós a Terra, e se assim não for, tudo será divisão, desordem, e ruina. \_Oh frenesim Filosofico! Se huma Potencia invade os direitos de outra Potencia, passa os lemites, e rompe as linhas de divisão postas pela Divina Providencia, eu sei que deste procedimento se seguem grandes desordens, e desconcertos. Fóra disto, não póde lembrar desconcertos senão quem he inteiramente novico nas coisas do Mundo. Não houve hum Reino da Persia, hum Reino do Egypto, huma Republica de Carthago, outra de Athenas, outra de Roma? Não houve nelles Religião, e Politica, Poder sagrado, e profano, Sacerdotes, e Reis, Augures, e Arcontes, Aruspices, e Consules? Por ventura dividirão-se, e arruinarão se com isto aquellas Republicas? Mas eu vejo certo Illuminado de aspecto mais doutoral, que ajunta-

ao raciocinio a erudição, sazendo-me saber que os antigos Deoses erão os mesmos que os Reis, e que hum poder estava incorporado n'outro poder, que hum, e outro estava constituido nas mesmas mãos, e que não era de admirar que taes Governos, Republicas, e Reinos se conservassem, e florecessem. Confesso que esta erudição he na verdade muito nova; porque ainda que se não possa negar, que alguns Deoses fossem os mesmos que erão Reis, he fal o e he imposs ve affirma -se, isso de todos os Deoses; o contrario he ser absolutamente hospede na Theologia Paga. Nenhum dos Reis foi feito Deos antes que acabasse de ser homem, isto he, acabasse de viver. Resta além disto ver, e saber, se os mesmos Deoses. Reis forão os primeiros authores daquella Religião que estabelecerão, para a suppôr fundida, e vazada nos moldes da Politica humana. A incorporação de ambos os poderes, e a sua união em o mesmo sugeito, não he coisa sem exemplo: sem me lembrar de casos particulares, e passageiros, os Reis do Egypto erão juntamente Sacerdotes So-beranos, ou Pontifices da Religião. Mas julgar, estabelecer isto por huma

coisa universal, e perpetua, he professar hum: total ignorancia da Antigui-dade. Onde se acha que fossem huma mesma coisa os Aruspices, e os Consules Romanos? O summo Pontificado era dividido, e separado do Consulado. E os Reis da Etruria erão os mesmos que os seus Pontifices? Os Pontifices das Gallias erão os mesmos que os Druidas? E se quizermos subir mais alto até aos tempos Trojanos; quem determinou o sacrificio de Efigen a tão detestado pelos Illuminados? Não foi nem o sabio Ullysses, nem o forte D'c-medes, nem Agamenão Rei dos Reis; antes este com summa dor se submetteo, e sugeitou ao imperio de hum Sacerdote. Eis-aqui pois os dois poderes collocados em dois homens diversos, hum pod.r Real, que em certas coisas commanda aos Sacerdotes, hum poder Sacerdotal, que em outras commanda aos mesmos Reis; já que os direitos de hum poder não são os mesmos que os do outro poder, nem hum quer sempre aquillo que o outro quer, porque se sabe que Deos, nem sempre quer aquillo que quer o homem. Disto pode ser testemunha o Senado de Roma, o qual na causa dos bens. e casa de Cicero,

distinguio mui bem os direitos civís dos sagrados, decidind dos primeiros, e remettendo aos Pontifices a decisão dos outros, ainda que os Pontifices fossem membros do mesmo Senado. Pelo que respeita ao Christianismo, Christo que respetta ao Christianismo, Christo podia (e quem o duvída?) communicar seu poder aos Magistrados, aos Principes, aos Imperadores Romanos, porque era o Arbitro Supremo. Elle o não fez, e porque o não fez deve ser censurado pelos Illuminados? Vamos ao facio; quando imperou hum Constantino Magno, hum Theodosio Magno, hum Carlos Magno, houverão summos Pontifices, Bispos, e Sacerdotes, como agora os ha, e taes que cerdotes, como agora os ha, e taes que souberão sustentar com valor invicto o seu poder, e alguns forão de tempera tão forte, que se opposerão peiso a pei-to a toda a magestade do Imperio; e que desordem, que ruina se seguio da-qui? Pela Historia vejo, que o Imperio fôra então, como nunca, florentissimo.

Não he preciso hir tão longe, basta abrir os olhos, e ver as coisas de mais perto. Estamos em hum Reino onde estão unidos estes dois principios chamados de divisão, e por seculos, e seculos nos temos conservado em alta

prosperidade, e gloria. Desgraçadas, e mesquinhas especulações filosoficas, desmentidas, e aterradas sempre por factos luminosissimos! Se houve alguma desordem ,esta foi effeito da condição humana, e não da ordenação divina. Qual he a ordem por optima que seja que não exista sugeita a alguma perturbação, se nella intervem o arbitrio humano? A razão mais sólida, e forte me obriga a pensar desta maneira; se os dois poderes são distinctos, se são diversos, e confiados a diversas mãos, vem ambos de hum mesmo principio, que he Deos, author da Natureza, e da Graça, e são dirigidos, e ordenados por Deos ao mesmo fin, que he a felicidade humana; e se alguem me disser que . com isto se tira alguma coisa ao Principado, - que he isto, lhe responderei eu, em comparação daquillo que se dá ao Principado? Porém nada se tira ao Principado senão o abuso; consagra-lhe o uso legitimo, e o reforça maravilhosamente, e nada ha mais util aos Reinantes e aos Vassallos.

Sim, o Sacerdocio não tira ao Principado mais que o abuso. O poder sagrado he de huma ordem sobre-natural, e nenhum homem tem direito a

elle, he todo de Deos, e a quem pertence dallo, senão a Deos? Pertence ao Senhor eleger Ministros que occupem como elle derermina diversos gráos. He verdade que muitas vezes juntou os dois poderes, e de ordinario os distingue, e isto com mui próvido conselho, tanto para repartir o pezo que seria excessivo na duplicada administração, como para emendar mais facilmente os abusos. He grande perigo em quem governa julgar licito quanto quer, e querer quanto póde. Esta foi a regra que seguírão os Tyrannos, e que ha tantos tempos approvão os Illuminados com vergonha da razão, e estrago, e ruina da humanidade.

Mas que faz, e quel he a destinação do Sacerdocio? Levanta em nome de Deos a voz cheia de authoridade, e diz: Non licet: — Isto não te he licito, e sabe que ainda que possuas hum Imperio terreno, serás excluido do Reino eterno, e cahirás na desgraça de hum Monarca infinitamente maior que tu. E quantos excessos e desordens se tem impedido com estas palavras? Até os Poetas, e os Filosofos gentios approvárão esta providencia, e o mesmo Platão a constituio en-

tre as leis da sua nova Republica. Nunca em o seio do Christianismo o poder sagrado poz as armas nas mãos ao povo contra o poder profano, perque sempre quiz que este poder se respeitasse como co sa divina, sempre se obedeceo ao poder, ainda que alguma vez se devesse desobedecer ao abuso. Isto ensinárão os Apostolos Pedro, e Paulo, isto praticárão os primeiros Christãos. E se o uso do poder he legitimo, oh! quanto he exaltado, e vigorisado pela Religião! Então se representa o poder como coisa divina, as suas determinações são como ordens emanadas do Ceo, e para se executarem não só está desembainha a espada humana, tambem a divina lampeja, e fulmina sobre a cabeça dos mortaes. Que homem ha mais sugeito, e obes diente ao Principado terreno do que o Christão verdadeiro? Quem mais alheio de revoluções tão frequentes em as ou-tras seitas? Os Romanos idólatras no decurso de muitos annos estiverão sempre em acto de derrubar do throno os Împeradores que elles mesmos havião exaltado, e acclamado, e de cujas mãos recebião muitos beneficios: e os Christãos despojados, martyrisados, proscritos, a nada mais attendião, que a honrar, e servir, quanto o permittia a virtude, os mesmos Imperantes, que erão seus implacaveis perseguidores. Nem de outra sorte podião obrar sem contradizer os preceitos, e os exemplos de seu Divino Mestre. Toda a vida de Jesu Christo, he coisa tão milagrosa nesta parte, que o mui livre Filosofo Mon'agne não cessa, nem cança de se admirar. Sugeitou-se a todo o pezo do governo civíl, e político, es-tabeleceo sobre isto as mais admiraveis regras, e longe de transgredir huma só, submeteo-se voluntariamente á mais despiedada, ignominiosa morte. Não he este facto hum grande titulo pelo qual a pessoa, e a Lei de Jesu Chris-10 se tornão eternamente sagradas, e veneradas ao terreno Principado? Quem declara guerra á Religião, tambem a declara ao Principado, e quem quer hum só poder, não quer nenhum. Quem destroe a authoridade sagrada, como respeitará a profana? Removendo o Sacerdocio, e a Religião, se remove o mais forte sustentáculo do throno. Então a sua unica base será o temor, será o interesse puramente humano dos subditos; base tão incerta, e tão de-

bil como são as causas sobre que se estabelece, base sobre a qual não estaria mais seguro hum Rei legitimo do que estava entre seus salteadores, e assacinos, o Velho da Montanha. O capricho desfaz, e põe hoje em cadeias quem hontem manejava, e sustentava o sceptro Não vai longe da verdade quem pensa, que huma grande parte da prosperidad: dos Imperios dos Carlos, dos Theodosios, dos Constantinos se devêra ao favor que o Principado déra ao Sacerdocio, e que o Sacerdocio outorgára ao Principado. E vós, ó Illuminados, dai-me a razão porque os l'rincipados em outra qualquer parte tão precarios e ruinosos, sejão no seio do Christianismo tão estaveis, e tão moderados? Quem ama pois a boa ordeni que he o refreamento da malvada cubiça, quem ama o excitamento á execução dos proprios deveres, a paz, a segurança, os bens todos da vida so-cial, e a que he mai e tutora de tantos bens, a discreta, e pacifica soberania, em huma palavra, quem ama a universal plenitude da felicidade que se póde conseguir, e ter na Terra, se he sabio, deve amar a Religião, e entre tantas aquella Religião que tem por base a Lei natural, e que por isto não póde discordar da sã poli ica, a qual tambem se funda sobre a mesma Lei natural; Religião que não divide, ou destroe os Estados, mas os estabelece, aperfeiçoa, e-prospéra divinamente; e tal he a Religião Christã, tão digna do favor dos amadores do público, quanto he digna de detestação a ímpia Filosofia dos Illuminados, que a combate. Devo agora tratar da felicidade privada, objecto a que me chama todo o meu coração.

The second secon

## CAPITULO XII.

Se seja mais conducente para a privada felicidade a Filosofia dos Illuminados ou a Religião, especialmente a Religião Christã.

E verdade conhecida, nem os antigos Epicureos, nem os modernos Illuminados podérão com todos os seus artificios adquirir jámais a fama de homens benemeritos do público. A sua Filosofia não se atreve a mostrar-se ao povo com a cára descoberta; nem bastou o esforço, e engenho de alguns homens doutissimos, e agudissimos para a expurgar de toda a preoccupação sinistra. E na realidade, que se póde esperar, para pública ventagem, de huma Filosofia com a qual nunca se vio huma Republica mediocremente ditosa? Por isto os Epicureos modernos, que são mais sagazes que os antigos, se conservão separados dos negocios publicos, satisfeitos com a felicidade pri-

vada, á qual he mais sensivel o coração humano. Sim, a felicidade privada he o seu proprio, e soberano tim-bre. Como póde o homem, dizem el-les, viver feliz debaixo do imperio de huma Religião, que impõe Leis, e ameaça castigos? Sempre oppresso em quanto ao presente, sempre ancioso em quanto ao futuro? Esta felicidade só bróta no seio da nossa Filosofia inimiga de toda a anciadade, de todo o constrangimento. E com effeito, os que dezejão passar a vida aleg emente desertão em chusma da Religião, e se alistio debaixo das nossas Filosoficas bandeiras. Que nos faz o Público? A beatitude he coisa pessoal, e propria de cada hum. Se nos somos felizes, todo o Mundo para nós vai bem.

Assim discorrem os nossos egregios amadores da humanidade, os quaes para passarem quatro dias alegres, e jucundos deixarião friamente arruinar Cidades, e Reinos. São coherentes com seus principios, e buscão aquella felicidade que se figurão em seu coração á custa da universal miseria. Mas são loucos em se imaginar huma felicidade privada contraria á felicidade pública, como se acaso podesse estar bem

hum membro por aquelles meios pelos quaes se arruina todo o corpo. Hum homem pois seria ao mesmo tempo feliz, e infeliz, feliz pelos bens privados que se busca, desgaçado pelos males publicos de que participa, e por isto seria hum verdadeiro Irco-Cervo. Mas que digo eu feliz pelos privados? Expliquemo-nos: que bens são estes? São os prazeres terrenos? Confesso, que de taes prazeres he mais liberal a vossa Filosofia, que a Religião, principalmente a Religião Christa. Mas em fim todos são prazeres da Terra, e não se sabe se sejão flores, ou espinhos o que a Terra produz. Se eu pergunto aos vossos calculadores, responder-mehão, que a somma dos males iguala, se senão excede, a somma dos bens. Toda a Filosofia, e Sapiencia concorda que se não encontra na Terra a perfeita, e pura felicidade. Pouco mel, e muito sel, tal he o quadro beatifico que a Terra apresenta aos cubiçosos mortaes. Sempre me admirei daquelles que limitárão á Terra os seus pensa-mentos. E imaginavão acaso encontrar a inteira beatitude, que na Terra não existe, ou contentavão-se com a sua sombra, ou illusoria imagem? Digão os Illuminados já que são tão apegádos á Terra se encontrão nella a bemaventurança? A Religião ao menos ma apresenta, sem comparação, mais

grandiosa.

E será acaso o prazer a unica coisa que o coração humano dezeje? Eu bem sei que he arriscada a empreza fallar a huma alma sensual de objectos superiores aos sentidos, e sobre elles n'u.to elevados. Estes objectos são para ella sombras, e vaidades que não entende, e ás quaes não sabe dar valor, nem apreço. Segundo julga, nada ha sólido, e apreciavel, senão o que se vê, e se palpa. Comer, beber, entregar-se ao divertimento, e prazeres... esta he a felicida le do homem, qual será a do bruto? He verdade que se julgão i suaes s e até aquelles mesmos a quem pêza sua propria dignidade, como de certos Principes conta a Historia, que para desafogar seus baixos desejos, tomavão mil vezes os vestidos, e as maneiras dos seus servos, assim estes, tomarião de boa vontade a pelle de algum animal para satisfazerem melhor seus brutacs appetites. E na verdade, existem alguns que para serem animaes brutos pouco falta mais que trazerem as mãos no parallelo dos pés, e alongarem, e curvarem o rosto como tem curvo, e baixo o entendimento.

Digo a verdade, não me admiro que se namore desta bemaventurança hum engenho rude, e grosseiro, costumado a julgar das coisas com o ven-tre, e com os olhos. Todo está im-merso na materia; e que póde desejar que material não seja? Mas que hum entendimento vasto tenha tão curtas idéas, que hum coração generoso nutra tão baixos desejos, que delles goste, e que delles forme a sua gloria entre as pessoas m is cultas, e polidas, e que até as chegue a convidar, para tão fatuas sen ualidades ... á vista disto, quem não deve ficar não só espantado, mas enjuado, e aborrecido? E he esta a bemaventurança, que a vós, grandes da Terra, a vós, homens de letras, e de talentos, he proposta, e he offerecida por homens que se julgão e estimão a flor de todos os viventes? E póde a vileza do appetite deprimir tanto a nobreza, e a elevação do espirito? E poderá soffrer isto huma alma bem formada? E não deverá com hum alto desprêzo regeitar a offerta, e os offerentes? Fujão taes pessoas do meio de

nós, e vão viver com os brutos seus irmãos, e gozem com elles da sua não humana bemaventurança! Mas elles não são senhores desta me ma miseravel bemaventurança, he a Fortuna. Dizei-me, o Illuminados, estão acaso estes prazeres em vossas mãos? Estão em vossas mãos as melodías, ou theatros, as iguarias exquisitas, o Tokai, e o Constança? Poucos são os que podem dizer com o gargantão do Evangelho: \_\_ Eia, ó minha alma, o teu imperio he este. Come, bebe, diverte-te. \_\_\_ E quem he o que o póde fazer sempre? Nem sempre a abundancia he companheira do desejo, da abundancia são sempre companheiras a saciedade, e o tédio; nem ha variedade no Murdo que possa obviar os ataques destes dois importunos inimigos. Os mesmos sentidos são muito limitados para a immensidade dos appetites. E quanto he alteravel de huma hora para outra a natureza do corpo humano! Está acaso na tua mão fazer que te não dôa a cabeça, e o ventre? Não. Logo, a tua bemaventurança não está no teu arbi-

trio, mas no arbitrio da Fortuna.

Mas sejão para o Illuminudo favoraveis todas as coisas: quem póde

viver contente, e satisfeito da propria sorte? Digo, que absolutamente não póde. Levanta, ó homem, os teus olhos do lôdo, e escuta as vozes da natureza, e se repugnas, ella te obrigará de tal maneira que te verás constrangido a escutallas, ainda a teu pezar. O sentimento da propria dignidade, e a idéa do optimo, são duas coisas tão altamente estampadas no animo do homem, que jámais se apagárão, nem deixárão que Epicureo algum seja bemaventurado em seus prazeres. Exponhamos em maior luz huma, e outra coisa. Digo em primeiro lugar o sentimento da propria dignidade, e da ui deduzo o desejo da honra, e o odo do aviltamento, e do desprezo. E com effeito, quantos estão promptos a sacrificar pela honra, não só o prazer, mas o repouso, a saude, e a vida? He hum milagre achar hum animo tão estupido, e tão vil, que não seja sensituado, e a condesprezo. tupido, e tão vil, que não seja sensi-vel ao aviltamento e ao desprezo. E que outra coisa quer isto dizer, senão que o homem he hum objecto mui grande, e que se conhece tal, sejão quaes forem as circunstancias em que se ache, e que se ressente de qualquer afronta como indigna delle? O homem

tem hum senso íntimo da sua superioridade sobre todos os animaes, e he tal esta superioridade, que elle se julga seu senhor, e soberano, e exercita este senhorio como sobre huns Entes de natureza inferior; coisa tão verdadeira, que o mais insignificanre homunculo julga huma afrontosissima injúria ser chamado bruto. E que será se se dér hum tal nome a pessoas illustres por estado, por educação, por saber, por grandeza de ideas, e de espirito elevado? E esta he em substancia a honra que os Illuminados fazem ás pessoas mais qualificadas. O que acabo de dizer he bastante para confirmação de quanto expressei: por isto cessa o assombro do motivo porque os majores homens da Antiguidade olhárão com tan-10 desprezo para a doutrina, e moral de Epicuro. Esta doutrina póde convir aos brutos, mas para os homens, e maximamente para os homens grandes, he huma verdadeira contumelia. Dizei a hum Cyro, a hum Themistccles, a hum Camillo, a hum Africano, que são outros tantos brutos, nascidos para vegetarem, e depois para morrerem, e acabarem de todo, e em tudo, e que devem depréssa correr todos os prados, e colher as rosas dos prazeres antes que se murchem, e desvaneção. Oh! que indignidade! Parece me que estou vendo aquellas grandes almas indignadas ficarem á primeira vista incertas, se quem assim lhes falla seja homem da mesma natureza, ou seja bruto em forma humana! Parece me, que lhes vejo voltar com desprezo as costas, e dizer: Ide, almas dignas da

brutalidade que assoalhais!

Digo em segundo lugar, que á hemaventurança dos Illuminados rep: gna a idéa do optimo. Desta observação somos devedores ao primeiro discipulo de Socrates, pela excellencia de seu engenho chamado o Divino, o qual ensina, que ainda que a maior parre dos homens seja transportada, e seduzida pela idéa do prazer, não póde ser bemaventurada, porque tem hum grande adversario na idéa do optimo, que se lhe tem de encontro, e lhe lança em rosto a sua turpitude, e a sua lou.ura. E na verdade, que coisa he deixar dominar da idéa do prazer? He propriamente huma especie de Mundo ás avessas, o inferior que se levanta, e o superior que se abate, o cego que guia o que tem olhos, o servo que

commanda, o senhor que serve; e por este modo o homem se transforma em Centauro, em Minotauro, ou em peor monstro, em que a parte brutal predomina a humana, o corpo a alma, o appetite o entendimento, a concupiscencia a razão. Infame desordem, e insupportavel ao homem de bem! Eu sou grande, dizia Seneca, e gerado para coisas maiores que o ser escravo do meu mesmo corpo. E onde, e quando se acha esta bemaventurança? Ciça-se Agostinho, o qual pela agudeza do engenho, pela solidez do juizo, e pela vastidão dos conhecin entos póde bem ir a pár dos maiores, e mais sublimes Filosofos: « Encontra-se a bemaventurança, diz elle, quando se ama, e se possue o que he optimo para o homem,. Busquemos o que he oprimo para o homem; por ventura o prazer? Para o maior número, que he o dos fatuos, póde ser, mas não para o homem que seja verdadeiramente e que deseje ao menos encarar a sabedoria. O homem Filosofo attende, e busca só o puro deleite da alma, e despreza os prazeres do corpo; porque as coisas incorporeas são, entre todas, as maiores, e mais belas. E quem pode duvidar disto conservando o senso íntimo da humanidade? Digão os Illuminados se estimão como mais púra a substancia da comida, e da bebida, e de todos os prazeres sensuaes, que a sciencia, o crédito, a estima, e a benevolencia dos homens? Se lhes fosse dada a escolha que quererião ser, hum Sardanapálo, ou hum Scipião Emiliano? Se ficão indecisos, não são homens, nem conhecem, que o animo he de sua natureza mais forte que o corpo, por isso os prazeres, e as dores da alma prevalecem aos deleites e aos tormentos do corpo. O optimo de que falla Agostinho, não he absolutamente hum bem incorpóreo; nem por isto me digão os Illumindos, que elles tambem gozão prazeres incorpóreos no meio das delicias sensuaes, e que os podem unir, e ligar entre si. Mas enganão se, destes mesmos he senhora a Fortuna, como diz Marco Tullio: Vitæ beatæ domina Fortuna. — Quantas vezes donde se esperava louvor e favor, vem odio, e vituperio? Todo o bem da sciencia he destruido pela inveja, e pela tortuosa intriga. Eu desejaria saber como possa consistir nisto a bemaventurança, quando me lembro de hum Socrates

calumniado, de hum Jorge de Trebizonda esquecido, de hum Lourenço Valla, e de hum Angelo Policiano per-

seguidos.

O mesmo Socrates nos leva mais avante, quando nas tristissimas circunstancias em que se vira, poe huma grande distincção entre os mesmos bens incorpóreos; e nós lhe devemos dar crédito, porque elle conhecia mui hem, huns, e outros: diz pois d'estes ultimos, fallando de Aníto, que procurava juntar riquezas, lustre, e honra sem curar da verdade, e da virtude: \_ "Eu lhe clamarei que tenha em nada as coisas de summo preço, e que de summo valor ás coisas que lhe parecem nada." \_\_Sentença digna de tão grande sabio! He bem ordenada aquella Cidade em que os inferiores obedecem aos superiores, e os superiores obedecem aos dictames da razão; e he bem ordenado e feliz o homem, no qual os appetites estão sugeitos á razão, e a razão está igualmente sugeita á virtude. Nem de outra maneira se pode conseguir a boa ordem, nem sem a boa ordem pode haver paz, nem sem a paz póde haver felicidade; e eis-aqui ligada em estreito vinculo, como a razão

quer, a pública com a particular feli-cidade. Mal conhece a Virtude quem se persuade poder sem ella, e longe della viver feliz. Só ella he na Terra aquelle optimo, que póde dirigir o homem e fazello melhor. O homem, se não he unicamente, he principalmente a sua alma, e ninguem poderá du-vidar, que só a virtude pode fazer a alma melhor, e optima. E he só a verdadeira, e sólida virtude o que falta aos miseros Illuminados. Não esperem, deslumbrar-nos com os seus especiosos titulos de virtude, honestidade, e sapiencia. Já sabemos onde se dirija tudo isto, que he áquelle desgraçado saber viver, que he tão commum ao vicio, como a preconizada virtude. A virtude que nos conduz á perfeição e felicidade, he a virtude que tem a sua raiz na dignidade do homem, e que dirige sua frente á magestade, e providencia de Deos. Eis-aqui o verdadeiro Filosofo; e que relação ha entre esta Filosofia, e dos Illuminados? E que será se se confronta a Filosofia dos Illuminados com a Religião Christá? A Filosofia dos Illuminados lisongea-me, porém envilece-me; distingue-me do povo, mas torna-me similhante ao bruto. Conserve embora suas caricias, eu não ambiciono similhantes distinções, antes quero viver confundido com a plebe mais inculta : se não for admittido aos mysterios filosoficos, não terei a fama de Illuminado, mas terei a consolação de me julgar simi hante a Deos, e mediante a sua graça, seu filho, e seu herdeiro. Se a minha Religião me priva na Terra de algumas ventagens, compensa-me esta falta com a promessa de melhores, e maiores; em vez da Terra me promette o Ceo, ende possa ser hemaventurado eternamente. Talvez que os Illuminados se rião destas minhas imaginações; mas quem de nós vivirá mais contente, eu com o povo, ou elles com Epicuro? Eu em tão alto estado para com Deos, ou elles em gráo tão baixo no meio dos brutos?

He grande, eu o sei, o predominio que tem sobre a nossa alma o bem presente, e sensivel; mas he preciso advertir, que se a Filosofia dos Illuminados me concede alguns destes bens, tambem me rouba outros. Porque, que estima se póde dar a hum homem que por seus sentimentos mal se quer distinguir dos brutos? Eu confesso a verdade, se esta Filosofia me entrasse na

alma, no mesmo instante perdia toda a veneração que eu conservo ao genero humano. E que soccorro me póde dar em minhas necessidades? Eu não oiço mais que gritos de humanidade, humanidade! Eis o que se escuta aos Illuminades. E que human dade pode ser esta em huma alma brutal? Piedade? Compaixão? - Olha aquelle miseravel insecto que está para morrer, não desprezes a tua carne, he composto da mesma materia de que tu hes composto, se tu o não soccorres, aquella maquina que falla, aquelle moin o que raciocina, e se chan:a homem, se perde e se desvanece. \_\_ Peroração na verdade efficacissima! Ah! Illuminados, aparte Deos de vós todas as disgraças, para que não possais experimentar a humanidade que nos ensinais! O que hum Cão dá a outro Cão, seria o soccorro que de vos se podia esperar. Aquellas pessoas que mais licongeais, e a quem dirigis maior adula-ção, serião as que mais depréssa vos abandonassem, e desprezassem, principalmente quando se lembrassem que o vosso principio fundamental he buscar sempre o seu maior prazer. Qual he aquelle que se póde comprazer do

espectaculo da miseria alheia? Segundo este principio todas as coisas serião licitas, e louvaveis, e com toda a razão se poderia dizer com Aristófanes: — « Agora que me fiz Filosofo tenho o direito não só de abandonar meu pai, mas de o espancar, e tratar peor que he hum Cão; e porque o não farei, se isto me apraz, e deleita? » — Principio horrivel! e mais horriveis as con-

sequencias!!

Graças infinitas á Religião, principalmente á Religião Christa, que de outra maneira provê á nossa honra, e á nossa conservação! Ella não dissimula a nossa vileza para quebrar a nossa soberba, nem menos esconde a nossa dignidade para realçar a nossa cobardia, e despertar os vivos cuidados de hans a beneficio dos outros. Ella nos diz que o nosso corpo he de barro, mas que a nossa alma, he toda espirito, e que hum, e outro são obras de hum Supremo Artifice, que os enriquece de seus preciosos dons, e os vigia com hum paternal amor. E quem des-prezará o homem, acreditando-o tão honrado por Deos? Nada ha que se possa comparar á honra que fez Jesu Christo á nossa humanidade, consa-

grando-a, e deificando-a de algum modo, quando se unio a ella. O mais miseravel de todos os escravos tem com isto na frente hum caracter amavel, e venerando até aos maiores Principes da Terra. Oh! Jesu Christo! Oh pai! Oh amador verdadeiro dos homens! Quem similhante a vós vio, ou pôde ver o Sol? Desceo com elle a caridade dos Ceos. E quando vio o Mundo tantas obras de caridade senso depeis que Jesu Christo viveo entre nós? Unde triunfou mais a humanidade, ondefloreceo mais que em o Christianismo? No seio do Christianismo se virão, e se vêni ainda pessoas da mais alta jerarquia prestar serviços aos Lazaros mais ulcerosos. O Illuminado, todo humanidade em su spalavras, todo desprêzo, e crueza no coração, não merece mais que o desprêzo dos homens por seus documentos. Isto deve bastar para concluir victoriosamente em favor da Religião, tanto a respeito da felicidade particular, como da felicidade pública: e bastaria, se fosse só a razão a que sentenciasse em tão grande controversia; porém com a razão se assentão, senão juizes, ao menos advogados, a concupiscencia, e a fantazia; huma não se sabe separar do prazer que a Filosofia lisongeira lhe promette, outra não se sabe acommodar ao constrangimento, nem ás sevéras coisas que ameaça a Religião. Apertemos mais sensivelmente a primeira, e desenganemos mais visivelmente a segunda, para que se manifeste a púra verdade, que só póde servir de guia para a vida bemaventurada: para este fim reservo as tres ponderações seguintes.

San Commence of the same of th

e comment of the comm

to the first to the state of the state of

## CAPITULO XIII.

Sobre o prazer que a Filosofia dos Illuminados nos promette.

PRAZER, já o disse, o prazer he o grande argumento com que a Filosofia dos Illuminados expugna os corações humanos, argumento fortissimo, não por força geometrica, mas por ce ta força amatoria mais poderosa q'e toda a Geometria. He huma especie de fascinação, ou encanto que arrebata os animos, fazendo-lhes crer, que exi-te a bemaventurança onde se encontrà maior prazer. Nisto se emptega, e disto faz pompa toda a illuminada Filosofia. Ora eis-aqui hum Diléma, que, se me não engano, invencive mente conclue, e fecha todo o subtergio, seja qual for o prazer de que se trate. Escutem, meus Senhores, com a maior attenção que lhes for possivel := Ou o prazer que esta Filosofia concede, he conforme á virtude, ou não he. He conforme á virtude? Logo, he conforme á Religião, digo á Religião Christã, já que esta não he de genio tão austero, que que ra ver sempre de luto os seus sequazes, e ainda que ella aconselha a austeridade pelas ventagens que della provêm, não véda o prazer senão quando he contrario a virtude. E para que he excluir esta Religião como opposta, e repugnante á propria felicida-de? Não se póde imaginar coisa mais louca: porque querer viver tão virtuosamente como a Religião prescreve, e refutar esta Religião, he o mesmo que querer o rigor da Religião, e não querer os seus confortos, querer todo o amargo da virtude, e não querer a sua maior docura; porque está clarissimamente demonstrado que a virtude rece-be da Religião os seus mais amaveis, e sublimes dotes. Logo quem não quer prazer senão conforme á virtude, e depois disto regeita a Religião, diminue e atenúa o prazer, não augmenta a bemaventurança, contradiz-se a si mesmo, e engana os outros. E se o prazer que elle quer não he conforme á virtude! Ah desgraçado, exclamo eu, desgraçado! Deixaste em fim cahir a máscara, e o prazer que propões e

tanto exaltas condescende com o prazer do vicio, e em quanto os outros Filosofos fazem todos os esfórços para promover os bons costumes, tu hes o Filosofo que promove a immoralidade. Dissolutos pois, effeminados, deshonestos, viciosos de todas as maneiras, vinde, achou-se huma Filosofia que he toda vossa, e até dos brutos pois parece ensinada por elles. Alegraivos, saciai-vos; mas não espereis achar no vosso prazer aquella bemavença, que o vo so coração tanto deseja. Os brutos a acharáo, porque não tem outra idéa e outro desejo mais que o do prazer sensual. Vós, a vosso pezar, tendes a idéa do optimo, tendes o desejo da honestidade, e da virtude de que viveis privados; e acaso sentis bam a dôr acerba de tanta privação? Ainda que os outros se não misturem comvosco, vosso mesmo animo se envergonha de si , e se exproba a si mesmo a sua turpitude; senão fordes do número daquelles que chamão ao pejo fatuidade, á temperança cobardia, á modestia rusticidade, á lealdade simpleza, á justiça huma generosa loucura, á injustiça siso, e prudencia. Mas para pensar assim, a que abysmo de maldade

he preciso ter chegado! Eu não me posso persuadir de modo algum que haja homem no qual esteja extincto até este ponto todo o lume da Razão, e da Natureza. Póde o homem fallar como quizer, mas não póde sentir como quizer. O vicio he segundo a paixão, mas he contra a razão; a razão annuvia-se com as más obras, não se extingue: assim mesmo annuviada lampeja, e fulmina como vingadora de seus ultrajadores. Logo, onde está a

bemaventuranca?

Mas se de toda a sorte quereis a razão não só annuviada, mas extincta, seja assim; sereis por isto bemaventurados? Não por certo. Tirado o lume da razão, eis-aqui prêza das vossas paixões, das paixões dos outros. E vós, meus Senhores, vós Filosofos, conheceis bem estas féras? São lisongeiras á primeira vista, depois atormentadoras, e finalmente homicidas. Se vós pensais, affagando-as, ser felizes, bem mostrais que so as conheceis na superficie. Tirai-lhe os véos, os quaes existem dentro, e fóra de vós, e conhecei as suas verdadeiras qualidades. Quando desertais do Imperio da razão cahis em por der das paixões desordenadas, e são

desordenadas, porque não estão subordinadas á razão. E por ventura qualquer pa xão desordenada não he huma enfermidade da alma, como nos ensinou sempre a bon Filosofia? He huma febre a norsa avareza, he huma febre a nossa luxuria, he huma febre a nossa ambição, e febre que nos inflamma, e destroe a alma não menos que as outras febres inflammão, e destroem o corpo. E no meio de tanta enfermidade, poderá o homem ser bemaventurado? Tanto mais apartada está de nós esta bemaventurança, quinto mais vizinha no la promette a paixão com seus des 1fogos. A paixão sempre mistura os toxicos ao seu mel: he primeiramente a con elheira dos delictos, e depois he o algoz dos delinquentes. Quem poderá assaz dizer quão inquieta coisa seja huma paixão, quão violenta, quão incontentavel quando he dominante? Hontem eras seu senhor, hoje hes seu escravo, Não tens paz em quanto ella não está saciada, e por ventura está sempre em teu poder saciar a paixão? E quando huma paixão contrasta outra? O appetite irascivel (para me explicar nos termos da escola antiga), está sempre em guerra com o concupiscivel. E quando disse huma

paixão que he violenta, basta? Se que-res saber a verdade, não creias no rosto, não creias nas palavras, entra nos penetraes do animo, e tu verás como sempre ha ahi necessidade de mil coisas. A paixão, que ao principio he modesta não conhece limites, he hym sorvedoiro, he huma vo agem profundissima. Vai, e se pódes, satisfaze-a de todo. E senão a pódes satisfazer, oh que tristes das se te apparelhão! Que agitações, que anciadade, que melancolia, que transportes, que furores, que desesperação! E são estas as doque desesperação: E são estas as do-çuras que a paixão póde dar ao Filosofo Illuminado? Nem de outra sorte pen-savão os mesmos Epicureos. Hum dos mais illustres entre elles disse com pa-lavras expressas: — A vida lie amargosissima debaixo do dominio das pai-xões.— O mesmo Epicuro affirmou em hum accesso de razão, que não podia haver jucundidade, e alegria, on-de não houvesse virtude, e sapiencia. Mas para que tirou elle á sapiencia, e á virtude os seus melhores tymbres, tirando a dignidade ao homem, e a providencia a Deos? — Porém Epicuro só quiz, que toda a sua virtude, e sapiencia consistisse em temperar as paixões de maneira que dellas se tire o doce, e se de xe o amargo — Sapiencia de louco, e virtude de vicioso! Que virtude he esta, que deve servir o vicioso? Que Sapiencia, servir ao vicio só por metade! Querer fixar se neste meio, he querer o impossivel, e he não gozar nem os prazeres do vicio, nem os da virtude.

Se houvesse alguma indole tão rara e tão feliz, que se conservasse naturalmente nesta medianía, que não póde dar a sapiencia Epicurea, ser-lhehia necessario com os Deoses de Epicuro hir viver para os Intermundios. Como poderia ter paz com os homens, e entre os homens? Como poderia habitar a moderação com a desordem? Se as tuas paixões te não movem guerra, mover-ta-hão por certo as paixões dos outros. Parece-me ver hum manso cordeiro entre mil cabritos insolentes, ou entre lobos esfaimados, e sanguinolentos. Desgraçado de ti, que farás? Resistencia? Eis aqui mil pleitos, e contendas. — Recorra-se ao Tribunal competente. Os Illuminados são os juizes, os Illuminados são as partes. \_\_\_ Todo o homem tem direito de fazer o que lhe apraz, e dirá o Juiz, pois eu

1

que sou superior ficarei de peor condi-ção do que aquelles que estão sugei-tos? Eu sacudirei igualmente o author, e o réo, e dos despojos d'ambos me en iqui cerei. Eis-aqui a felicidad que dimana da livre satisfação das paixões! Pelo contrario na Religião Christá: prohibe na verdade o prazer das paixo-s desordenadas, mas tambem prohibe o damno que dellas nasce, que ainda he major que o mesmo prazer. Da menos desafogo, mas também dá menos trabalho. Deixem os Illuminados de se deslumbrar com huma bemaventurança que os deshonra, e que os envenena: esta bemaventurança he toda imaginaria, e mentirosa. Restão ainda os fantasmas que se costumão juntar á Religião para a tornar formidavel; mas que se desvanecem ao mais ligeiro toque, o que farei no seguinte Capitu-

## CAPITULO XIV.

Sobre os deveres que a Religião impõe, e a liberdade que a Filosofia promette.

RELIGIÃO impõe Leis, e as Leis são para o homem o que são para o b uto os carceres, e as cadeias. A Deos pois liberdade; amada liberdade, a Deos: para ella nascemos todos, e sem ella ninguem póde ser feliz. Faze á avezinha que acabaste de tomar no visco o mais delicioso tratamento, será sempre infeliz em quanto for prisioneira. Não conhece que bem seja a liberdade, nem he digno de têla aquelle que pode viver contente privado deliberdade. \_ Assim discorrem os Illuminados, e com taes expressões todos entendem. que elles não fallão daquella liberdade propria do homem intelligente, e racionavel, por virtude da qual, entre diversas e contrarias coisas propostas, escolhe a seu arbitrio a que mais lhe

apraz. Nem as humanas, nem as divinas leis tirão esta liberdade, antes as mesmas leis a suppõem, e a conhecem. Não, não he esta a liberdade de que elles fallão, he de outra liberdade propria do bruto, que não conhece lei, nem moralidade alguma, e só executa aquillo a que o move, e impello o seu apperite; a isto não se deve chamar liberdade, deve se chamar licença, e esta licença he tão cára aos Illumina-dos, que de bom grado renuncião á verdadeira liberdade, querendo ser irracionaveis para que possão ser licenciosos. Ao menos, contentassem se daquella licença de que se contentão os animaes brutos. A ave não se inquieta com os mares, e com as montanhas que se oppoem aos seus vôos, e até pouco a pouco se accommoda com o breve recinto de huma gaiola, que lhe não seja ava-ra das coisas convenientes á sua natureza. O Illuminado quer que á sua vista se callem todas as leis, e que todo o Mundo ceda a seu filosofico desejo. Excessiva, excessiva liberdade, digna de ser reprimida por todos os Poderes, já que ella he inimiga de todos os Poderes. Mas digão me, que liberdade ho esta? He a liberdade de

obrar bem? Eu vejo que este fôra o desejo das mais eminentes cabeças em Filosofia, e que os mais sublimes Legisladores deixárão sempre livre a faculdade de cbrar bem; para isto não se ligárão as mãos a ninguem. E como se poderião ligar, se o alvo de todos os Legisladores foi o bem obrar de seus subditos? Porém se a liberdade que tu buscas he sómente a liberdade para o bem, socega, e consola-te, o Christianismo te dá esta liberdade, quanto se póde dar, e ta concede em toda a extensão. Faze francamente quanto pódes pensar, e desejar de bem, a nossa Religião em vez de te suspender, te impelle, e te conforta. A Religião nem te tira o arbitrio das outras coisas que são de sua natureza indifferentes , porque se podem fazer boas cont a intenção do operante. E quem se não contenta com isto?

Eu quero, diz o Illuminado, eu quero fazer o bem, mas sem obrigação alguma de o fazer. Agrada-me a virtude, mas livre do jugo da lei como o era na idade de oiro. A lei tira á virtude o seu prazer, tira-lhe o maior preço, que he o de ser effectivamente livre. Ah! Illuminado! Que dizes?

Não se póde conhecer preço algum na virtude apenas della se remove a vontade do Supremo Legislador. Com esta se torna a virtude sobrehumana, e divina, nem se póde esperar della hum fructo mais agradavel que a divina retribuição. Mas que sim-plicidade he querer em huma idade toda de ferro, e de lôdo, introduzir todos os privilegios de huma idade de oiro, que se nos representa, e descre-ve sem lei alguna, e que apenas exis-tio na imaginação dos Poetas? Bella liga, e harmonia faz o lôdo verdadei-to com oiro fingido! He muito suspei-ta esta virtude, e talvez tão imagina-ria como a decantada idade de oiro. Se tu amasses sinceramente a virtude, amarias tambem a obrigação, e a lei, e se tu amasses a lei esta te seria tão suave, como se com effeito não existisse. Sabes a quem he pezada a lei? Aos viciosos; e ella se impõe aos vi-ciosos como hum grave jugo. Impõe-se aos injustos, aos revoltosos, aos im-pios, aos malfeitores: não se impõe ao homem justo. E porque? Porque a lei he para elle o mesmo que o amor da justiça, e lei de amor he lei de li-berdade, daquella verdadeira liberdade

que Christo nos deo, e que despedaça os laços da concupiscencia. Daqui se segue pela razão opposta, que quem se diz aggravado da lei , não ama a justiça a favor da qual se fez a lei. Quem quer a virtude em tudo arbitraria não quer absolutamente virtude. Rasgue se de huma vez o véo a esta miseravel hypocrisia. Tu queres fazer unicamente o bem que te apraz, e como, e quando o queiras fazer; queres virtude, porém virtude conforme ao teu capricho, e virtude que não he por titulo nenhum virtude. Nada ha mais contrario a todas as virtudes, que tão desmedida liberdade, até às virtudes civis, e mundanas. E deste discurso talvez que muito alto para os entendimentos materiaes, desçamos a coisas mais sensiveis, e planas. Dizei me, 11luminados, a que grandes coisas está disposto hum animo educado no seio de huma similhante liberdade? Volvei os olhos á antiga Corte da Persia; que grandes homens, Cyro, e o primeiro Dario? Aquelle não só conquistador, mas Imperante tão magnifico que mere-ceo os louvores de toda a antignidade; este Leg slador tão sabio, que por longo tempo com as suas leis se tornou feliz aquella vastissima Monarquia. E como forão educados? O primeiro, principalmente no constrangin ento de leis tão sevéras, que porião medo á delicadeza do nosso seculo. Os seus successores forão educados no meio daquella liberdade bemaventurada que os Illuminados buscão: para elles não havia outra lei mais que o proprio genio; e por isto não se póde duvidar que toda a sua virtude seria conforme a seu proprio genio. Quaes serião pois, e quantos os seus Heróes? Ouvi. Desde aquelle tempo, nenhum dos Reis da Persia foi grande senão de nome. He observação de Platão no terceiro livro das suas leis, e fundada nos monumentos da mais verdadeira Historia, observação terrivel a todos os grandes, e áquelles que aspirão a ser grandes, e que julgão o primeiro direito da grandeza, huma liberdade, que quanto he maior, tanto mais os abate, e faz piquenos. Ah! quao grandes talentos, quantas indoles generosas se desfizerão em fumo, e se desvanecêrão na escola da liberdade! Assim acaba sempre o falso gosto, ou a falsa honra da liberdade, que os Illuminados imaginárão, e se fingírão! Mas não passasse delles tão

grande mal! Quem não sabe pela actual experiencia, que esta liberdade abrio o campo vastissimo para as desgraças de que o Mundo todo foi victima? Nunca Athenas, nunca Siracusa, nunca Roma forão tão disgraçadas como na épo-ca em que forão mais livres. O homem foi creado para viver em ordem, por-que nasceo para viver na sociedade; deve viver ordenado dentro em si mesmo, porque está em sociedade com seus appetites; bem ordenado fóra de si, porque está em sociedade com os outros homens. Ora, não póde haver boa ordem sem dependencia, nem dependencia sem lei. Desgraçada Cidade a quem fossem tiradas as leis humanas, e muito mais desgraçada se lhe fossem tiradas as leis divinas! A exorbitante liberdade degenéra em acerbissima, e torpissima servidão. Nesta servidão cahio Athenas, e cahio Roma; e em servidão ainda major cahio todos os dias o homem debaixo do imperio das suas, e das estranhas paixões. Tirem-se aos homens os laços da Divina Providencia, e os homens sentiráo logo os barbaros Tyrannos que os deminão, e verão mil braços armados para os offenderem. Todas as Cidades serão huns

receptáculos de salteadores, ninguem estará seguro dentro em seu mesmo domicilio. Queres tu que as mãos alheias estejão ligadas, e te não fação mal? Soffre que as tuas o estejão tambem.

Digno de ferreas, e pezadas cadeias me parece aquelle, que, embaido de sua louca liberdade, arremeça as cadeias de oiro e perolas que o nosso Pai celestial lhe lança para sua honra, e para sua defensa; digo para sua honra, porque são vinculos de probidade, de fé, de justiça, e de todas as apreciaveis, e divinas virtudes: digo tambem de defensa, porque a maior parte das leis Divinas se encaminha realmente a tornar o homem sagrado, e inviolavel. Que direi da lei da Caridade que Jesu Christo dictou, pela qual quantas mãos estavão até levantadas em nosso damno, se destinárão logo para nosso soccorro? E se esta he a lei mais principal, mais urgente, mais indispensavel depois da caridade, ou do amor para com Deos, a que se encaminha senão a mostrar que depois de Deos não póde haver outra coisa mais digna dos noscos cuidados do que o homem! Christo de ambas estas leis fez huma só, ou fez o compendio de toda a lei, porque não

póde amar a Deos quem não quer amar o homem, porque o amor do homem comprehende em si tudo quanto exige o amor de Deos. Hum miseravel que procure soccorro não vai só, Jesu Christo se declara seu companheiro, vai com elle, cobre-se com a sua mesma miscria. Vai piedoso, se tu tens entranhas de piedade; vai ira'o, se a avareza, ou indolencia fecha teu coração. Oh! amavel lei! Oh! sagrados e preciosos vinculos, vinculos mais amaveis que toda a liberdade a quem ama a humanidade! E tu, ostentador de humanidade, poderás ser inimigo de huma lei tão santa? Eu bem conheço o motivo, cu o devo patentear destruindo o mais horrendo espantalho que a impiedade impõe á Religião.

## CAPITULO XV.

Sobre os terrores da Religião confrontados com a tranquillidade Filosofica.

Is-Aqui a causa principal, e talvez que a unica, nem lei, nem dignidade, nem Providencia, nem Religião, o temor dos supremos, e tremendissimos castigos. Eis-aqui o que faz tremer, enfiar, e desanimar os Illuminados. Esta he a semente da inimizade, e da guerra declaradaá Religião. Porque, dizem elles, como se póde ser feliz conservando este temor dentro da alma? E como se poderá arrancar da alma este temor, se a Religião, ende está a sua raiz, ainda subsiste? Destruão, exclamão elles, a Religião, e nós seremos os libertadores do genero humano, e traremos ao Mundo a suspirada liberdade. Tal he o Epinicio que, encostado ao seu Epicuro, cantou o glorioso e festejador Lucrecio, e depois delle, aquelle famoso mestre, ora defensor, ora impugnador dos Illu-minados, Bayle. Claramente disse, que se conservaria tranquillo neste Mundo, se estivesse certo que nada tinha que

temer no outro; não podemos duvidar, que dizendo \_ tranquillo \_ não quizesse dizer contente. Porque, que tranquillidade pode haver onde não ha contentamento? O animo o exige por necess dade de sua mesma natureza; e se o não tem, conserva-se em movimento, e em agitação para o conseguir. Logo, não póde ser tranquillo, quem não for juntamente contente. Ora vivirá contente neste Mundo quem nada tem que temer no outro? Duvído muito deste contentamento. Podera viver assim quem se sente degradado á condição, e ao destino dos brutos? Poderá viver contente quem se vê abandonado a si mesmo, e exposto a todos os golpes da Fortuna? Contente quem não espe-ra nada do Ceo, e que á roda de si não acha senão bens escassos, e estes mesmos nem certos, nem puros, nem permanentes? Torno a dizer que duvído muito. Offerece se a meu entendimento a tyrannia das proprias, e das alheias paixões, a agitação interior; porque não ha ordem, onde não ha lei. E de que serve a lei onde não ha o seu maior vinculo que he o temor? Mas os Illuminados respondem, haja outra coisa que não seja o temor dos

divinos catigos. Eu pasmo á vista de taes sentimentos! E donde nasce tanta aversão? Será esta a aversão que tem hum malfeitor ao Tribunal que o condemna? He dura coisa, e terrivel cahir nas mãos de hum Deos vingador! Tambem he coisa horrivel ser por sentença dos Magistrados encarcerado, condemnado, enforcado, esquartejado! Porém os homens de bem não se revoltão, nem indignão contra os Magistrados. Vejo que todos os bons querem tribunaes, e supplicios, capazes de encher a maldade de terror, e só a maldade aborrece, e detesta a justica humana. E succederá o mesmo a reipeito da justiça Divina? Oh Illuminado, dize-me de boa fé, quando começaste a viver descon ente desta justi. ça? Talvez que naquelle momento em que ella começou a ser descontente de ti. Não he pois de admirar que o réo aborreça o seu castigador; o ladrão aborrece o seu Juiz. Hum bom Principe não aterra senão quem obra mal. só os malfeitores o temem. O meio he bello, e he prompto: obra bem. Com ef-feito tu não tinhas estes medos, e estas aversões quando a tua consciencia te não exprobava delicto algum. Repas-

sa pela memoria alguns annos da tua vida, acharás que o espantalho filosofico teve principio, quando teve fim a tua innocencia. Isto he impostura, diz o Illuminado, eu sou hum homem de probidade, hum homem de bem. -Sim, eu to concedo aos olhos do Mundo, e por isso não temes a justiça do Mundo; mas serás o mesmo aos olhos de Deus? Responde-me, sim, ou nío. Dizes que não? Logo a tua mesma improbidade te confunde. Dizes que sini? Logo confunde te a tua mesma probidade. Pois tu hes homein verdadeiramente inculpavel diante de Deos, e aborreces a justiça de Deos? Logo hes o homem mais louco do Mundo, porque aborreces a tua mesma defensa, e a tua mais doce esperança; digo em primeiro lugar a tui defensa, por-que a justiça Divina, muito melhor que a humana, vigía sempre contra a maldade, e terrivelmente ameaça quem intentar offender-te. Onde se não teme a Deos, quanto se devem temer os homens? Não vez que serias o alvo de todos os golpes? Digo em segundo lugar a mais doce esperança, porque quando se trata de huma providencia reguladora, onde não ha temor do castigo

não ha esperança de premio; e faltando esta esperança, ah! Quanto falta á vida humana! Quanto falta á mesma virtude! Dize a hum valente soldado, que affronta todas as fadigas, e todos os perigos, que não espere premio algum de sua coragem, e valor. Dize a hum homem de letras, que dias, e noites consome em estudos sevéros, que não conseguirá fructo algum de seu saber. De repente se lhe destruirá a alegria, e se lhe desvanecerá o valor. O homem nutre-se de esperanças, a esperança he o primeiro excitamento das emprezas arduas, he o primeiro conforto, he a primeira recompensa. A esperança faz que se goze do premio antecipado, até no meio dos mesmos trabalhos. E tu queres roubar-me esta mesma esperança? He este o conforto mais doce que eu tenho neste vale de pranto, he o mais firme sus: entáculo da minha fraqueza, o apoio mais sólido da sempre agitada existencia, e combatida virtude. Tu queres arrancar-me do peito a esperança de huma vida immortal, e bemaventurada? Cruel! Eu vivo pela justiça, por ella morro; eu se-rei tratado como o que viveo, e mor-reo em a iniquidade? E deve o coração humano soffrer, e supportar tudo isto? Tetá huma mesma sorte o cultor mais fiel da virtude, e o seu mais perfido violador?

O Illuminado responde, que a virtude he premio de si mesma, e que o obrar por motivo de esperança, ou de temor, he obrar como hum servo. Mas huma virtude tão miseravel não póde ser o premio de si mesma, lhe respondo eu ; nem julgárão obrar como servos Cyro, Teramene, Solon, ou Socra es, os quaes á vista da morte se consolavão com o pensamento de huma melhor vida, em companhia de outros Heróes. Tu hes o verdadeiro servo que, por temor dos supremos castigos, envileces a dignidade humana, e negas a Providencia Divina. Tu hes o servo, e o servo vilissimo, que não temes a Deos para temer mais os homens; não te embaraças com as recompensas celestes, para ambicionar mais as terrenas. Dest'arte a impiedade se desmente a si mesma, e se envergonha. N'outra parte se dará resposta aquelle apotegma não Epicureo, mas Estoico, da virtude recompensa de si mesma. Seja apologia da Divina Providencia remuneradora a mesma providencia

humana, que remunéra. Esta, segundo o parecer dos que não são loucos, em seu mesmo governo se serve dos premios e dos castigos. E porque se não ha de servir delles a Providencia Divina? Mostre-se, proponha-ee huma razão porque hão de ser proprios estes meios de huma, e não hão de ser proprios os de outra? Note-se huma ventajosa differença. A providencia humana usa de menos premios, e de mais castigos, coisa mais servil; porque nos crimes raras vezes dá o perdão ao arrependimento; pelo contrario, a Providencia Divina, he mais placavel, superabunda em seus premios, porque he mais providencia de Pai, que de Juiz, e de Principe.

—Mas aquelle inferno... aquelle inferno de immensas penas... — E aquella forca, digo eu? Mas nem huma coisa nem outra he para a virtude, he só para a tornar mais circunspecta, mais modesta, e mais perfeita, e quanto mais a virtude se aperfeiçoa, mais se dissipa o temor. Nunca li que Socra es, Platão, e Cicero se assustassem com as penas acerbissimas que elles acrediavão estabelecidas para os máos. — Mas eu não posso viver com este temor, diz

o Illuminado. \_ E nós, dizem os que o não são, nós não pode mos viver sem esta esperança. Por tanto que partido se ha de tomar? A contratiedade dos affectos vem da contrariedade dos costumes. Eis-aqui pois o partido; todos os virtuosos, verdadeiramente virtuosos que tem muito que esperar, atenhacse á Religião; especialmente á Religião Christá: os viciosos pelo contrario que maito tem que temer, lancem-se como malfeitores nos braços da Filosofia des Illuminados. Assim todos ficaráo contentes, huns cheios da desejada esperança, outros livres do odioso temor! Que digo en contentes, e livres doodloso temor? Poucos momentos permaneceteis nisto, ó Illuminados: dois tempos de grande, e attendirel consequencia se me poe diante ; fixemos nelles os meus, e os vossos mais serios pensamentos. the cold grant of the policy is not

- Congression of the constraint of the constrain

#### CAPITULO XVI.

Sobre os dois attendiveis tempos a respeito da tranquillidade ou contentamento annunciado.

PRIMEIRO destes dois tempos he o da adversidade, do qual parece que se não esquecêra o perspicassisimo Bayle, quando disse, que bem tranquillo estaria neste Mundo. Se elle restringisse a sua proposição ao tempo das coisas prosperas, talvez se poderia crer aquillo que elle affirma, toda a apparencia seria em seu favor, ao menos a respeito de certos que se podem chamar com o Poeta \_ filhos da galbinha branca. Oh! que objectos de inveja! Briosa saude, forças inteiras, humor alegre, riqueza, graça, favor, reputação, respeitos, serviços, morbidos leitos, visitas agradaveis, mezas delicadas, cortejos, harmonias, jogos, espectaculos... E quem póde contar todas as suas delicias? E no meio de tan-

tas delicias, quem não deve viver tran-quillo, e alegre? He verdade que de espaço a espaço surge, e se condensa alguma nevoa. Huma palavra, huma vista, hum gesto, huma suspeita, hum ciume... e que sei eu? Porém são piquenos males, e passageiros. Peores são certas reflexões que de quando em quindo nascem na alma, capazes de envenenar todos os prazeres, porém dissimulem-se, deitem-se fóra. Nem nova, nem mandado, nem pensamento de coisa triste: viva-se como se não só a vida, mas a propriedade fosse perpétua, e immudavel. Que se pode desejar mais? Assim se vive contente neste Mundo, se com esfeito o coração humano pode viver contente dos bens deste Mundo!

Mas a peor difficuldade não he esta. Dizei-me, Illuminados, estas coisas hirão sempre assim? Sempre haverá serenidade? Sempre primavera? E se succeder ao tempo alegre o tempestuoso? E se á fortuna prospera sobrevier a contraria? A doença, o desprêzo, a deshonra, o desampáro? Pobre, e desgraçado Job! Tão rico, poderoso, e venerado senhor como elle era, agora reduzido a hum monturo, e ludibrio

de sua mesma mulher? Mas feliz delle que tinha no coração outros principios que não são os dos Illuminados! Com o amparo de sua Religião, soube, do fundo da sua miseria, faz r surgir, com a mais alta esperança, a mais suave alegria. Então se mostrou ditoso, quando se vio como despojado desta vida, e qua i renovado em huma melhor vi-da immortal. E ainda o Deos de consolação não se tinha mostrado nesta nossa fórma visivel, nem havia consagrado com as suas as nossas penas, nem com a sua tinha manifestado a nossa felicidade. Coisas com que os primei-ros Christãos affrontavão os mais crueis tormentos, tendo em vista a sorte tanto melhor, e mais estavel que os esperava. Fosse embora esta esperança, e expectação huma pura lisonja de sua alma, não he disto que agora se trata, era comtudo huma lisonja deliciosissima, que convertia em mel dulcissimo o que era fel o mais amargo. E tu bemaventurada, e beatificante Filososia, que consolação me dás quando me vejo no centro do abatimento, e da dôr? Dás-me acaso hum nome illustre? Mas 'isto não he para todos; e depois quem me assegura que o meu nome ha de

permanecer em honra, ou em vitupe-rio? Eu vejo que as mais altas reputações dos vivos, e dos mortos estão sugeitas ás mais extravagantes alternatinome, que me importa isto, se dentro em pouco tempo ha de ficar extincto todo o meu sentimento? Consolar meha a complacencia de grandes obras de engenho, e arte? Mas isto mesmo he mui piquena coisa, e de poucos, e he precisa toda a vaidade de Epicuro para qualquer se recrear como elle fazia no meio das suas dôres. Consolar-me-ha a complacencia mais sólida das obras virtuosas? Mas o homem sábio se deve contristar com o espectaculo de seus proprios méritos, que ficão sepultados sem premio. E quaes são as obras virtuosas dos Illuminados? São danças, jogos, festins, especiaculos, passatem-pos. Sim, diz Epicuro, a lembrança dos prazeres gozados dá consolação em os males presentes. E na verdade, lhe torno eu, boa consolação para o que está comido vivo de vermes hediondos, lembrar-se que já se víra engolfado em delicias! Boa consolação para o que se vê vilipendiado, e pizado, lembrar-se que algum dia se víra no fastigio das

honras! Ensinai me, bradava Mithridates derribado de altissima fortuna. ensinai-me a esquecer me do que fui. Tudo isto são huns nadas que tu podés engrandecer, para mostrar engenho quando te vês em hum estado feliz. Huma profunda amargura nem se extingue, nem se adoça com estas superficiaes reflexões. Qual he pois o remedio sólido que a Filosofia illuminada te subministra no meio de tantas desventuras? Tremo, e envergonho-me de o dizer? O remedio que te dá, he o que resta a hum Jumento que padece, ou huma maça de ferro na cabeça, ou hum cutello na garganta. Eis aqui a nobre sahida que nos dá nas desgraças esta bellissima Filosofia, que promette fazer vos neste Mundo bemaventurados. Não imagineis que eu diga isto por capricho, ou por transporte. O Illuminado sente a nece sidade disto em o seu systema, nem duvída volver contra si as mãos homicidas, antes vos exhorta a esta acção execranda y dando-vos hum exemplo em Lucrecio, que se deo a mortelaos quarenta annos de sua idade, e o traductor Creech o imitou degolando-se na mesma idade. Illuminados, meditai hum pouco junto de hum cadaver destes pendente de huma cor-da: se vos apraz o seu fim, seguilhe os principios, e quando vos sen-tirdes opprimidos dos males desta vida, hide com o laço no pescoço sepultar-vos em o tranquillissimo Nada. Mas suspendei-vos... Bayle vos chama: reflectis acaso na condição por elle exposta? Se estivesse certo que nada ha que temer no outro Mundo! Terrivel condição! Eu não sei se ella só basta para fazer desertar os homens das bandeiras daquella desgraçada Filosofia. Não tem em si atractivos que contrabalancem esta condição. Concedamos que tudo he neste Mundo tranquillidade, e contentamento, porém com esta condição: - Se estivesse certo que nada tinha que temer no outro Mundo. He preciso ter esta grande certeza, segundo o mesmo Bayle, se não, toda a tranquillidade, e contentamento se desvanece. Pergunto, tendes esta certeza liquida, e clara? Não vos resta nenhuma dúvida prudente? Não vos resta nenhuma obscuridade, nenhuma ambiguidade? Convence-vos huma plen szima evidencia que não tendes nada que temer? Pois communicai-me esta tão relevante evidencia. Tenho lido,

tenho perguntado, tenho buscado mui-to, nunca encontrei huma similhante evidencia. Mas que he o que vejo?... Bayle, o mesmo Bayle me assegura, que os Illuminados não fazem mais que duvidar, e que nunca atinão com a certeza. (V. T. 4.º Dic. pag. 44.) Posto isto, dirijo contra os Illuminados aquelle argumento dos antigos Epicureos, que elles dirigirão contra os malfeitores dignos da forca. Estes não podem ser felizes, porque passão miseravelmente todo o tempo da sua vida em continuado temor; porque ainda que se possão esconder á Justiça humana, não podem ter huma esperança certa, e indubitavel de lhe escapar sempre. Ora eu concluo comvosco, e conra vós com huma brevissima interrogação. Tendes esperança certa e indubitavel de não apparecer diante do Tri-bunal da tremendissima Justiça Divina? E se não tendes esta esperança, podereis viver felizes?

Muiro peor se nos affrontamos com aquella imperiosa, e inexoravel senhora que se chama Morte, e chegamos ao segundo, importantissimo tempo, que propozemos. Ah! (me dizem os Illuminados), falla-me de outra coisa,

desterra essas negras, e funestas fantazias! \_ Fantazias, meus Senhores, fantazias? Isto sempre pareceo huma coisa mui grave á mais sábia Filosofia, que nos manda fazer da morte o objecto" da nossa continua meditação. Sobre este objecto quanto escrevêrão Platão, Cicero, Seneca, Plurarco, e outros muitos? E que póde ser a vida se se não cuida na morte? Parece-vos a vida humana huma Comedia, não he assim? Guardai-vos, se sois bons Poeras, que não acabe mal o ultimo Acto de que pende o mérito da vossa composição. E înuito mais guardai-vos que esta, começada por vos engraçadissima Comedia, não acabe em funestissima Tragedia! A morte, dizeis vos, affilge, c'enjôa, porque lie hedionda, não porque he espantosa. \_ E que medo pode ella causar? Corrido o panho, e fechado o theatro, acabarão para vós todas as coisas.... Devagar, vos digo eu, se não tendes a já mencionada certera, vos não sabeis se vos fica alguma coisa ainda atraz do panno, não sa? beis se tudo está acabado, ou se começão então outras acções. Estais incertos entre o nada, e não sei que outra coisa peor que o nada; se estais incertos, como podeis viver sem medo?

Quando o mim go está a cem legoas de distancia, he coisa facil mostrat-se bravo, e valente. Eu quizera ver estes bravos quando o inimigo está na frente, quero dizer, quando a Morte vos pozer na garganta a gelada mão, então tereis animo, e intrepidez de a ver face a face! Poucos, diz Bayle, d'entre os ímpios, tem na morte o dom da perseverança, deshonrão-se, desmentem-se, morrem como os outros; e queria dizer, inquietos, agitados, trémulos como todos os outros malvados, que esperão a justa remuneração de seus delictos. O mesmo Platão disse em o Livro primeiro da sua Republica, qu'aquelle mesmo, que antes escarnecia o báratro atormentador, nas vizinhanças da morte se lamentaya, e cahia nos braços do desalento, e pavor. Em summa, entre mil Illuminados não se acha hum Buckingan que possa escrever para si este Epitafio: Morro incerto, e não turbado. 19 obseibes, est

Ninguem me diga que aquellas turbações são consequencias da superstição e preoccupação, que então se despertão quando o animo está enfermo no

corpo enfermo. Eu lhe poderia replicar com Lucrecio, que quando a morte se a proximi, as illusões desapparecem ce que então sahem finalmente do intimo do peito as expressões verdadeiras, ceoque tirada a miscara ficão as coisas como em si mesmas são. Mas não discuramos agora se estes temores são racionaveis, tra emos só de saber se estes temores saião realmente do animo mou não ? A experiencia mostra que sim , e muitas são as almas chamadas liberaes que, no momento da morte, sêntem o amargo daquella Filosofia, que na carreira de sua vida lhes pareceo tão doce. Ora pergunto, e he obra de hum bom conselho saborear se em hum pouco de mel, e que depois seja para o piladar e para o estomago hum amargo absyntio; e corrosivo veneno? Hum principio risonho, vale acaso hum fim tão funesto, e triste? Póde acaso a vida mais alegre tornar-se jucunda, e agradavel, com a previsão de huma morte tão afanosa? Damócles infelizes, seduzidos em tão lauto banquete, mas com a aguda espada pendente sem-pre sobre a cabeça! Não me admiro de quem teme, admiro-me daquelte que se atreveo a dizer, \_\_ Morro incerto,

mas nauturbado. Como he isto? Morrer incerto de se resolver em nada, ou de passar a outro estado peor talvez que o mesmo nada, e não se perturbar? Que será isro? Será valor? Qu será estupidez, ottemeridade ?/ Hum Socrates pode morrer não perturbado, antes contente; mas com a esperança de huma outra vida mais feliz. Despreza a vida, deseja a morte; mas com esperança que nutre de fazer passagem deste desterro para huma habitação mais ditosa. Ainda ma s , entendo como hum Christão pio, e homem de bem com o soccorro da sua Religião, possa nutrir em seu peito muito mais rica, e muito mais firme esperança. E ainda quendo se quizesse suppôr ou fingir enganadora a sua esperança, todo o seu grande mal se reduziria a haver-se privado de piquenos bens presentes, mas já teria participado com a mesma esperança dos immensos bens futuros; nem delles pode ser defraudado antes de se extinguir todo o seu sentimento: assim discorrêrão sobre este ponto Socrates, e Cicero como tão sabios que erão. Não he isto para os Illuminados; nada tem que esperar: e quanto tem que temer! Para se desterrarem

os temores do futuro, não se quer menos que toda aquella certeza que Bayle exige: Se eu estivesse certo que nada tinha que temer no outro Mundo! Mas aonde está esta certeza!

Ainda me adianto mais, e fortalecido com a solidez das coisas que eu trato, atrevo-me a apresentar aos Illuminados hum dilêma, que senão me engano lhes tapa toda a sahida: Ouvi : Ou vos tendes a annunciada certeza de tornar ao nada, ou a não tendes: se a tendes, está diante de vossos olhos o abysmo do nada, que vos contrista; se a não tendes está diante de vossos olhos hum abysmo de penas, que vos perturba, e atormenta. Daqui não ha sahida; ou hum abysmo, ou outro abysmo; e eu sustentarei, que nem hum, nem outro vos deixa ser felizes; hum, e outro vos obriga a ser desgraçados. Desenvolvamos huma, e outra parte do

argumento.

Finja-se em primeiro lugar, que vós estais certos do nada. E não tremeis á vista deste pensamento? Eu não vejo mais do que huma viva apprehensão de imminentes, insupportaveis tormentos, que possa tornar eligivel o nada como hum mal menor. Hum que se sinta afo-

gar, e que desespere da salvação, he o unico que pode racionavelmente aspirar ao nidi, como a seu unico porto. Mas este desesperado não he o retrato mais horrendo de huma extrema miseria? Fora destes casos, não ha colsa mais contraria á Natureza, nem mais horrivel que huma total anniquilação; porque a existencia he o principio de todos os bens, nem estes se podem gozar sem a existencia. Ora, que-rer hum i total anniquilamento, he o mesmo que não querer a existencia, e por consequencia, não querer mais bem algum; e não querer bem algum, he acaso coisa natural, e humana? E como concorda isto com o amor innato, e necessario da propria felicidade? Poderemos ser ditosos em huma absoluta impossibilidade de todos os bens? Com o que acabo de dizer, se póde comprehender a força daquelle raciocinio não menos sólido que agudo do Grande Agostinho. Cada qual quer ser feliz, diz elle; não he assim? Logo quer ser; porque, quem não he, não póde ser feliz. Se quer ser, logo não quer ser anniquilado, quando quer ser feliz. Argumento invencivel, quando chega a ser bem penetrado, e comprehendi-

do manifevanoisa bon andarão muito errados aquelles Filosofos, que julgárão desnecessaria a duração para a humana felicidade. Por ventura os homens são brutos, que se occupem do presente, e nada pensem no futuro? E se pensão no futuro, podem acaso consideralo com olhos indifferentes? Para procederem assim, he preciso esquecer-se que são humens. Mandai para o prado huma-ovelha, fica de repente bemaventurada com a sua relva; e se a góza, não distingue o tempo da sua fruição? Entre nos hum menino do estudo não distingue optimamente o mez de férias de hum só dia? E góza do espaço do mez desde o primeiro momento; e quando, vê approximar-se o fim deste mez, no meio de seu mesmo prazer se contrista. E não he verdade, que o homem quanto mais cresce em idade mais pensa em futuro? Observai agora, os brutos ainda que não pensem em 10 futuro, sentem por extincio, que a anniquilação he contraria á sua felicidade, e por isso com todo o esforço, contrasião a morte. E os homens, que não só conhecem a morte, mas conhe-

cem a immortalidade? Fixem aqui o pensamento os Illuminados. A morte de sua natureza conturba os moços, e os velhos, e se muitos a busção, correm para ella com os olhos fechados pelo interesse, pela glória, pelo amor, e pela ira. Assim he, fechão se os olhos, e então se caminha: nunca se busca a morte sem alguma paixão, porque a ultima coisa que expira, sempre he a esperança de viver. Os mesmos Illuminados confirmão o que eu digo. E porque não querem elles que se lhes falle na morte? Já não he tempo de dissimular, e fingir? O horror que se lhes descobre em o rosto, descobre claramente quaes sejão os seus pensamentos. Ao triste aspecto da morte, se ressentem aquelles mesmos que pensão que alli fica destruida a melhor parte do homem.

E que será dos outros que considerão na mesma morte a sua total destruição? Finja-se hum navio cheio de gente de toda a condição, de toda a fortuna, que conta os mares. (He de Plutareo huma-similhante imagem.) Estão, divididas as diversas porções de gente pelas diversas partes do navio. Huns repousão, outros chórão, outros se divertem. Eis-que de improviso se

levanta hum temporal que tinge todos os rostos de huma tímida palidez; ergue-se então hum homem de grande authoridade, que com rosto sereno lhes diz: consolai-vos, he verdade que não está aqui hum Piloto que nos governe, nem hum Dros amigo que assista, porém não temamos mal algum, alegremo-nos, daqui a dois instantes seremos todos engolidos das ondas juntamente com o Navio. — Oh! horrivel consolação! Julgo que a não quereria, nem agradeceria nem o mais miseravel grumete! E os outros que estavão em melhor condição, e que dentro daquelle lenho tinhão todos os seus bens, e todas as suas esperanças? Póde imaginarse huma intimação mais cruel que a que este homem lhe acaba de fazer? Parecemer que vejo huns cahindo em mortal desmaio, e outros furiosos com a desesperação; parece-me que pegando do cruel consolador o lanção primeiro no fundo dos mares. E este consolador he Epicuro, e com elle os Illuminados.

Dirão que nada sente aquelle em quem acaba todo o sentimento. He verdade, respondo eu. Mas em quem existe ainda e tem sentimento? Tu nos fatzes, ó Illuminado, a funesta intima-

cão, a nos que ainda existimos, e temos sentimentos tu nos constitues sobre
a borda daquelle abysmo horrendo que
se chama a anniquilação. Entendo como não sente aquelle que já está precipitado em seu seio, mas quemeestá a
ponto de ser precipitado, e sepultado?
Oh desgraçado de mim! Não existirei
mais! Este unico pensamento me estontêa a cabeça, e me faz gelar o sangue.
Hum mal eterno?... Ah! já o sinto
robre mim, isto he, huma privação de
todo o sentimento, e de todo o bem,
a qual jámais deve acabar. Assim horrorisado exclamava o mesmo Plutarco!

E que direi em particular das almas grandes, e verdadeiramente filoscicias, que tem por nada a vida presente, e como hum momentaneo fantasma, e que já fóra do corporeo carcere por natural instincto, como Aguias vôão sobre as azas de seus pensamentos ao Ceo, e á Immortalidade? Detes desejos, destas ancias conclúe Cicero, com a antiga Academia, no fim do Livro da Velhice, que são immortaes as almas dos homens; porque quanto melhores são por virtude, por talento, e por doutrina, com tanto maior fervor aspirão á Immortalidade. E eu con-

chuo tambem com toda a evidencia, que pelos principios do Illuminismo não póde ser o animo bem venturado, quando se persuade que dentro em poucos instantes será anniquilado. Li que bemaventurança póde haver á vista de huma anniquilação, que repugua aos nossos mais ardentes desejos? não póde haver bemaventurança para almas viz, e terrestres. Como podem ser b.m. aventuradas não gozando aqui bens alguns, nem esperando felicidade algu-ma depois desta existencia? E ainda quando as supponha bemaventuradas neste Mundo, como podem ter contentamento sabendo, que em hum momento perdem com a existencia todos os bens que tanto desejavão? Logo nenhum homem que viva certo de que ha de ser anniquilado póde ser feliz.

sua anniquilação, ainda he mais infeliz o Illuminado. Fugindo do pensamento da vida futura, foge do fumo para cahin nas chammas. Fica no meio de duas infelicidades, huma negativa, outra positiva, a primeira de não poder ser jámais ditoso; a segunda, de ser infelizientre muitos, e gravissimos males. Para onde quer que se volva se lhe

põe diante dois abysmos, hum abysmo do Nada, e hum abysmo de tormentos, e Deos sabe quaes, e quantos, e de quão longa duração! E vos, o Illuminados, na borda de taes precipicios podeis rir, zombar, tranquillizar-vos, e dizer que sois ditosos? Ah! se he esta a vossa felicidade... Sem inveja, meus Senho-

res, sem inveja....

Tenho concluido huma obra não grande em volume, mas grande em substancia, grande nos seus fins, e nas suas consequencias, que vem a ser o restabelecimento da boa morali, e da santa Religião, que só nos póde fazer verdadeiramente ditosos, pela destruição dos principios, e argumentos ou soffismas com que os Illuminados pretenderão combater, e arruinar huma e outra coisa. Os Pedreiros Livres Illuminados julgão-se invenciveis, einconquistaveis nesta diabolica trincheira \_\_ Negartudo; - ainda que se lhes diga o que fazem, e dizem, respondem: \_\_ Nada disso he o que nós fazemos, e o que nós dizemos. E sem nunca declararem o que fazem, e o que dizem podem estar assim até ao infinito. Mas elles não dizem senão o que eu expuz, e não se impugnão senão como eu os impugnei.

Todos conhecem que isto não he obra de pura imaginação; ha dois annos que nella trabalho, e não com pequeno custo a tirei agora dos borradores, estimulado de ver romper a conspiração depois de mil cartas anonymas, tão infames como alguns dos meus amigos que estão vivos vírão (que horror!) sujas com escremento humano!!! Com huma tempestade de escriptos ineptos, onde a titulo de se criticarem os meus taes ou quaes escriptos, se me dizem as mais atrozes injurias pessoaes. Li, e li muito, e as cartas Alemas sobre o Illuminiemo etraduzidas em Francez, porque eu não entendo Alemão); ellas me fornecerão as provas e os argumentos principaes. Para se conhecer de todo a verdade do que eu digo, e quem sejão os Illuminados, eu escrevo aqui Literalmente o Appendix 5.º das mesmas cartas pag. 167. —

# A P.E. N.D.I.X.

Extracto de hum projecto de Revolução, composto pelo Conde de Minabeau, apanhado em casa de Madama Gai, por Le Garde seu domestico, e vendido a Mr. Houle, Official no Regimento de Dragões da Rainha, impresso d pois com os outros escriptos do mesmo genero com o titulo — Mysterios da Conspiração. —

"Huma Nação junta não se muda. Só tem em vista o interesse commum para o estabelecer. Deve destruir toda a resistencia; e attendei bem para isto. Nada pôde offender a justiça, quando se trata dobem geral. Eis-aqui o principio. Trata se agora de saber qual seja o caminho que le preciso tomar para chegar á restauração geral. -He preciso destruir teda a ordem, e supprimir todas as Leis, annullar o toder, e deia ar o Povo, em Anarquia. As Leis que fizermos, não terão logo todo o vigor, não o terão talvez depois; mas he preciso restituir a força ao Povo; resistirá por sua liberdade,

persuadido, que a póde conservar. He preciso lisongear seu amor proprio, e sua esperança, e prometter-lhe a felicidade depois dos nossos trabalhos. He preciso illudir seus capicho, e os systemas que elle dem feito á via vontade; porque o Povo Legislador he muito perigoso, só estabelece Leis que coalizão com suas paixões. E co no não haj i mais que huma Alavanca que os Legisladores movem á sun vontade, he precish que nos sirvamos delle fazendo. lhe odioso tudo o que quizermis destruir. He preciso semear a illusão em todos os seus passos; comprar todas as pennas mercenarias que propagaráo os nossos meios, e lhe farão ver que nós não atacamos mais que os seus inimigos. 1212/ 1 3571.4/11 ale

na opinião, não póde ser destruido, senão mettendo-se a ridiculo a Religião, tornando odiosos seus Ministros, e dando os a conhecer como outros tantos monstros hypocritas; porque Masoma para estabelecer a sua Religião, começou por infamar o Paganismo que os Arabes, os Sarmatas, e os Scythas professavão. He preciso que a todos os instantes os Libellos abrão hum novo

eaminho ao odio contra o Clero: he preciso exaggerar suas riquezas, tornar geraes os crimes, e os erros des particulares, atribuir-lhe todos vicios, a calumnia, o assassinio, ra irreligião, o sacrilegio. Naca de delicadeza, tue do he permettido nas Revoluções.

"Venhamos á Nobreza. He preciso aviltalla, e dar-lhe huma origem odiosa. He preciso estabelecer hum germen de igualdade, que não póde existir, mas que lisongeará o povo. He preciso sacrificar os mais preoccupados, incendiar, e destruir suas propriedades para in imidar os outros. Se não podemos destruir inteiramente a preoccupação da Nobreza, ao menos a enfrequeceremos, e o povo vingará seu amor proprio e seu ciume com todos os excessos, que obrigarão os Nobres a fazer o que nós quizermos.

"Em quanto á Corte, he preciso eclipsalla aos olhos do Povo, annullando todas as Leis que a protegem. O Duque de Orleans não omittirá coisa alguma para dar explosão á sua vingança. He preciso degradar a Corte até tal ponto, e com tanto excesso, que em lugar de veneração, o povo não tenha mais que odio, e aversão a seus

Noberanos. He preciso que os considere como seus inimigos, e que esteja prompro a se vingar. He preciso lisongear o soldado, levantallo contra a authoridade ligitima, fazer lhe odiosos seus Officiaes, e os Ministros, augmentar seu soldo, fazendo o homem da Nação, enão do Rei; enviar-lhe emissarios, que o instruão de nossos projectos, e fazello patrióta. E não vedes vós que sem isto nossos inimigos illudinão todas ás nossas vistas, todas as nossas combinações, todos os nossos meios pela força das armas? Passeinos aos Parlamentos.

"He preciso representar ao povo sua venalidade, que recahio sempre sobre o mesmo povo. He preciso mostrar-lhe os Magistrados como Despotas altivos que vendem até os seus mesmos crimes O povo ignorante, e bruto, só vê o mal, e não o bem das coisas. Não digo nada dos Financeiros. Será infinitamente facil convencer o povo, que tudo são abusos na administração da fazenda, e que só merecem indignação es que a ella presidem. Notai bem, que o Rei, e os Grandes procurarão frustar a nossa Revolução com guerras intestinas, ou com os estran-

geiros. He preciso pois, para que isto tenha hum completo exito lever o espirito de independencia a todos os povos circumvizinhosa Isto não será coisa muito, difficultosa. n.O Hespanhol her muito inflammavelagre geme ha muito tempo debaixo do jugo tyrannico do Despotismo e da Inquisição. Os Iralianos são tão arrebatados como os Francezes, e depois que começou a lavrar entre elles o Espirito Filosofico, desprezão a Thiara. O Alemão he mais difficilade se mover porém sua escravio dão o indigna contra seus Despotas. He preciso espalhar ouro em Alema! nha. Todos os que se deixarem corromper propagaráo a insurreição. O Brabante se inflammará com o mais leve assopro. A Hollanda he roda nossa. A Inglaterra nutrirá , e sustentará nossas desordens. Seu odio natural contra os Francezes, não lhe deixará romar hum partido generoso para deffender nossos direitos, se neste partido não devisar seu proprio interesse. Quando o Gabis. nete, de S. Jaime nos queira fazer guerra poppor se-hao os Communs, porque nos lhes diremos, que o que pertendemos he destruir o Despotismo, e a Hydra feudal, e fazermo nos Livres

como elles são. A Prussia tem vistas que poderáo projud car, mas a Russia a seperá con er. Em quan o á Sardenha, este Remo não nos deve metter mile, mo he linna Potencia que possa atmonsarshum grande Povo ardente, e impersoso como são os Francezes. He prec so aguerrir este povo, He preciso mais que tudo fixallo na deffensa das fronteiras, e para isto cumpre nutrir, e accender seu foror, alentando suas esperanças com a suppressão de impostos: intimar-lhe surdamente a matança, e exterminio dos inimigos da Revolução como hum dever util ao Estado. Nós devemos exigir o juramento a todos aquelles que se juntarem a nossos projectos, e formar diversas sociedades, que em suas sessões tratem o mesmo assumpto discordando (para disfarce) de opinião.

aos estabelecimentos que devemos crear, concedendo-lhe a voz del berativa nas Assambléas gerges; isto lhe dará hum vehiculos de honra que lhe fará andar a cabeça a roda. Mas he preciso não deixar ás Camaras mais do que hum poder limitado. Se lhes deixarmos muita força, sen Despotismo será muito

pe igoso. Lisongeemos o povo com huma justica gratuita; prometramos-lhe huma diminuição de impostos ( e huma repartição mais igual. Estas vertigens o hão de fanatizas e removeras toda a resistencia.

Ah! que importão as victimas, o seu numero, as espoliações, as destruições, os incendios e todos os effeitos necessarios de huma Revolução de Nada nos deve ser sagrado. Digamos como Machia veili: — Que importão os meios com tanto que se consiga o fim!,

Este Documento original, e authentico contém em si todos os principlos de irreligião, e de immoralidade que ficão combatidos. Os Pedreiros Livres o quererão negar, mas os effeitos, e os resultados manifestão bem a sua authenticidade. São pois os Illuminades os inimigos do genero humano, tirando lhe a Religião Christã, e os costumes. As armas dos Reinantes suffocárão ao menos o fermento revolucionario. Huma Revolução toda sangue não devia acabar senão com sangue, nem se póde suspender senão com a força. A Religião, não com a espada, combate com a penna; a Patria tambem necessi a desta arma, eu a emprego. Na felicidade pública se encerra a nossa particular, e seremos felizes, se sobre as ruinas da Illuminada, ou desvairada Filosofia, virmos levantar a Religião, e florecerem os bons costumes, destruidos os erros methafisicos, e moraes que fizerão da Europa hum theatro de desgraças, podendo ser pela ordem politica, e pela Fé incorrupta, o verdadeiro domicilio da terrena Felicidade.

# we wanted the second of the se

Allete som ment delle,

Ill mention Sin per of Illie

-16 1 T

- 1/1

## INDICE.

	Pag.
AP. I. A Filosofia dos Illu-	
minados não he Original, he	
Cópia	3
CAP. II. Paralello da Religião	,
de Epicuro com a dos Illumi-	
nados	5
CAP. III. São illusorias as des-	
culpas dos Illuminados	17
CAP. IV. A Religião conduz mais	•
para a felicidade humana que	
a Filosofia dos Illuminados	26
CAP. V. Se á pública felicidade	
contribua mais a Filosofia dos	
Illuminados, se a Religião? .	32
CAP. VI. De qual das partes	2
esteja a razão a respeito da	
proposta felicidade?	42
CAP. VII. Se para a verdadei.	, -
ra felicidade seja bastante a	
politica humana sem a Reli-	
gião?	6 I
CAP. VIII. Sobre deixar a Reli-	
gião ao povo, e deixar para	

# [ 232 ]

es outres a Filosofia, e filoso-	
ficos motivos	69
CAP. IX. Sobre a felicidade pro.	
mettida pelo Illuminismo	87
CAP. X. Sobre a Religião Na-	- /
tural, e Christā	122
CAP. XI. Sobre as opposições	
dos Illuminados contra a Re-	
ligião	138
ligião	
cente para a privada felicida-	
de a Filosofia dos Illumina-	
dos ou a Religião, especial-	
mente a Religião Christā	159
CAP. XIII. Sobre o prazer que	
a Filosofia dos Illuminados nos	
promette	177
CAP. XIV. Sobre cs deveres que	
a Religião impõe, e a liberda-	
de que a Filosofia promette	185
CAP. XV. Sobre os terrores da	
Religião confrontados com a	
tranquillidade Filosofica	194
CAP. XVI. Sobre os dois atten.	
diveis tempos a respeito da.	
tranquillidade ou contentamen-	
to annunciado	202
APPENDIX	222

### CATALOGO ALFABETICO DOS NOMES

005

#### SENHORES SUBSCRITORES.

Affonso de Souza Pacheco Leitão da Ribeira Benavides.

P. Agostinho José de Sequeira.

Alexandre Machado.

Fr. Alexandre de Menezes.

Alexandre Pedro d' Almeida.

Anacleto da Silva Moraes.

Anastacio José Pedroso.

2 Anonymos.

Fr. Antonio Anastacio da Cunha Godinho.

Antonio Augusto Alves Pereira.

Antonio Dias Leite Borges de Azeredo.

Antonio Fernando Pereira Pinto Araujo. P. Antonio Ferreira da Fonceca.

Antonio Francisco d'Oliveira Duarte:

Antonio Gonçalves Batão Campos.

P. Antonio Ignacio de Campos. Antonio José de Carvalho e Sá.

Antonio José Pinto da Rocha.

Antonio José de Seixas. Antonio Manoel de Castro. P. Antonio Manoel Sá e Almeida. Antonio Marcellino da Victoria, Te-

nente General.

Fr. Antonio de Maria Santissima.

P. Antonio de Padua.

Antonio Paes de Sande e Castro. Antonio Pedro (12 exemplares) Antonio Pedro Maximo da Costa Mon-

teiro.

P. Antonio Pretextato Pina e Mello. Antonio Rafael de Castro.

Antonio Romão.

Antonio Romão de Souze.

Fr. Antonio de Santa Basilissa Nogueira.

P. Antonio de Souza Loureiro.

Arcebispo d'Evora.

Bartholomeu José Marques.

Bento loaquim Noronha Torrezão.

Bento José Novaes da Costa.

Bento Paes do Amaral e Menezes.

Bento Sodré Pereira, Major.

Bernardo José de Abrantes e Castro.

Bernardo José da Cunha.

Bernardo Xavier da Silva Cortegaça. Bispo d'Elvas.

Caetano Alexandre da Fonceca Pinto

Albuquerque.

Garlos Antonio.
Carlos de Matos Pegado.
Chapouze:, Major.
Christovão de Frias Nobre.
Fr. Christovão Henriques.
Clemente José Pereira Pinto.
Crispin José Coelho.

Crispim José Ccelho. Custodio Manoel d'Almeida de Macedo.

Custodio Manoel Teixeira de Carvalho.

Cypriano Domingos Vianna, Fr. Dyonisio Miguel Leitão Coutienho.

Domingos Antonio de Sequeira.

P. Domingos Gonçalves do Valle.

P. Domingos Mangal de Castro Ara

P. Domingos Manoel de Castro Arau-

Domingos Monteiro d' Albuquerque e Amaral, Desembargador.

Domingos S. M. filho.
Estevão Antonio Lopes.
Europhio Manoel Diniz da

Eusebio Manoel Diniz da Costa. Fernando Luiz de Carvalho.

Fernando Nogar.

Filippe José Pereira Fortuna.

Francisco Alves da Costa Zuzarte é Brito.

Francisco Antonio Lodi.

Francisco Augusto Cesar Menezes Ca-

bral Freire Andrade de Brito e Alar-

Francisco Boaventura Pereira Barboza.
P. Francisco Caetano Vieira.

Francisco Delgado Figueira da Cunha Dessa.

Francisco Feliz Amado.

Francisco Ferreira da Cunha de Carvalho.

Francisco Gomes.

Fr. Francisco Henriques Faria. Francisco Ignacio Gomes Leal. Francisco Ignacio Pereira Rubião.

Francisco José de Carvalho. (12 exemplares.)

Francisco José de Faria.

Francisco José Freire de Macedo.

Francisco José Mendes.

Francisco José Pereira Penna Fortuna.

Francisco, Pereira dos Santos.

P. Francisco Rodrigues Alexandrino.
P. Francisco Rodrigues Casaleiro.

Francisco de Sales.

Francisco Thomaz Morrogh.

Francisco Torcato Vaz.

P. Francisco Vieira de Castro Tei-

Fr. Gregorio Bento da Immaculada Conceição de Maria Castro.

Gregorio Freire Cameiro.

Henrique José Percira. Henrique Pedro da Costa.

Ignacio Antonio da Fonceca Benavides.

Ignacio Rafael Gomes.

Jacinto Alberto Lopes Mendonça.

Jacinto José Vieira.

Jacinto Xavier Lopes de Carvalho.

Januario da Costa Neves.

Januario José Raimundo Penaforte Nogueira.

P. João Antonio, da Congregação do

Oratorio.

João Antonio Murta.

P. João Antonio Valente de Moraes Mesquita.

João Augusto da Cunha Almeida Ma-

tos Mexia Feyo.

P. João Baptista Carrilho.

João Baptista Veltin.

João Baptista Verde.

João Christovão Sagreman.

João da Costa Carvalho Guimarães.

João Diniz Pereira.

Fr. João Evangelista. João Felix Gomes Pinto.

Toão Gomes.

João Henriques. (2 exemplares.) P. João Joaquim de Andrade. João José Machado Ferreira.

João Pinto de Mendonça Arraes. João José Monteiro, Sargento Mór. Er. João José da Purificação. João José de Souza Machado Leite. Ioão Manoel Alves Pereira. Tojo Manoel de Barros. João Manoel Rodrigues Castello. João Paes de Sande e Castro. Fr. Ioão de Santa Rosa. João Soyé Wafer e O'connor. Toão Valerio da Costa. Joaquim Antonio Ferreira Ribeiro de Santa Anna. P. Joaquim Antonio Lima. Joaquim Antonio Rodrigues Lusitano. Joaquim de Barros Teixeira Lobo. Jobquim Candido Ferreira dos Santos. Joaquim Guilherme da Costa Posser. Joaquim Ignacio Pinheiro.
Joaquim Januario Saldenha Machado.
Joaquim José Lopes.
Joaquim José da Luz.
Joaquim José Nogueira. Joaquim José Pedro Lopes. Joaquim José dos Santos. Joaquim Paulo Franco da Rosa. Fr. Joaquim da Purificação Albuquer-

que.

## [ 239 ]

Fr. Joaquim do Rosario.

Fr. Joaquim de Santa Gertrudes.

Joaquim Silverio d' Ataide. (3 exem-

plares.)

Jorge José da Silva.

Jorge Volckart.

José Anastacio da Rocha.

José Antonio Affonso.

José Antonio Araujo Velloso.

José Antonio de Carvalho.

José Antonio de Castro.

José Antonio da Costa Lemos e Na-

poles.

P. José Antonio de Magalhães.

José Antonio dos Santos.

José Antonio da Silva Pedrosa, Desembargador.

José Antonio da Veiga, Desembar-

gador.

José Bernardes Ayres Alva e Lor-

P. José de Serqueira Madres.

P. José Coelho.

José Coelho Guimarães.

José Copertino de Carvalho.

Fr. José Duraes.

José Felix Pombo.

José Ferreira Leitão Freire.

José Filippe Dias Vieira. (3 exemplares.) José Francisco Ferreira.
José Francisco Tavares.
José Garcia Gonzales.
José Ignacio de Andrade.
José Joaquim Barreira.
José Joaquim de Freitas Rego.
José Joaquim Paes de Sande e Castro.
José Joaquim de Pontes e Souza.
José Joaquim de Souza Carvalho.
José Joaquim de Souza Carvalho.
José Lauriano Mendonça e Silva.
José Lazaro Nunes.
José Lobo de Macedo Pereira.
José Lourenço Mendes.
José Maria Cardoso Soeiro. Desem-

bargador. P. José Maria Rosado Cardoso. José Mauricio.

Fr. José de Mendonça. José Monteiro Guedès.

José do Nascimento Mello.

José das Neves.

José Pedro Coelho Mayer.

José Pedro da Costa Maria Villas-

P. José Rodrigues de S. Camillo. José dos Santos.

P. José de Souza Ferreira Guimarães. José Vicente Victoria.

P. José Vieira de Sampaio.

Lazaro José Lobo. Lourenço José Alves. Luiz Antonio I.obo. Luiz Gomes Costa Faria Pacheco: Luiz José Ribeiro.

Manoel Alves de Mello. (2 exempla-

res.)

Manoel de Ambrosis Junior. Fr. Manoel do Amor Divino.

Manoel Antonio Franco. (2 exempla-

res.)

Manoel Antonio Franco:

Manoel Antonio Teixeira da Silva. Manoel Bento Dias Ferreira. (4 exem-

plares. )

Manoel Joaquim Cordeiro. Manoel Joaquim da Costa.

Manoel Joaquim de Sá Braga.

Manoel José Bahia.

Manoel José de Faria. Manoel José de Freitas.

Manoel José Gomes Pinto.

Manoel José Rodrigues.

Manoel Marcos Soyé.

Manoel Mendes da Silva.

Manoel Nicoláo Esteves Negrão. De-

sembargador.

Manoel d'Oliveira Gadanho.

Manoel Pedro Pereira.

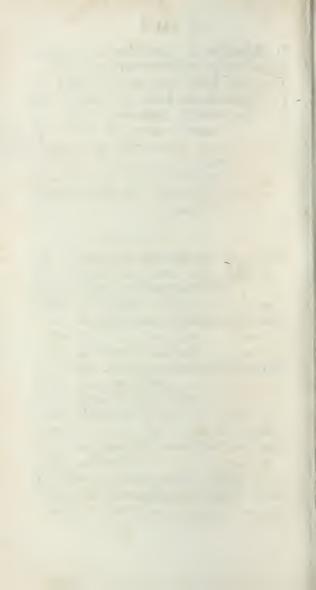
Manoel Pereira Portella.

Manoel Polycarpo de Souza da Guerra Quaresma, Desembargador. P. Manoel Rodrigues d' Abreu. Fr. Manoel de Santa Margarida. Fr. Manoel de Santa Rita. D. Maria de Souza Valaré. Marques de Penalva. Matheus Gonçalves dos Santos. Fr. Matheus da Purificação. Miguel Antonio Franzini, Miguel de Faria Amaral. Miguel Le Bourdieu. Miguel de Moura. Fr. Miguel da Purificação. Fr. Miguel da Rainha dos Anjos. Nuno Baracho Encerrabodes. Paulo de Avelar Telles. Paulo de Mendonça Falcão Coutinho Sampaio Vasconcellos. Pedro Alexandre Cavroé. P. Pedro Antonio Fernandes Pereira. Pedro Carlos Midosi. Pedro José de Miranda. Prior d' Ociras. Rafael Antonio Rodrigues da Costa. Ricardo Gomes Rosado Moreira Froes.

(2 exemplares.)
D. Rodrigo Antonio de Mello.
Sebastião da Cunha d'Azeredo Coutinho e Souza.

### [ 243 ]

D. Sebastião da Soledade. Sylverio Manoel Resende. Theodoro José Pinheiro. P. Theodosio da Silva. P. Vigario de S. Camillo.



#### CATALOGO

DAS

# OBRAS DO R. P. JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO,

Que se vendem na Loja de João. Henriques, na Rua Augusta N.º 1.

efutação dos Principios Metha	-	
fisicos, e Moraes dos Pedrei	-	
encad		600
artas Filosoficas a Atico. I vol		
broch	-	480
Homem, ou os Limites da	a	
Razão; Tentativa Filosofica.	,	
	-	320
Couto, Resposta -ao Folheto	0	3
deira, broch		300
nalyse Analysada, Resposta :	a	,
A. M. do Couto -	-	100
Verdade, broch		300
		5
	fisicos, e Moraes dos Pedreiros Livres Illuminados. I volencad.  artas Filosoficas a Atico. I volencad.  Homem, ou os Limites de Razão; Tentativa Filosofica broch.  Couto, Resposta -ao Folhete Regras da Oratoria da Cadeira, broch.  nalyse Analysada, Resposta A. M. do Couto Verdade, broch.	Artas Filosoficas a Atico. 1 vol. broch.  Homem, ou os Limites da Razão; Tentativa Filosofica, broch.  Couto, Resposta -ao Folheto  Regras da Oratoria da Cadeira, broch.  nalyse Analysada, Resposta a A. M. do Couto  Verdade, broch.  Oriente, Poema Epico, 2 vol.

# [ 246 ]

, melhor Encaderna-	
	1800
Newton, Poema Filosofico	240
, Segunda Edição, com	
I Estampa. broch	400
A Meditação, Poema Filosofico	
( de que restão mui poucos	
exemplares) i vol	600
O Argunauta, Poemeto	240
Ode a Lord Wellington	60
— A Alexandre Imperador da	
Russia. (1.2)	100
— Ao Mesmo. (2.2)	80
A' Ambição de Bonapar-	
10	80
— Ao General Kutusow	80
Epistola a Lord Wellington	80
A's Nações Alliadas na	
passagem do Rheno	80
O Voto, Elogio Dramatico	80
Epistola em resposta a outra de	
Maio e Lima	80
Os Sebastianistas, 1.ª, e 2.ª par-	
10	600
Mais Logica.	50
Justa Defeza do Livro intitula-	
do = Os Sebastianistas. = -	80
A Senhora Maria	80
Inventario de Sandices	240
Exame Examinado, resposta a	-11
Rocha e Pato	240

Considerações Christans, e Poli-	
ticas sobre os Libellos Infam-	
matorios	110
Considerações Mansas sobre o	
4.º tomo das Obras de Boca-	
ge	120
Carta que escreveo o Doutor	
Manoel Mendes Fogaça ao	
seu amigo Trasmontano, so-	
bre huma Comedia que vira	
representar em Lisboa intitu-	
lada = A Preta de Talen-	
tos	120
	120
(2.2) escrita pelo Doutor	
Manoel Mendes Fogaça ao	
seu amigo Trasmontano, em	
que lhe dá noticia de outra	
Comedia que vira representar	
intitulada = Adelli	160
- de Fogaça, ou Historia	
do Cerco de Saragoça, segun-	
do a vio representar em hu-	
ma Comedia o Doutor Ma-	
noel Mendes Fogaça, que a	
descreve ao seu amigo Tras-	
irontano, no estilo de seu	
quinto avô Fernão Mendes	200
	200
de Manoel Mendes Foga-	
ça, em resposta á que lhe di-	
rigio Antonio Maria do Cou-	

liday em Lisboa impugnado até a evidencia 120  Carta escrita por Manoel Mendes Fogaça, a seu amigo Antonio Mendes Baléa sobre huma Farça anonyma, que lêra impressa, e vira huma vez rerepresentar intitulada = Manuel Mendes. = - 160  — sobre o Episodio do Adamastor 120  — de hum Pai a seu filho estudante na Universidade de Coimbia 120  Resposta aos dois do Investigador 120  As Pateadas de Theatro investigadas na sua origem, e causas 2400  Panegyrico de S. Francisco Xavier, recitado na Real Capella dos Passos de Queluz a 3 de Dezembro do anno de 1804, estando presente S. A. R. o	to intitulada = O Doutor Ha-	
Carta escrita por Manoel Mendes Fogaça, a seu amigo Antonio Mendes Baléa sobre huma Farça anonyma, que lêra impressa, e víra huma vez rerepresentar intitulada = Manuel Mendes. =		
Carta escrita por Manoel Mendes Fogaça, a seu amigo Antonio Mendes Baléa sobre huma Farça anonyma, que lêra impressa, e víra huma vez rerepresentar intitulada = Manuel Mendes. =	até a evidencia	120
des Fogaça, a seu amigo Antonio Mendes Baléa sobre huma Farça anonyma, que lêra impressa, e vita huma vez rerepresentar intitulada = Manuel Mendes. =		
tonio Mendes Baléa sobre huma Farça anonyma, que lêra impressa, e víra huma vez rerepresentar intitulada = Manuel Mendes. =		
ma Farça anonyma, que lêra impressa, e víra huma vez rerepresentar intitulada = Manuel Mendes. =	tonio Mendes Baléa sobre hu-	
impressa, e víra huma vez re- representar intitulada = Ma- nuel Mendes. =		
representar intitulada = Manuel Mendes. =	impressa, e vita huma vez re-	
nvel Mendes. =	representar intitulada $= Ma$ -	
mastor.  de huni Pai a seu filho estudante na Universidade de Coimbra.  Resposta aos dois do Investigador.  As Pateadas de Theatro investigadas na sua origem, e causas.  Motim Litterario. 4 vol.  Panegyrico de S. Francisco Xavier, recitado na Real Capella dos Passos de Queluz a 3 de Dezembro do anno de 1804, estando presente S. A. R. o	nuel Mendes. =	160
mastor 120  — de huni Pai a seu filho estudante na Universidade de Coimbra 120  Resposta aos dois do Investigador 120  As Pateadas de Theatro investigadas na sua origem, e causas 300  Motim Litterario. 4 vol 2400  Panegyrico de S. Francisco Xavier, recitado na Real Capella dos Passos de Qualuz a 3 de Dezembro do anno de 1804, estando presente S. A R. o		.00
de hunt Pai a seu filho estudante na Universidade de Coimbra 120 Resposta aos dois do Investigador 120 As Pateadas de Theatro investigadas na sua origem, e causas 2400 Motim Litterario. 4 vol. 2400 Panegyrico de S. Francisco Xavier, recitado na Real Capella dos Passos de Queluz a 3 de Dezembro do anno de 1804, estando presente S. A. R. o	-	120
tudante na Universidade de Coimbia 120 Resposta aos dois do Investigador 120 As Pateadas de Theatro investigadas na sua origem, e causas 300 Motim Litterario. 4 vol 2400 Panegyrico de S. Francisco Xavier, recitado na Real Capella dos Passos de Queluz a 3 de Dezembro do anno de 1804, estando presente S. A. R. o		
Coimbia 120 Resposta aos dois do Investigador 120 As Pateadas de Theatro investigadas na sua origem, e causas 300 Motim Litterario. 4 vol. 2400 Panegyrico de S. Francisco Xavier, recitado na Real Capella dos Passos de Qualuz a 3 de Dezambro do anno de 1804, estando presente S. A. R. o		
Resposta aos dois do Investigador		120
dor		123
As Pateadas de Theatro investi- gadas na sua origem, e cau- sas 300 Motim Litterario. 4 vol 2400 Panegyrico de S. Francisco Xa- vier, recitado na Real Capel- la dos Passos de Queluz a 3 de Dezembro do anno de 1804, estando presente S. A R. o		120
gadas na sua origem, e causas 300 Motim Litterario. 4 vol 2400 Panegyrico de S. Francisco Xavier, recitado na Real Capella dos Passos de Queluz a 3 de Dezembro do anno de 1804, estando presente S. A. R. o	As Pateadas de Theatro investi-	
Motim Litterario. 4 vol. 2400  Panegyrico de S. Francisco Xavier, recitado na Real Capella dos Passos de Queluz a 3 de Dezembro do anno de 1804, estando presente S. A. R. o		
Motim Litterario. 4 vol 2400 Panegyrico de S. Francisco Xavier, recitado na Real Capella dos Passos de Queluz a 3 de Dezembro do anno de 1804, estando presente S. A. R. o		200
Panegyrico de S. Francisco Xavier, recitado na Real Capella dos Passos de Queluz a 3 de Dezembro do anno de 1804, estando presente S. A. R. o		
vier, recitado na Real Capel- la dos Passos de Queluz a 3 de Dezembro do anno de 1804, estando presente S. A. R. o	Panegyrico de S. Francisco Xa-	2400
la dos Passos de Queluz a 3 de Dezembro do anno de 1804, estando presente S. A. R. o	vier recitado na Real Capel-	
de Dezembro do anno de 1804, estando presente S. A R. o		
estando presente S. A R. o	de Dezembro do anno de 1804.	
PRINCIPE RECENTE N S que	estando presente S. A. R. o	
	PRINCIPE REGENTE N.S., que,	
por voto seu particular, man-	por voto seu particular man-	
dou festejar o mesmo Santo. 160	dou festeiar o mesmo Santo.	160
Sermão das Dores de N. Senho-	Sermio das Dores de N. Senho-	100

ra, prégado na Real Capella dos Passos de Queluz, na Festividade que mandava fazer a Serenissima Senhora Princeza do Brazil, viuva, no anno de 1803. 120 Sermão de Quarta feira de Cinza, prégado na Santa Igreja da Misericordia de Lisboa a 3 de Março de 1813. 120 — de Acção de Graças pelo Milagroso beneficio da Paz Geral da Europa, prégado na Igreja de S. Julião a 22 de Junho de 1814, na grande Eestividade, que o Juiz do Povo, e Casa dos vinte e quatro da Cidade de Lisboa celebrárão, a que assistírão os Excellentissimos Senhores Governadores do Reino, a Nobreza, e pessoas de distincção de todas as Classes. 160 de Acção de Graças pelo milagroso Restabelecimento da Felicidade da Europa, prégado na Real Casa de San-

to Antonio, na pomposa Solemnidade que fez o Senado

da Camera de Lisboa, no dia	
2 de Maio do anno de 1814.	-/-
Sermão de Proces rela la servicio de 1014.	160
Sermão de Preces pelo bom suc-	
cesso das nossas Armas, con-	
tra as do Tyranno Bonapar-	
te, na terceira invasão neste	
Reino, prégado na Igreja de	
N. Senhora dos Martyres a	
31 de Agosto á Noite, na	
entrada da solemne Procissão	
de Penitencia, que fez a exem-	
plar Ismandada da N. Call	
plar Irmandade de N. Senho-	
ra de Jezus.	120
prégado na Igreja de	
N. Senhora dos Martyres a	
23 de Novembro de 1808 por	
occasião de Festividade na	20
Feliz Restauração deste Rei-	
no	120
de Acção de Graças ao	220
Omnipotente pelo beneficio da	
Par Garal prigade no Large	
Paz Geral, prégado na Igre-	
ja de S. Paulo de Lisboa no	
dia 14 de Fevereiro de 1802.	100
contra o Filosofismo do	
Seculo XIX., prégado na Igre-	
ja de S. Julião de Lisboa na	
quinta Dominga de Quares-	
ma do anno de 1811	200

\_\_ sobre o espirito da Seita Dominante no Seculo XIX. Ha mais algumas Obras em prosa, e em verso na Collecção do Semanario de Instrucção e Recreio, 52 N.es em 2 volumes, que tambem se vendem na mesma Loja: assim como tambem ha outras obras do mesmo Author impressas, de que he raro apparecer algum exemplar; taes são: As Odes de Horacio, traduzidas em ve:so; os Epicedios na morte do Principal Mello, do Conde de S. Lourenço, e de Bocage; a Epistela ao Capitão Lunardi, etc. etc.

160

